

AUDIO VIDEO MAGAZINE

ANO 24
JULHO 2021

275

EDITORA
AMMAG
www.clubedoaudio.com.br

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA



INCRIVELMENTE PRECISA

TV SAMSUNG NEO QLED 55QN90A



E MAIS

TESTES DE ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO
CAMBRIDGE AUDIO CXA81

CAIXAS ACÚSTICAS ELAC DEBUT 2.0 B6.2
BRAÇO ORIGIN LIVE ENTERPRISE C MK4

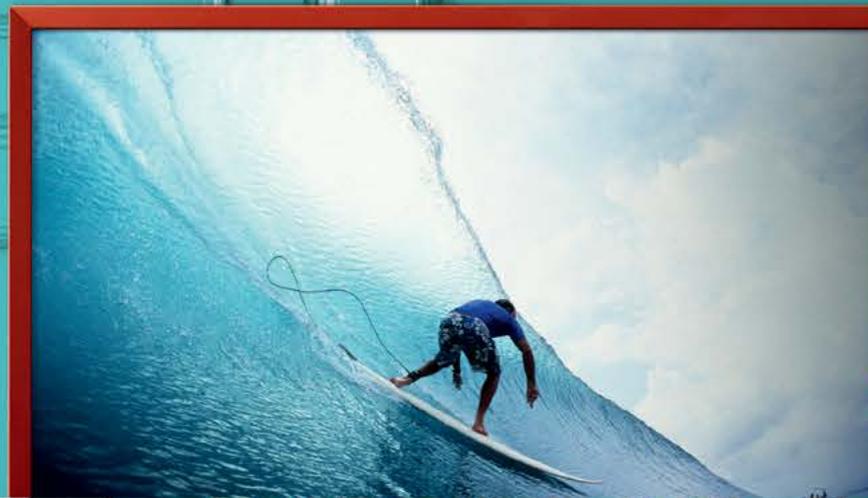
OPINIÃO

NEM TANTO AO MAR, NEM TANTO À TERRA
POPULARIZAÇÃO CULTURAL DESTRUTIVA

UM VISLUMBRE DO FUTURO AGORA

CAIXAS ACÚSTICAS KII AUDIO THREE

SAMSUNG



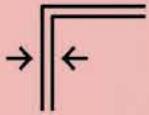
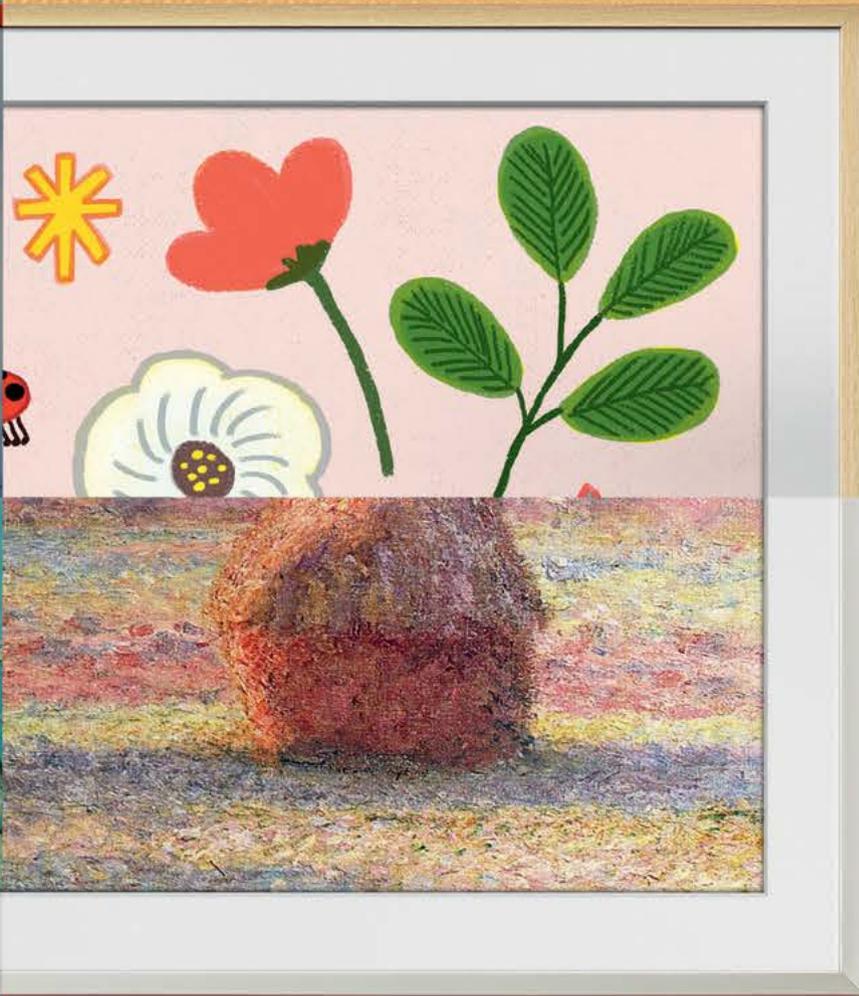
The Frame

Sua TV é você quem faz

Para saber mais, acesse samsung.com.br/theframe



Imagens meramente ilustrativas. As molduras são itens vendidos separadamente. As molduras para TV The Frame linha 2021 não são compatíveis com TVs The Frame de anos anteriores (modelos UNLS003, LS03R e LS03T), bem como as molduras modelos SCFM, SCFN e SCFT não são compatíveis com as TVs The Frame LS03A. Para ter acesso ao Art Store é necessária a inclusão de método de pagamento (cartão de crédito). Serviço cobrado: R\$ 16,00 de assinatura mensal para ter acesso a todo o conteúdo disponível ou compra única



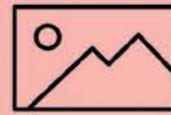
Slim Frame Design

Um quadro moderno na sua sala.



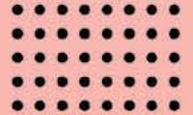
Molduras customizáveis

Ainda mais estilo para a sua decoração.



Modo Arte

Loja de obras de arte digital.



Pontos Quânticos

100% do volume de cor.

ÍNDICE



CAIXAS ACÚSTICAS KII AUDIO THREE

50

E EDITORIAL 6

Notórias inutilidades!

🌟 NOVIDADES 8

Grandes novidades das principais marcas do mercado

🌐 HI-END PELO MUNDO 14

Novidades

✂️ OPINIÃO 16

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra

✂️ OPINIÃO 18

Popularização cultural destrutiva

🎵 PLAYLISTS 20

Playlist de julho

🎧 DISCOS DO MÊS 24

Art-Rock, Trilha Sonora & Jazz

🎧 AUDIOFONE 31

Volume 16



58



70



78

^ TESTES DE ÁUDIO

50
Caixas acústicas
Kii Audio Three

58
Amplificador integrado
Cambridge Audio CXA81

64
Caixas acústicas
Elac Debut 2.0 B6.2

70
Braço Origin Live
Enterprise C MK4

∨ TESTE DE VÍDEO

78
TV Samsung
Neo QLED 55QN90A

└ ESPAÇO ABERTO 88

Um equalizador levado à sério!

📦 VENDAS E TROCAS 90

Excelentes oportunidades de negócios

SAMSUNG

**1 ANO DE
GARANTIA
EXCLUSIVA**

para produtos
comercializados no Brasil



The Premiere

Um cinema 4K em casa



**Projeção 4K HDR
em até 130"**

Tela de cinema com o máximo da resolução.



**Tecnologia
Triple Laser**

Cores ainda mais vibrantes e cristalinas.



**Projeção
ultracurta**

Tela gigante com simples instalação e estilo.

Smart TV
Powered by **TIZEN**

**Experiência
de Smart TV**

Acesse seus aplicativos favoritos sem complicações.



**Som
imersivo**

Som com 4.2 canais e Acoustic Beam.

Para saber mais, acesse samsung.com.br/thepremiere

Imagens meramente ilustrativas. Esses benefícios referem-se ao modelo LSP9. O projetor a laser pode ser direcionado a uma superfície plana branca ou monótona brilhante sem a necessidade de instalação de uma tela adicional. Para uma experiência mais otimizada, recomenda-se o uso de uma tela dedicada ao projetor de lançamento ultracurto. Smart TV: serviços e conteúdos da Smart TV Samsung podem variar de acordo com modelo de TV e região. Os aplicativos divulgados podem não estar disponíveis em todas as Smart TVs Samsung. A plataforma Samsung Smart TV é usada pelos provedores de conteúdo para disponibilizar aplicativos. Os provedores de conteúdo podem remover aplicativos da plataforma Smart TV ou parar de dar suporte a qualquer momento. O prazo entre o lançamento e a disponibilização de um aplicativo pode variar. A utilização de alguns aplicativos pode estar sujeita a acordos de fornecedores de serviços terceirizados. Alguns recursos, aplicativos e serviços exigem consentimento para a coleta e o uso de informações pessoais e/ou acessórios vendidos separadamente. Eventuais custos de assinatura ou contratação poderão ser cobrados pelos desenvolvedores dos aplicativos.



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

NOTÓRIAS INUTILIDADES!

Quem nunca perdeu seu tempo lendo artigos que contam as 'bizarrias' criadas em diversos segmentos das indústrias de tecnologia? Eu recentemente me deparei com um extenso artigo, contando sobre os 20 aviões mais inúteis já produzidos na indústria aeronáutica. Alguns, realmente, beiram ao ridículo e fica difícil imaginar que não tenham sido abortados logo na apresentação da ideia. O mesmo você encontrará na indústria automobilística e, pasmem, até na Fórmula 1, que já colocou nas pistas carros que provaram ser verdadeiras 'carroças'! Porém, arrisco dizer que o número de notoriedades inúteis, como as fabricadas pela indústria do áudio é, hors-concours - pois ela se estende por todos os nichos, dos acessórios aos eletrônicos e, claro: caixas acústicas. Já mostramos algumas nas seções Espaço Aberto e Opinião, mas elas são tão constantes que, se quiséssemos, elas poderiam tranquilamente se tornar uma seção fixa, como o Hi-End pelo Mundo, produzido mensalmente pelo colaborador Christian Pruks. Eu as recebo semanalmente, e tenho-as guardado em minhas anotações pessoais, pois acho que merecem ser no futuro objeto de estudo, pois atrás de cada um desses produtos tem uma mente que gastou tempo planejando, seu dinheiro construindo e, certamente, esperando por reconhecimento de seu trabalho. Como editor da revista, já passei por algumas 'saídas justas' ao ser apresentado a projetos que não têm a menor chance de vingar. E dizer isso com jeito, sem ferir suscetibilidades, é uma das tarefas mais complicadas que já vivenciei à frente da revista. Pois aquilo é para a pessoa como um filho, e não se fala coisas desagradáveis sobre os filhos dos outros, não é verdade? Mas como as 'bizarrias' tem se multiplicado mundo afora, resolvi dedicar o editorial como um alerta aos nossos leitores, pois em algum momento o nosso pequeno mercado fatalmente será contaminado. Vou listar algumas mais

recentes, que mais parecem 'pegadinha' de Primeiro de Abril - mas são sérias e tem até conseguido espaço nas mídias para sua divulgação. Não vou citar nomes para evitar processos judiciais, é claro, mas qualquer leitor antenado poderá pesquisar na internet e conhecer os 'Notórios Inúteis'. O primeiro da lista é uma corneta produzida na Ásia, em que a boca da corneta permite um adulto ficar em pé dentro dela e convidar mais dois adultos para ficarem perfilados - quando colocados o canal direito e esquerdo lado a lado, suas bocas ocupam uma parede de mais de quatro metros de largura por dois metros de altura. A segunda é um braço (também produzido na Ásia, em alumínio oco) de 1 metro de comprimento (sim, o sr leu certo - 1 metro!) e cujo contrapeso é escalonado por sub pesos que ficam pendurados como se fossem tubos de vários tamanhos e diâmetros. A terceira, se trata de uma caixa acústica ativa com quatro válvulas EL34 saindo do gabinete em cima, sendo uma caixa book de duas vias (também de fabricante asiático). A quarta bizarrice recente são cabos de caixa, força e interconexão que parecem terem sido inspirados no filme Anaconda, tamanho o diâmetro e o peso dos mesmos. Este cabo já está no mercado há mais de três anos, e teve até um ou dois reviews já publicados. E a última é uma caixa esculpida em uma rocha, literalmente! Tão estranha que poderia perfeitamente ser a caixa do Barney do desenho dos Flintstones! Tirando os cabos, que já estão no mercado, não consegui saber se os outros produtos citados já são comercializados, ou são apenas 'protótipos', mas fico imaginando fora seus projetistas, quem realmente em um mercado com tantas excelentes opções se arriscaria a comprar algum desses produtos.

Você se arriscaria amigo leitor? ■


estelon



ESTELON YB

MAIS UMA OBRA DE ARTE, NA PERFORMANCE E NA BELEZA DAS LINHAS,
APRESENTADA PELA GERMAN AUDIO AOS AMANTES DA MÚSICA, NO BRASIL.

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br

german
Audio
www.germanaudio.com.br



GOLD NOTE VOLTA AO BRASIL COM NOVO DISTRIBUIDOR



A Gold Note é uma empresa italiana relativamente nova, mas que já alcançou enorme reconhecimento internacional.

Fundada em Florença em 2012, por Maurizio Aterini, já está presente em mais de 40 países e, pelo seu volume de vendas, tornou-se a fabricante italiana líder na indústria de áudio hi-end.

Totalmente verticalizada, a Gold Note oferece soluções completas de sistemas hi-end, pois fabrica desde cápsulas, toca-discos, e caixas acústicas até eletrônicos.

Segundo Maurizio, sua empresa busca preservar uma história de tradição e inovação de Florença, que vai da arquitetura até a arte (pintura e música), e continua sendo uma fonte inesgotável de inspiração. Ele não esconde que o conceito principal de sua empresa é mostrar ao mundo o que ele chama de “Som Italiano”, que tem como principais características “um realismo vívido, com separação precisa dos espaços de cada instrumento, com velocidade, clareza e detalhes minuciosos”.

“Nossa filosofia”, diz Maurizio, “é apresentar uma reprodução fiel do acontecimento musical de forma mais natural e relaxada possível”.

Para uma empresa com apenas uma década de existência, é impressionante sua carteira de produtos.

São cinco toca-discos: do top de linha Mediterraneo, ao de entrada Valore 425 Lite. E dois braços: o B-7 Ceramic, e B-5.1.

Cápsulas são cinco modelos (três MC e duas MM): sendo a Toscana a top de linha MC, e a Vasari a top MM.

Prés de phono são dois modelos: o PH 10 (já testado por nós na edição 249), e o PH-1000, que está em teste (leia na edição de outubro de 2021).

A linha de eletrônicos atual consiste em: integrado IS-1000, com streaming, DAC e pré de phono (leia o teste na edição de agosto de 2021). O DS-10 Streaming DAC (leia teste na edição de setembro

de 2021). Os powers PA-1175 estéreo e PA-10. O pré-amplificador P-1000 MkII. Estágios de saída valvulados TUBE-1012 e TUBE-1006, que podem ser utilizados tanto no pré de phono PH-1000 como no pré de linha P-1000 MkII.

Além disso, a Gold Note tem suas famosas opções de fontes externas (PSU) para serem utilizadas nos dois pré de phono, no DAC ou no pré de linha. São elas: PSU-1250 (modelo top) e PSU-1000. A linha conta também com as fontes PST-10 (para os toca-discos), PSU-10 Evo (para o DAC), PSU-10 (para o pré de phono PH-10).

E, por fim, completa a linha as caixas acústicas: a top de linha XS-85, uma imponente coluna de acabamento estonteante, a coluna de três vias XT-7, a coluna de duas via e meia A6 EVO II, e a bookshelf A3 EVO II.

A German Audio já tem à disposição toda a linha de eletrônicos - exceto o power PA-1175 MkII, o pré amplificador P-1000 MkII e as caixas e toca discos, que só serão importados quando solicitados pelo cliente). ■



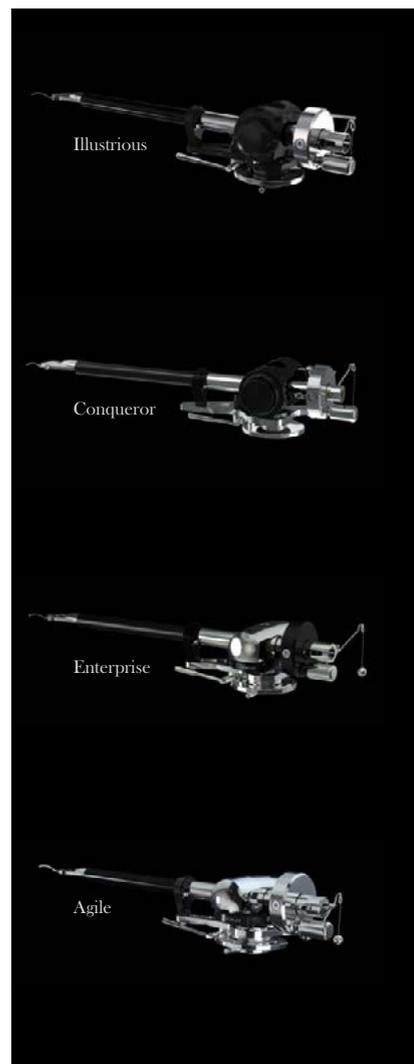
Para mais informações:
German Audio
www.germanaudio.com.br



HIGH PERFORMANCE

Tonearms

From affordable to aspirational, Origin Live tonearms are renowned for their world leading, high performance designs.



A sinergia entre alguns produtos as vezes nos surpreende, foi assim com os braços Origin Live e o Toca discos Ceres, da Timeless Audio.

Durante o seu desenvolvimento, tamanha foi a sinergia que escolhemos trazer os braços da Origin Live para complementar nossa constante busca por excelência.

Agora você pode ter os melhores braços da atualidade. Nossos consultores estão a disposição para encontrar a melhor solução para você.

 **ORIGIN LIVE**

Recreating the
Original Sound

www.originlive.com



TIMELESS AUDIO

contato@timeless-audio.com.br
www.timeless-audio.com.br

021 99538 4779
011 98211 9869

CAIXAS ACÚSTICAS ESTELON AGORA NO BRASIL



Ainda que seja um fabricante com apenas uma década de existência, a Estelon já conseguiu se firmar como um dos mais inovadores fabricantes de caixas acústicas do mercado hi-end.

Por trás deste sucesso, existe um projetista que, desde que se formou em eletroacústica em São Petersburgo, decidiu que um dia colocaria em prática suas ideias inovadoras em seus próprios projetos.

Estamos falando de Alfred Vassilkov, que trabalhou por 25 anos em diversos projetos de áudio, até que em 2010 comunicou à sua família que iria abrir sua própria empresa e realizar seu maior sonho: construir caixas acústicas com componentes de ponta e design inovador, que produzissem uma sonoridade realista e proporcionassem uma experiência musical inimaginável.

Pelos prêmios acumulados nos últimos cinco anos, parece que seu tão almejado objetivo foi alcançado.

O grande diferencial da Estelon (segundo o próprio Alfred) encontra-se na inspiração na natureza exuberante da Estônia nas suas florestas ainda existentes. Cada caixa Estelon é feita uma a uma, de maneira artesanal, e todos os componentes utilizados são avaliados um a um antes de se iniciar o processo de produção.

Todos os gabinetes são construídos com um material composto de mármore, patenteado. Isso permite a criação de formatos perfeitos para os alto falantes que serão utilizados em cada série - essas formas personalizadas eliminam quaisquer ressonâncias e rebatimentos internos extras, para que não haja qualquer tipo de coloração.

As técnicas de acabamento dos alto falantes vêm da indústria automotiva. É um acabamento feito a mão e consiste (dependendo da série) em até 12 camadas de polimento manual, uma a uma.

Os alto-falantes utilizados (em duas séries), são da parceria com a empresa alemã Thiel & Partner. Os mesmos são feitos de materiais com membrana rígida, como cerâmica, diamante-CVD, e alumínio, sob a marca Accuton.

Na série de entrada YB, os drivers utilizados são da SEAS e da Scanspeak. Os drivers de médio alcance Scanspeak Revelator são muito conhecidos no mercado audiófilo pelo cone de papel fatiado. Já o tweeter compacto de berílio de 1 polegada, é caracterizado por sua rigidez, leveza e alto amortecimento. E os cones de alumínio dos falantes de grave são da SEAS.

A German Audio, o novo distribuidor da Estelon, já nos garantiu o teste de dois modelos assim que o primeiro lote chegar ao Brasil, em agosto próximo. ■



Para mais informações:
German Audio
www.germanaudio.com.br



Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Pererí oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi *e*xperience
www.hifiexperience.com.br

LANÇAMENTOS DE CAIXAS DA LINHA HOME ÁUDIO DA EDIFIER



M601DB

Conceito de sonorização Home Áudio com os modelos de lançamento R33BT+ e M601DB.

Hoje ouvir todo o tipo de música e ver vídeos, se tornou algo mais simples, que há tempos atrás. Tudo isto foi possível, em virtude da oferta de plataformas de serviço de streaming de música e vídeos, além da diminuição do custo de tecnologias de conexão e internet. Mas como desfrutar o áudio destas entregas é um assunto que demanda investimentos e conhecimento. O conceito de sonorização Home áudio é o entendimento de entregar ao consumidor, um áudio estéreo, com caixas de som de madeira, que valorizem e harmonizem com seu ambiente e que tenham conexão bluetooth e outras, para que seja possível ouvir, com muita qualidade em qualquer ambiente da casa. São caixas de som do tipo 2.0 (duas colunas) ou 2.1 (dois satélite e um subwoofer) que são fáceis de instalar, de as locomover para outros espaços da casa. Podendo sonorizar além de Tvs; conectar através do celular ou qualquer outra fonte de áudio. Estes sistemas de som Home Áudio, tem seu custo final extremamente interessante.

Caixas de som 2.1 modelo M601DB com 110W RMS - Bluetooth, RCA, Coaxial, Otico, P2 com 2 anos de garantia. Valor final R\$ 1.999. ■



R33BT

Caixa de Som 2.0 modelo R33BT+ com 16W RMS - Bluetooth e P2 com 2 anos de garantia. Valor final R\$ 499.

Para mais informações:
Edifier
www.edifier.com.br

 **CAMBRIDGE
AUDIO**

CXA81
AMPLIFICADOR INTEGRADO



Meia década depois que a linha CX redefiniu o desempenho em seu nível de preço, é hora de reinventar, reengenharia e revigorar. Os novos amplificadores integrados CXA61 e CXA81 constroem sobre as bases estabelecidas (e os prêmios ganhos) pelo CXA60 e CXA80, mas com uma perspectiva nova e progressiva.

O CXA81 é equilibrado, fácil e sofisticado. Seus 80 watts por canal fornecem autoridade completa sobre a música e extrai todas as nuances emocionais e musicais de toda a sua coleção.

 **mediagear**
Sua conexão com o melhor som.

DISTRIBUIDORA OFICIAL NO BRASIL

mediagear.com.br
contato@mediagear.com.br

(16) 3621.7699

@WCJRDESIGN



BRAÇO PARA TOCA-DISCOS THIELE TA01

Sediado em Essen, na Alemanha, o projetista Helmut Thiele acaba de anunciar um novo braço para toca-discos - que será acompanhado do toca-discos TT01. O braço Thiele TA01 é chamado de "zero-tracking-error" (zero erro de tracionamento), trazendo um design que combina o melhor do unipivot com a geometria tangencial, usando dois tubos fibra de carbono paralelos, desacoplados por um gel. O preço estimado para o braço TA01 de Helmut Thiele é de 9.500 Euros, na Europa. ■

www.audiotra.de/thiele

PRÉ DE LINHA HERCULES DA S.A. LAB

A S.A. Lab, uma empresa estabelecida em Moscou, Rússia, centrada em seu desenvolvedor, Alexey Syomin, acaba de acrescentar o pré amplificador à sua linha topo. O pré Hercules, que vem em dois gabinetes - um para o pré e outro com uma fonte separadas por canal - traz tecnologias como o uso de nuvistores com corpo de cerâmica em todos estágios de amplificação. Com acabamento primoroso, pré-amplificador Hercules, que tem entradas e saídas RCA e Balanceadas XLR (com transformador), ainda não teve seu preço divulgado. ■

www.salaboratory.com



CAIXAS BOOKSHELF FULL-RANGE MARLOW CE DA EJ JORDAN

A britânica EJ Jordan é célebre pelo projeto e fabricação de alto-falantes full-range com cones de liga de metal, como seu mais recente full-range Eikona de 4 polegadas, que equipa as caixas bookshelf Marlow CE. O gabinete da Marlow for inspirado no design desenvolvido pela BBC para seus monitores, utilizando compensado de madeira de 9mm amortecido em sua estrutura, com sua ressonância trabalhando com o falante como um instrumento musical. As Marlow, cuja versão CE utiliza bornes e fiação interna de cobre maciço - feitos pelo desenvolvedor inglês de ampliações Tom Evans - tem uma etiqueta de preço de 2.280 Libras o par, no Reino Unido. ■

www.ejjordan.co.uk





TOCA-DISCOS SOLSTICE SPECIAL EDITION DA NAIM

A inglesa Naim Audio acaba de lançar seu primeiro toca-discos de vinil, por parte de uma série especial de equipamentos de nome Special Edition Solstice Collection. O toca-discos Solstice Special Edition, desenvolvido pela alemã Clearaudio de acordo com as especificações da Naim, é um sistema belt-drive com fonte controladora separada, que vem equipado com o braço Naim Aro Mk2, e a cápsula Equinox MC - estes também desenvolvidos e fabricados pela Clearaudio. Acompanha o conjunto o pré de phono Solstice, projeto da própria Naim. O preço do conjunto completo de toca-discos, braço, cápsula, controladora e pré de phono, é de 16.000 Libras, no Reino Unido. ■

www.naimaudio.com

CÁPSULA ECO DA CHARISMA AUDIO

O fundador da canadense Charisma Audio, Bernard Li, é um especialista em áudio analógico que acaba de lançar uma cápsula MC, modelo Eco, com corpo de alumínio, cantilever de cerâmica e diamante perfil super-elíptico, que pretende ser um dos maiores custos-benefício do mercado de cápsulas de alta performance. A Charisma Audio Eco, que tem uma saída de 0.38 mV, uma impedância interna de 8 Ohms, e tem carga de pré sugerida entre 100 e 1000 Ohms, carrega uma interessante etiqueta de preço de 795 dólares. ■

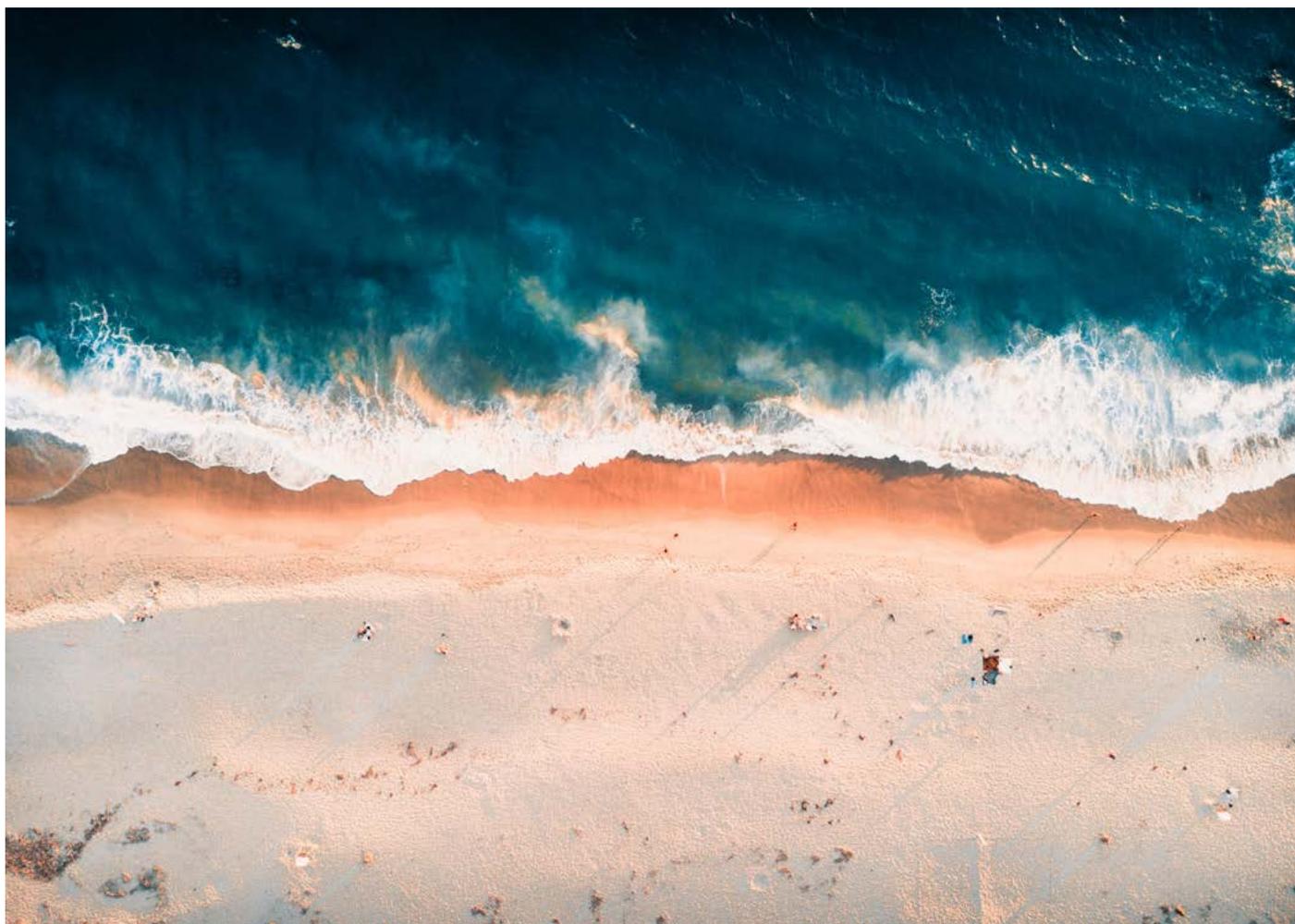
www.charismaaudio.com



LINHA ATTESSA DA ROKSAN

A conhecida marca inglesa de equipamentos de áudio, Roksan, acaba de lançar sua nova linha de eletrônicos, desenvolvida no Reino Unido. A Atessa da Roksan compreende um amplificador integrado com DAC e pré de phono internos (995 Libras), um integrado com streamer e DAC interno compatível com todos os formatos e serviços do mercado (1.495 Libras), um transporte CD (495 Libras), e um toca-discos de vinil - com braço unipivot, cápsula Roksan Dana e prato de vidro com alumínio (995 Libras). A disponibilidade e preços são no Reino Unido. ■

www.roksan.com



NEM TANTO AO MAR, NEM TANTO À TERRA

XX **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

Peço desculpas aos nossos leitores mais antigos, que nos acompanham há tantos anos e conhecem toda a nossa trajetória, mas vou mais uma vez ter que abordar o velho e cansativo tema da Objetividade x Subjetividade.

Pois ainda hoje, após 25 anos, tem alguns 'desafetos solitários' que nos fazem acusações completamente despropositadas e, pior, nunca apresentam nenhuma prova. É sempre aquela velha fórmula, 'um revendedor me disse', ou um consumidor comparou o produto testado por nós com um lacrado, e o de teste estava 'turbinado', etc, etc.

E sempre me pergunto, me colocando no lugar de uma pessoa que escuta estas acusações tão graves, como pode ouvir, sem questionar o acusador a mostrar as provas! Pois reitero que qualquer publicação que tenha como linha editorial este tipo de conduta, deveria ser execrada do mercado.

Então, em respeito a você, nosso novo leitor, quando se deparar com este tipo de argumento, cobre do denunciante que apresente as provas ou se cale definitivamente e vá simplesmente fazer algo de útil à sua triste existência. ▶

A mais nova tentativa de ataque, nos acusa de sermos contra os testes objetivos e a ciência. Temos uma linha editorial que, por anos, fez uso de testes objetivos para avaliação de caixas acústicas, e basta uma visita ao nosso site para constatar dezenas de artigos técnicos sobre as mais amplas áreas relativas ao áudio.

Tratamos de assuntos pertinentes, como a musicoterapia, neurociência, problemas de vibração, tratamento elétrico, acústico, avanços e descobertas de novas técnicas de abordagem na maneira psicoacústica de escutar, e ainda assim somos acusados de negar os avanços científicos?

Outra das mais absurdas acusações é de que muitos dos produtos os quais apresentamos os testes, sequer vieram para nós. Como isso seria possível? Recebemos semanalmente pessoas em nossa Sala de Referência, que são testemunhas oculares de produtos em teste, em amaciamento, e por anos fizemos os testes abertos. Em que tanto o importador e o fabricante eram convidados, como nossos leitores. Com direito a depoimento escrito de todos!

Mais recentemente (até antes da pandemia começar), gravávamos um dos testes na nossa sala e colocávamos a disposição dos nossos leitores.

Ou seja, todas essas acusações levianas não se sustentam. Creiam, a mim não incomodam, pois já convivo com elas há 30 anos (na Audio News também haviam críticas virulentas à minha forma de avaliar os produtos em teste). Mas quando nosso leitor pede para nos posicionarmos, nos cobrando uma resposta eu não posso deixar de fazê-lo, em respeito a todos vocês.

Mas convenhamos, não pode ser normal não terem nenhuma prova e ainda assim continuarem ano após ano escrevendo calúnias, em vez de esquecerem que a revista e o Fernando Andrette existem e irem fazer alguma coisa útil na vida, não é verdade?

Pois uma coisa é você fazer jornalismo investigativo de verdade, e dismantelar algo que precisa ser escancarado e extinto, e outra muito diferente é insinuar acontecimentos gravíssimos e jamais apresentar uma única prova.

Se sou o consumidor que comprou um produto em uma revenda, que foi enviado para teste, e descubro que ele foi adulterado, eu simplesmente faria um vídeo denunciando e colocaria a boca no trombone. Não iria procurar algum 'desafeto' da publicação acusada e entregar essa informação tão grave e pedir privacidade. Isso

não faz sentido algum, pois induzir o consumidor a erro premeditado é crime!

Então o denunciante e o que acolhe e espalha a denúncia, têm a obrigação moral de provar o delito! Mas o que vejo em relação a todas essas levianas acusações, é que nunca ninguém quer aparecer e mostrar a prova do crime que 'cometemos'.

E você escuta essa história uma vez, duas vezes, três vezes e releva.

Aí escrevo um artigo como este, pedindo que sejam mais objetivos e apresentem o que escrevem e falam, e o que ecoa?

O silêncio absoluto, como se não fosse com eles.

Aí param por um tempo, pois sabem que ficaram expostos demais, e não tem como se defenderem, até se sentirem motivados a voltar à carga.

Então você, amigo leitor, que nos conheceu recentemente e ainda não tem uma opinião formada a nosso respeito, quando ler qualquer dessas denúncias estapafúrdias, faça um favor, cobre do autor as provas, questione e exija que ele saia de cima do muro.

Pois assim finalmente esses ataques terão um fim.

Sou de uma geração que jamais perdi meu tempo com nada que não fosse do meu interesse. Não assisto canais abertos de TV faz 22 anos. Outro dia me enviaram uma mensagem falando de um apresentador de TV que tinha sido homofóbico em sua fala e eu nunca ouvi falar deste apresentador, não tendo a menor ideia de quem seja!

Não vou nesta altura da vida dar conselho a ninguém, pois estou velho para isso, mas se cada um de nós deletasse de suas vidas o que não gosta ou não interessa, não estaríamos vivendo uma tensão tão aguda, e muito mais perigosa até que a Guerra Fria!

Eu acredito em pontes e não em muros. Se pelo menos todos os nossos desafetos educadamente tivessem a humildade de nos conhecer, eu os receberia de braços abertos e explicaria pacientemente tudo que fazemos, como fazemos e por que fazemos desta maneira.

Talvez conseguisse até 'dissolver' essa virulência, transformando-a em respeito mútuo e uma saudável convivência.

Pois se tem algo que aprendi é que, se queres ter uma vida digna e plena, não radicalizes nunca!



POPULARIZAÇÃO CULTURAL DESTRUTIVA

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

O que as pessoas aprendem - ou deveriam aprender - desde criança? Que é preciso entender um assunto para interferir nele, para participar dele, para usufruir dele.

Vira e mexe acontece uma apropriação cultural inconsequente - ou seja, algo que não tem cabimento, geralmente feito por modismo, que não agrega qualidade para nenhum dos dois lados. Para um dos lados, não agrega qualidade musical, simples assim. E para o outro lado, traz apenas uma 'noite de gala', um toque 'chique' para uma série de pessoas que, como eu disse no primeiro parágrafo, não aprendeu, não entendeu, e nem quer. E, para ambos lados, não agrega mais público, que é o que parece ser um dos intuitos - apesar de eu achar o entrevero todo é apenas uma questão de gente querendo parecer mais bacana, no cenário cultural geral - este hoje politizado pelo 'politicamente correto' e pela 'justiça social'.

O que, de fato, aconteceu?

Bom, uma orquestra sinfônica americana tem um programa 'popular', onde eles trazem artistas do cenário local para tocarem e cantarem com a orquestra. O ocorrido específico, que gerou a vontade de dar minha opinião, foi na verdade em 2014 (mas o programa continua existindo) quando a orquestra pôs um rapper para recitar à frente da mesma, com obras do tal rapper adaptadas para orquestra sinfônica por um compositor com conhecimentos de composição. E com todos os palavrões e linguagem chula, que são importantes ao rap, e nem um pouco à uma orquestra sinfônica. Esse vídeo chegou ao meu conhecimento recentemente, vindo com tanta adoração pelos ignorantes dos 'politicamente corretos' e 'justiceiros sociais', mas tanta adoração, que tanta energia seria suficiente para alterar o eixo onde gira o planeta Terra!

O aspecto politizado da 'justiça social' não me interessa, pois não me cabe discutir esse tipo, ou nível, de mérito. Assim como minha opinião é irrelevante sobre rap e hip-hop, e sobre sua relevância cultural, ou como fenômeno social - que são coisas sérias e que existem.

Mas existe, nesse processo todo, desde a feitura dessa ideia mal pensada até à adoração pelo cenário atual, uma série de erros - ou, seguindo o raciocínio de alguns parágrafos acima, simplesmente o 'entendimento', a 'compreensão' de algumas coisas saiu pela janela quando a ideia entrou pela porta.

Sempre procurei entender música, entender todo o processo que inclui o longo estudo para um músico tocar em uma orquestra, a precisão e dedicação necessária para chegar lá e para estar lá - que inclui estudar 8 horas por dia durante uns 15 anos, teoria e prática musical, simplesmente para poder se candidatar à uma das 100 poucas vagas de músico de uma orquestra sinfônica! Ou, por exemplo, o mesmo tanto - ou mais - de estudo por parte de um regente de orquestra, que tem que entender as capacidades e limitações de todo e qualquer instrumento da orquestra, que tem que, durante a regência de uma obra, ler a partitura de todos os instrumentos simultaneamente enquanto dirige o andamento da orquestra, entre outras coisas. Ou então o compositor de música clássica, que tem que fazer pelo menos o mesmo tanto de estudo de um ou mais instrumentos, e o mesmo tanto de estudo de todos os outros instrumentos, mais o desenvolvimento de técnicas de composição - para fazer um trabalho super complexo que é para muito poucos, que muito poucos na história da humanidade ficaram e ficarão para a posteridade.

Tendo passado a minha vida adulta procurando o entendimento de tudo isso, provendo um imenso respeito pela qualidade de tudo isso, e pensando no rap e no hip-hop, comparativamente, como relevância cultural e musical, como qualidade musical, a única coisa que consigo pensar é no quão inapropriado esse programa dessa orquestra americana é, ou o quanto foi nessa específica apresentação. O quão sem cabimento é essa mistura, já que o rap simplesmente não está no mesmo nível - e não é uma questão de não gostarem do meu ponto de vista, ou me chamarem de 'reacionário' ou outra coisa qualquer - é uma questão de Compreender.

Sou sim preservacionista cultural, e esse é o melhor caminho, como demonstrado ao longo da existência do ser humano de maneira organizada na face da terra. Cada um com a sua expressão cultural, e eu (e muitos outros) vamos trabalhar para preservar a nossa.

Aí, então, temos alguns outros pontos, no mínimo discutíveis.

Um deles é a questão da inclusão social, afinal a orquestra em questão é parcialmente sustentada com verba pública, portanto ela

pertence à toda comunidade. Certo? Na verdade não. Ela 'serve' à toda a comunidade, dentro da capacidade para qual ela foi criada e existe, que é ser uma Orquestra Sinfônica. Se há interesse na comunidade dos fãs de rap e hip-hop em vir assistir a orquestra dentro da capacidade dela, fico feliz que venham - quanto mais público, melhor! Mas as pessoas vêm à orquestra, e não a orquestra que vai às pessoas, até porque ela é uma orquestra de uma grande cidade servindo à essa grande cidade. Ela é local e está no local que tem que servir culturalmente - e os EUA têm 1224 orquestras sinfônicas em seu território nacional, então a comunidade está muito bem servida sem precisar que as orquestras tenham que ir até a comunidade.

Então, passando desse aspecto físico para o aspecto metafórico da questão: as orquestras têm que servir a comunidade fazendo concertos com um rapper à frente? Tirando de lado o não ter cabimento cultural nem musical, se o intuito é trazer um novo público para a orquestra, saibam que os poucos meios de comunicação que não foram deslumbrados pela 'justiça social' do acontecimento, e fizeram as perguntas certas ao público, descobriram que maioria deles não tinha intenção de continuar assistindo uma orquestra sinfônica, que foram lá por causa do rapper.

Vejam, orquestras sempre proporcionaram programas populares, como as nossas que frequentemente trazem o melhor da nossa MPB, ou mesmo fazem programas integrando o jazz. Acontece que esses são gêneros que 'musicalmente' tem muito mais afinidade com uma orquestra, são musicalmente muitos mais complexos e ricos que um rap. E, claro, ao longo do tempo, o experimento duvidoso de juntar a orquestra com o repertório do extremo do espectro popular, já foi feito várias vezes - inclusive no Brasil - e não foi bem sucedido em matéria de qualidade (por motivos óbvios) e nem proveu resultados significativos em matéria de aumento de público, ou de interesse popular pela orquestra e a música que ela toca, a chamada 'música clássica' ou 'orquestral'.

Parte desse desagrado com o rapper frente à orquestra é compartilhado por uma série de membros da mesma, para não dizer de grande parte da comunidade mundial envolvida na música clássica atualmente.

Agradou mais do que desagradou? De maneira nenhuma.

Trouxe gente nova para a música clássica e para as orquestras? De maneira nenhuma.

Trouxe a 'música de orquestra' para a comunidades do rap e do hip-hop? De maneira nenhuma.

Deu validação a um grupo de agitadores culturais e pessoas moderninhas e outros deslumbrados que acham que mundo tem que se adaptar a eles? Sim. Momentaneamente. Apenas momentaneamente... ■



Airelle Besson Qtet, Radio One | Philharmonie de Paris

PLAYLIST DE JULHO

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

SE SOMOS O QUE COMEMOS, SERÁ QUE TAMBÉM SOMOS O QUE OUVIMOS?

Essa é uma velha e calorosa discussão no meio audiófilo, e já rendeu dezenas de artigos em inúmeras mídias especializadas.

Eu não me atendo tanto ao tema no sentido em que ele é defendido e atacado, preferindo apenas lembrar a todos que o fato de que expandir nosso horizonte musical pode ser extremamente prazeroso.

E se as mais recentes teses defendidas pela neurociência, de que aprender algo novo independe de nossa idade biológica, e pode

nos defender da perda de memória na velhice, acho que todos nós podemos nos esforçar para que isso ocorra, pois é infinitamente melhor prevenir do que remediar.

Sei que, muitas vezes nesta seção e na antiga CDs do Mês, devo ter me ‘excedido’ nas dicas, mas se mereço alguma defesa, era justamente no sentido de instigar a todos que saíssem de sua zona de conforto auditivo. Pois li artigos que mostram que nossas escolhas musicais e o ávido interesse em descobrir e curtir novos estilos, terminam antes de completarmos 30 anos de idade.

Confesso que relutei muito em aceitar essa tese, mas à medida que fui observando o gosto das pessoas acima de 40 anos, ►

constatei que é fato que a maioria dos melômanos escutam com maior prazer músicas que ouviram em sua infância, adolescência e nos primeiros anos da vida adulta.

Não entrarei no âmbito das memórias auditivas, pois bem sei o quanto elas nos são caras, mas sempre deixei espaço em minha curiosidade permanente de bisbilhotar por de cima do 'muro', e nunca me arrependi de fazê-lo. Pois descobri preciosidades musicais que não poderia passar essa existência sem conhecer.

Gosto muito de uma frase de uma letra da Adriana Calcanhoto, em que ela diz: "(...) eu presto muita atenção no que meu irmão ouve", pois sempre fui assim, desde a mais tenra idade. Escutava com enorme interesse tudo que se ouvia em casa, e olha que o gosto dos meus familiares era o mais eclético que se possa imaginar. E só tenho a agradecer ter desfrutado deste caleidoscópio musical, pois ele ajudou-me a tornar-me um ser inquieto e sempre atento a tudo que as pessoas me apresentam.

Adoro descobrir obras que nunca ouvi, sejam elas uma simples canção folclórica ou uma obra clássica importante. E não sei se o leitor também passa por este processo, mas gosto de ouvir uma obra em diferentes estados emocionais, para saber se ela realmente conseguiu me fisgar ou não.

Claro que grande parte dos meus mais de 10 mil discos (CDs e LPs) são compostos por obras 'atemporais', pois meu interesse por obras 'datadas' veio gradativamente diminuindo à medida que os primeiros cabelos grisalhos surgiram - mas algumas ainda resistem, como os 'clássicos dos clássicos' do rock progressivo e do jazz fusion. Mas suas audições são cada vez mais raras, a não ser que alguém, ao conhecer minha coleção, se interesse por escutar.

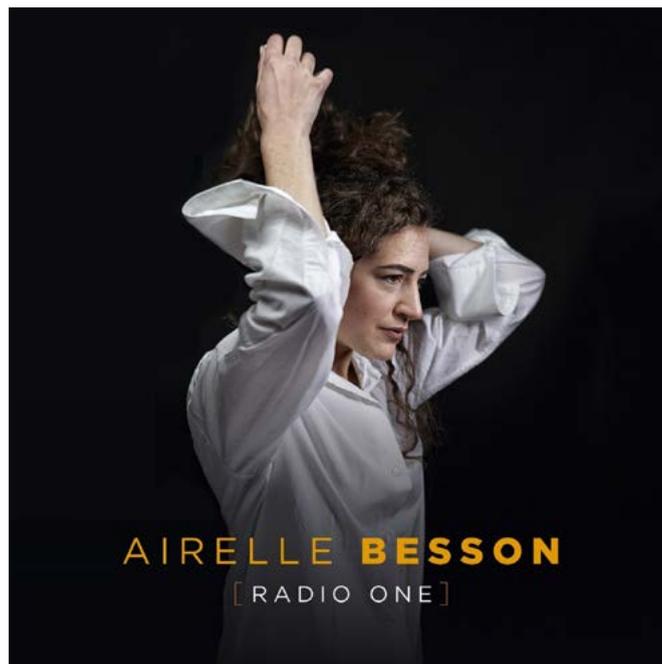
Neste aspecto, o streaming tem sido uma 'viagem sonora' fabulosa, pois tenho visitado universos musicais nunca antes explorados por mim. Então, para escrever a cada mês esta seção, o leitor não tem ideia do quanto eu me empenho em descobrir lançamentos ou obras que acho que podem 'cutucar' vocês.

Portanto, se este mês extrapolei, peço de antemão desculpas, mas escolhi obras que valem pelo menos uma audição. E quem sabe alguns até curtam, pois todas tem o intuito de nos tirar da zona de conforto e nos fazer 'experimentar' novas emoções.

Espero que se manifestem, seja para agradecer ou descer o sarrafo.

O primeiro disco deste mês é de uma talentosa trompetista francesa, Airelle Besson, com seu disco *Radio One* lançado em 2016. Além de trompetista, Airelle também é compositora e arranjadora. Ganhou por duas vezes o prêmio da Academia Francesa Django Reinhardt como Revelação Jazz do Ano, e Melhor disco. *Radio One*

foi o primeiro trabalho com seu novo quarteto, com a vocalista Isabel Sörling, Benjamin Moussay no piano e Fender Rhodes, e Fabrice Moreau na bateria. Ela foi aluna por dois anos de Wynton Marsalis e Kato Havas, e se formou e graduou-se no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris. Já se apresentou com o próprio Wynton Marsalis, com Charlie Haden, Carla Bley, Youn Sun Nah, Manu Katché, Philip Catherine, Avishai Cohen (de que também indico um disco neste mês), e José James. Nos últimos anos, além do trompete, ela também tem gravado com flugelhorn, e mais recentemente violino (instrumento que ela tocava antes dos sete anos, quando se apaixonou pelo instrumento de sopro).



 **OUÇA RADIO ONE - AIRELLE BESSON, NO TIDAL.**

 **OUÇA RADIO ONE - AIRELLE BESSON, NO SPOTIFY.**

Suas primeiras gravações profissionais foram feitas com a big band European Jazz Youth Orchestra, sob a direção de Helge Albin, passando logo em seguida para a big band de François Laudet e, na sequência, foi convidada para tocar no sexteto de Éric Barret. Isso até iniciar seus trabalhos solo e, em 2015, formar seu próprio quarteto.

Para não lhe assustar, meu caro leitor, inicie a audição pela faixa 2 - *All I Want*, e se gostar, escute todo o disco. Claro que pode causar um certo 'estranhamento' em algumas faixas, como a que dá título ao disco, ou as faixas *Candy Parties* e *No Time to Think* - mas se estiver em um daqueles dias ensolarados e de bem com a vida, ▶

PLAYLISTS

garanto que a chance de gostar do disco existirá! O quarteto é muito bom, e os arranjos são bastante interessantes e criativos.

A segunda escolha é de um bandolinista fabuloso chamado Chris Thile e seu disco lançado em 2014 - *Bass & Mandolin* com o baixista Edgar Meyer. Thile nasceu em 1981 na Califórnia, e começou a tocar bandolim com cinco anos, tendo aulas com John Moore. Com 13 anos, após tocar em vários festivais regionais pelo país, ele gravou uma fita demo e enviou à gravadora Sugar Hill e à Honder - para a surpresa de seus pais, ambas as gravadoras quiseram contratá-lo! Mas seus pais escolheram a Sugar Hill e, com apenas 14 anos, Chris lançou seu primeiro álbum solo - *Leading Off*, quase todo com composições suas. Era o início de uma meteórica carreira para um jovem ainda menor de idade.



◆◆◆ OUÇA *BASS & MANDOLIN* - CHRIS THILE E EDGAR MEYER, NO TIDAL.

🎵 OUÇA *BASS & MANDOLIN* - CHRIS THILE E EDGAR MEYER, NO SPOTIFY.

Mas seu reconhecimento artístico veio em 2003, quando ele se juntou ao também bandolinista Mike Marshall, e gravaram o disco *Into The Cauldron*, que incluía composições inéditas de ambos e obras transcritas para duo de bandolim, de Charlie Parker e de J.S. Bach. Com sua carreira já solidificada, Chris partiu para produções mais 'experimentais', como o disco de 2004 - *Deceivers*, no qual ele gravou todas as faixas sozinho, tocando além do bandolim, guitarra, baixo, bateria, piano, violino, viola, violoncelo e baixo. Este trabalho teve maior repercussão entre os músicos e críticos de

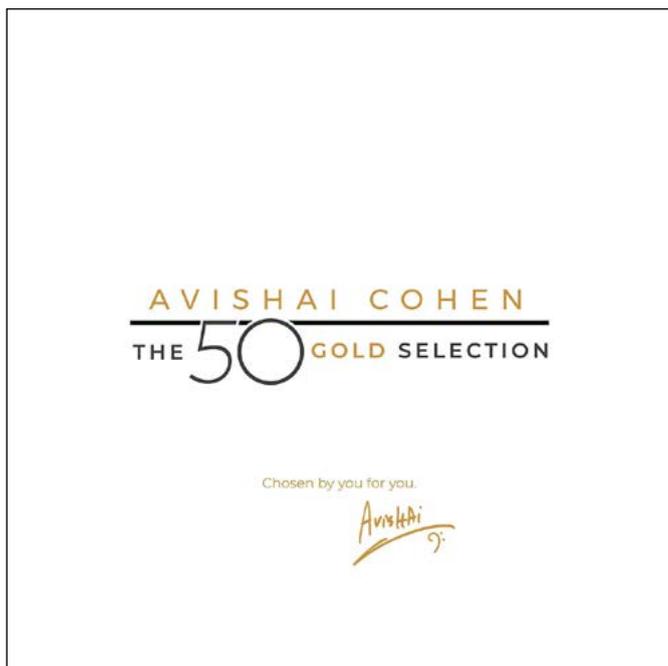
música do que no público consumidor, mas colocou Chris na mira das gravadoras maiores, que estão sempre buscando novos talentos multi-instrumentistas para aumentar suas vendas.

Em 2007 Chris se viu novamente com a necessidade de mostrar seu trabalho com uma banda permanente, e deste desejo ele criou a Punch Brother, que lançou seu primeiro trabalho em 2008 pelo selo Nonesuch Records. Na sequência, vieram os trabalhos *Antifogmatic*, de 2010, e *Who's Feeling Young Now*, de 2012. O último álbum da banda foi lançado em 2015: *The Phosphorescent Blues*. Chris Thile também tem alguns trabalhos paralelos, como um duo com o guitarrista Michael Davis, e obras clássicas com a Orquestra Sinfônica do Colorado, Orquestra de Câmara de Los Angeles, Orquestra do Oregon, e trabalhos mais recentes com o violoncelista Yo-Yo Ma, tocando obras de J.S. Bach.

Bass & Mandolin é uma obra belíssima de dois virtuosos explorando seus instrumentos integralmente. Composições complexas, intrigantes que, no entanto, na mão dessa dupla, parecem melodias simples com apenas dois acordes. Chris também, em algumas faixas, toca piano, mostrando que sua genialidade há muito ultrapassou sua paixão inicial pelo bandolim. Mas se o amigo leitor achar o disco 'desinteressante', tenho um argumento 'matador' que o fará se interessar em escutar este disco com muito gosto, e ainda terá orgulho de mostrar aos amigos audiófilos, pois se trata de uma excelente gravação para se avaliar corpo harmônico (mesmo em streaming). Usando este argumento, me lembro quando meu filho era pequeno e o fazia comer jiló, dizendo que era excelente para seu crescimento e fortalecimento dos dedos (pois ele reclamava aos seis anos que era difícil fazer corretamente os acordes que o professor passava no violão). Só consegui enganá-lo até os oito anos, quando ele não teve mais dificuldade alguma, rs.

E o último disco deste mês é do baixista israelense Avishai Cohen, e para os que não conhecem sua obra escolhi uma coletânea lançada em 2020 - *50 The Gold Selection*, que lhe permitirá ter um panorama consistente de sua genialidade. Avishai Cohen nasceu em Kabri, Israel, em 20 de abril de 1970, filho de uma família multicultural cujas raízes de seus ancestrais se encontram na Espanha, Grécia e Polônia. Seus pais amavam a música, e ouviam de tudo, desde música folclórica até grandes obras clássicas. Aos nove anos, uma tia o presenteou com um piano e, quando se mudou aos 14 anos para os Estados Unidos, no estado do Missouri, ele também começou a tocar baixo. Um dia, ao chegar para sua aula semanal, ele ouviu ainda da rua um contrabaixo elétrico, que parecia mais um solo de guitarra grave, e foi apresentado pelo seu professor ao baixo elétrico de Jaco Pastorius.

Quando voltou para Israel, aos 18 anos, para servir os dois anos obrigatórios no exército, conseguiu em suas horas vagas estudar ▶



◆◆◆ **OUÇA THE 50 GOLD SELECTION - AVISHAI COHEN, NO TIDAL.**

🎧 **OUÇA THE 50 GOLD SELECTION - AVISHAI COHEN, NO SPOTIFY.**

contrabaixo na Academia de Música e Artes em Jerusalém. Livre do exército, decidiu que seguiria a carreira de músico, e voltou aos 22 anos para Nova York. Era um inverno rigoroso, em 1992, quando ele chegou à cidade, e o jovem teve que trabalhar na construção civil para sobreviver. Já estabelecido na cidade, ele se matriculou no curso noturno na New School, e logo chamou a atenção de um jovem pianista que também lá estudava - Brad Mehldau - e com o também jovem pianista panamenho Danilo Peres, que estava formando seu trio e convidou Avishai Cohen. Em 1997, ainda vendo sua carreira patinar, recebeu uma ligação do pianista Chick Corea, que escutou sua fita demo que ele havia distribuído em uma série de casas noturnas. Por sorte Chick Corea escutou e o convidou para participar de seu novo trio, Origin. Foram seis anos de uma convivência que se tornou uma sólida amizade, a ponto de Avishai o considerar seu verdadeiro professor.

Chick Corea ficou tão impressionado com Avishai, que produziu e lançou pelo seu selo os primeiros quatro discos solo: Adama (1998), Devotion (1999), Colors (2000) e Unity (2001). O que mais chama a atenção das composições de Avishai Cohen é sua facilidade em navegar por todas as influências musicais da Europa, Ásia e também latinas, como se ele fosse verdadeiramente um cidadão do mundo. Com os anos Avishai se mostrou muito mais que apenas um virtuose

no contrabaixo, se apresentando e também tocando piano e escrevendo obras cada vez mais complexas, e expandindo seu universo para todos os estilos, do clássico ao jazz.

Em 2002 Avishai montou seu próprio selo - Razdaz Recordz - que busca dar oportunidade a novos talentos de todos os estilos e continentes. Em 2008, já com sua carreira solidificada, resolveu fazer o caminho de volta e se instalou em Israel definitivamente. Buscando resgatar suas raízes, lançou *Sensitive Hours* e conseguiu a façanha da venda de mais de 100 mil discos. Foi seu primeiro álbum a introduzir vocais em todas as suas composições, bem como canções em hebraico. Em 2009 ele foi convidado a realizar uma parceria com EMI/Blue Note, com liberdade total na produção de seus discos, e ele viu neste convite a grande oportunidade de se cercar de músicos jovens e criou um projeto grandioso que mesclou jazz, música erudita e tradições sefarditas, e gravou em todas as línguas que tinha domínio de escrita e canto: hebraico, inglês, espanhol e latino, e passou a cantar suas composições.

Por sua vasta cultura musical é que escolhi este disco, pois ele lhe dará uma ideia consistente da criatividade deste excelente baixista.

Espero que você aprecie as três dicas deste mês, e por favor, gostando ou não, deixe-me saber, pois a pior coisa é ter tanto cuidado na audição e escolha da lista e acabar 'ficando no vácuo' sem um feedback. ■



Avishai Cohen



David Sylvian

ART-ROCK, TRILHA SONORA & JAZZ

 Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

Em um dos longos papos que eu e o nosso audaz editor temos semanalmente, chegamos à conclusão que trafegamos, ambos, entre gêneros musicais, com a facilidade e rapidez que tem uma criança comendo brigadeiros em alguma festa de aniversário no condomínio.

Explico: podemos estar ouvindo um clássico, passar para um rock, pular para um tango, curtir um jazz e enveredar pela world music, e fechar com uma trilha sonora, tudo na sequência, tudo na mesma tarde de audição.

Algo que exemplifica esse ecletismo - ou o prova, não sei - é o fato de nenhum de nós dois jamais categorizou sua coleção, seja de vinis ou CDs ou streamings, nem por ordem alfabética, nem por gênero, nem por ano, nem por nada.

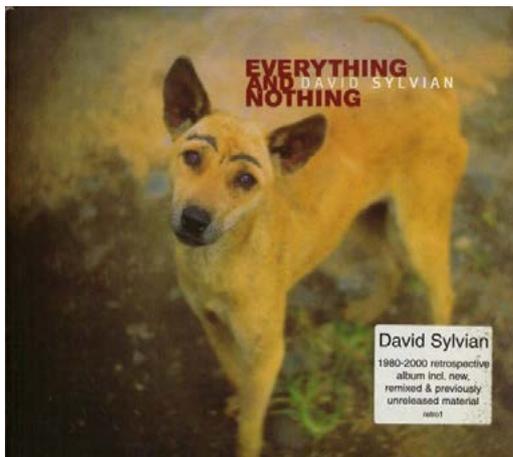
Penso que existe música boa e existe música ruim. E que, para mim, as Suites para Cello Solo do Bach de 1723, convivem

perfeitamente com um tango dos anos 1980, com um folk dos anos 2000, com um eletrônico dos anos 1970, com um jazz dos anos 1950. São todos Boa Música!

Hoje, o menu do 'Restaurante Boa Música' traz três discos díspares, cuja música tem alguma ligação entre si, seja pelos toques de jazz de uma trilha, ou pela elaboração quase jazzística de um cantor e compositor, ou mesmo pela obra de uma cantora cuja classificação só pode ser jazz! Primeiro, um disco de coletânea de rock alternativo, art-rock quase progressivo, de uma das melhores vozes do gênero. Segundo, temos uma das melhores e mais interessantes trilhas sonoras de todos os tempos, principalmente no gênero ficção científica. E, por último, mas não menos importante, um dos CDs mais bem gravados de todos os tempos, com uma grande cantora de jazz moderno!

Vamos à eles: 

DISCOS DO MÊS



David Sylvian - *Everything and Nothing* (Virgin Records, 2000)

Nos idos da década de 80, e até começo de 90, eu frequentava mais lojas de discos do que qualquer outro lugar. E estava em uma fase de conhecer, consumir e assimilar um bocado de rock progressivo e relacionados. E existia toda uma comunidade de frequentadores dessas lojas, que se encontravam lá para falar dos artistas, bandas, instrumentistas, mitos e lendas - trocar informações que hoje se procura na Internet. Era certamente uma época melhor, nesse sentido...

Uma vez me disseram: “Como você não conhece a banda inglesa Japan?!? Você precisa conhecer! O David Sylvian é um dos melhores vocalistas de todos os tempos!”. Bom, eu até hoje acho que Sylvian é umas das melhores vozes do pop-rock de todos os tempos, rs...

O Japan era uma banda que iniciou-se no final da década de 70, mais como um expoente do new wave, do tecnopop, do glam rock, e era uma banda de visual andrógino e apelativo, cheio de maquiagens e cabelos - como foi o Duran Duran, o Spandau Ballet, e uma infinidade de outras bandas categorizadas como New Romantic, na mesma época. Mas, depois, seu som evoluiu tremendamente. Os discos da banda nunca saíram no Brasil, então, por isso eu não conhecia e tive uma certa dificuldade de conhecer. Mas um dia eu arrumei uma coletânea deles em vinil importado... mas isso já é outra história.

Dos seis discos que eles gravaram em estúdio, os três primeiros foram na década de 70 e foram muito pop para o meu gosto. Mas, a partir de 1980, os três discos seguintes são excelentes, elaborados, de instrumentação complexa e sempre extremamente bem cantados por David Sylvian. Um pé estava fincado firmemente no progressivo, no art-rock.

Com a separação da banda em 1982, David Sylvian partiu para uma carreira solo de quase 40 anos, 9 discos de estúdio, mais de 9 discos em colaboração com outros artistas, e um sem número de participações, tanto de estúdio quanto ao vivo. Ufa!

O disco em questão, *Everything and Nothing*, é uma coletânea bem nutrida e especial, sobre os primeiros vinte anos da carreira solo de Sylvian. É um disco especial porque traz um conteúdo que dá a melhor ideia possível sobre sua carreira, para quem quiser conhecer o nível de elaboração de seu trabalho. Além de ser extremamente bem gravado. A ideia de fazer compilações é mais velha que a indústria fonográfica, mas aqui Sylvian e as pessoas envolvidas tiveram a excelente iniciativa de trazer somente faixas que não foram lançadas, faixas menos conhecidas, regravações e versões raras.

Para quem é esse disco? Bom, é para todos os que continuaram, depois do período de ouro do rock progressivo, a seguir toda a sua evolução e maturação, é para quem continuou a ver o progressivo como art-rock, continuou a ver o que o King Crimson fez dos anos 80 para cá (que inclui um disco de Robert Fripp com David Sylvian, o qual chegou a ser convidado a ser membro permanente do King Crimson), que continuou a seguir o trabalho mais elaborado da carreira solo do Peter Gabriel, entre outros.

Esta coletânea traz músicos como o guitarrista Bill Frisell (do time da gravadora de jazz ECM), o multi-instrumentista e compositor japonês Ryuichi Sakamoto, ex-membros do Japan como o baterista



David Sylvian ▶

Steve Jansen (irmão de Sylvian) e o baixista fretless Mick Karn, o guitarrista David Torn, o trompetista Mark Isham, o baterista Jerry Marotta (dos primeiros discos do Peter Gabriel), o baterista Ged Lynch (Peter Gabriel), Holger Czukay (do grupo alemão Can), o baixista Trey Gunn, o guitarrista Robert Fripp e o baterista Pat Mastelotto - esses três últimos do King Crimson - entre muitos outros.

David Sylvian nasceu David Alan Batt, em 1958, no condado de Kent, próximo à Londres, na Inglaterra. No início dos anos 70, Sylvian conheceu na escola Anthony Michaelides (que depois passou a ser Mick Karn, o baixista do Japan) - e depois que ele ganhou um violão e o irmão uma bateria, os três começaram a tocar música juntos, um grupo que com a adição do tecladista Richard Barbieri, tornou-se logo o Japan, lançando seu primeiro disco em 1978.

Atenção especial deve ser dada às faixas *Blackwater*, e *Heartbeat (Tainai Kaiki II) Returning to the Womb*, entre outras. A verdade é que o conjunto da obra nesse disco é tão bom, que fica difícil escolher os destaques. Ouça tudo, e curta bastante!

Pode ser encontrado em: CD duplo / CD triplo / Serviços de Streaming selecionados. Tanto o CD como o streaming são ótimos, sempre gravados e masterizados com grande preocupação com qualidade sonora. Se for sua vontade se aventurar pela discografia de David Sylvian, muitos dos discos da década de 80 saíram também em LP à época. Assim como os discos do final da década de 90 para cá, alguns tiveram suas edições de 180g modernas.



OUÇA UM TRECHO DA FAIXA "BLACKWATER"
NO YOUTUBE: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/
WATCH?V=F6UVKXDVCBM](https://www.youtube.com/watch?v=F6UVKXDVCBM)

QUALIDADE DE SOM



MUSICALIDADE



Vangelis - Blade Runner - Original Soundtrack (*East West / Atlantic*, 1994)

No começo da década de 80, tanto o ator Harrison Ford já era um nome de primeiro time, com *Star Wars* e *Indiana Jones*, quanto o diretor Ridley Scott já tinha um certa fama com o filme *Alien*. Então quando apareceu outra obra de ficção científica dele, todos os fãs mais ferrenhos devem ter ido assistir. Eu não fui, e me arrependi tremendamente disso, principalmente depois de ter visto o filme em VHS algumas vezes. A distribuição cinematográfica de *Blade Runner* não foi das melhores, sendo que o filme foi considerado um fracasso nas bilheterias, mas se tornando um filme cult depois, em videocassete, DVD e afins.

O fato de não ter tido a oportunidade de ter visto *Blade Runner* no cinema à época foi, claro, retificado em 1992, quando fui assistir o *Director's Cut* da obra - melhor, inclusive, que a versão original, que havia sido alterada pelos estúdios a contragosto do diretor.

Assistir *Blade Runner* na tela grande, com um som bom de cinema, é uma experiência única e muito marcante - acredito que seja um dos melhores filmes já feitos! Um detalhe de ver o filme com o som bom, é poder ouvir a trilha original composta e tocada pelo próprio Vangelis - algo que você só ouvia lá, no filme. Isso até 1994, quando saiu o CD aqui em questão.

Motivos nunca esclarecidos dão conta de desentendimentos do músico com a produção, portanto quando o filme foi lançado não havia planos de lançar em disco a trilha sonora original tocada pelo próprio Vangelis, a trilha que se ouve no filme. O fato é que a Warner decidiu gravar e lançar uma 'interpretação' da trilha com uma orquestra de estúdio de Hollywood, chamada New American Orchestra, e lançar isso para o todo o mercado - que é o disco que todo mundo conhece e que é a 'trilha' do filme. É um disco que,

DISCOS DO MÊS



Vangelis

aliás, vendeu muito no Brasil, mas que soa falso por motivos óbvios, e não tem nada que chegue perto da mesma qualidade musical e interpretativa.

Por motivos também nunca esclarecidos, Vangelis resolveu lançar em 1994, somente 12 anos depois do filme, a trilha oficial e original, composta e interpretada por ele - que é o disco aqui deste artigo. Muito bem gravado, e musicalmente muito relevante não só para o mundo das grandes trilhas sonoras de grandes filmes, mas também para a discografia do tecladista grego. Nesse meio tempo, em 1989, os fãs dele puderam ouvir toda a glória de uma faixa da trilha original, na coletânea *Vangelis Themes* (que tem em vinil nacional, e é muito bem gravado, sugiro a todos interessados).

Como curiosidade, a busca e o interesse, nesses 12 anos, pela trilha original do filme, era tão grande, que foram lançadas de maneira alternativa não menos do que 5 discos piratas, de várias fontes e com vários níveis de qualidade, sendo nenhum deles realmente 'profissional'.

Para quem é esse disco? Para todos os fãs de música eletrônica da era do rock progressivo, para todos os fãs de boas trilhas sonoras, para todos que, como eu, assistem *Blade Runner* maravilhados e, claro, para todos os fãs do trabalho do Vangelis.

Em 1981, o diretor inglês de cinema e comerciais de TV, Ridley Scott, contratou Vangelis - com quem já havia trabalhado antes em um comercial de TV para o perfume Chanel No.5 - para fazer a trilha de seu novo filme. E essa trilha é hoje considerada entre os melhores trabalhos do tecladista grego, assim como uma das obras mais influentes da música eletrônica. Com uma tonalidade de jazz em alguns momentos, e toques de música do oriente médio, a gravação tem a participação do saxofonista de jazz inglês Dick Morrissey, assim como do célebre Demis Roussos nos vocais. Todos os elementos de percussão e bateria, como gamelão, sinos, gongo, caixa, tímpano e carrilhão, são tocados pelo próprio Vangelis.

Evángelos Odysseás Papathanassiou nasceu em Agria, na Grécia, em 1943, e começou cedo na música, aos 4 anos de idade, brincando com um piano e as painelas da cozinha. Não se adaptando a aulas de música, preferiu ser autodidata. Dividindo-se entre percussão e piano, ele descobriu o jazz e o rock, adquiriu um órgão Hammond B3 e começou a formar bandas no colégio, como a The Forminx, e começou trabalhar como produtor de outros músicos e bandas gregos. Em 1967 exilou-se em Paris, onde formou a banda de rock progressivo Aphrodite's Child com o amigo (e hoje célebre) Demis Roussos, e gravaram vários discos. Após o fim da banda, passou a ▶

dedicar-se à sua carreira solo, que ocorre até hoje! Em meados da década de 70, já com vários discos e várias trilhas sonoras, Vangelis estabeleceu-se em Londres, onde produziu seus mais famosos discos solo, trilhas premiadas e parcerias com músicos famosos.

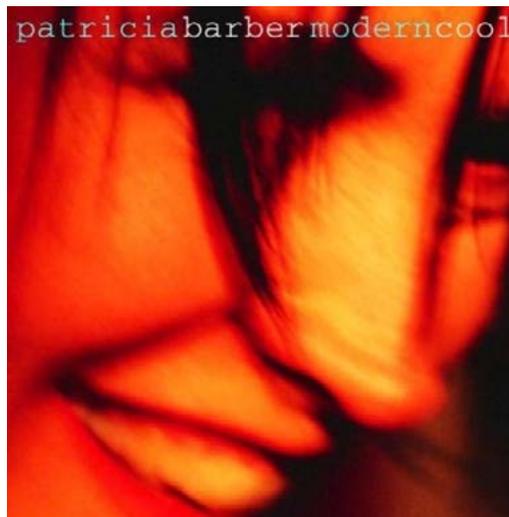
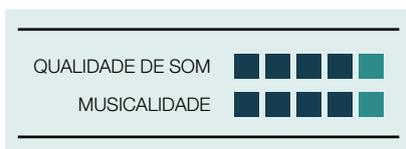
Quando Vangelis se mudou para Londres em 75, ele montou seu próprio estúdio, de nome Nemo Studios, onde praticamente era só ele, e um técnico e operador de mesa. O estúdio era tremendamente bem equipado, com todo seu arsenal de teclados e sintetizadores, a sua maioria analógicos da era de ouro, como o hoje raro Yamaha CS-80 (responsável por muitos dos sons associados a *Blade Runner*), além de um grand piano Steinway e uma série de elementos de bateria e percussão, captados usualmente com microfones omnidirecionais da AKG. Tudo isso era ligado à uma mesa de 32 canais Quad Eight Pacifica, que registrava tudo em um gravador de rolo analógico de fita magnética de 2 polegadas Lyrec TR-532, também de 32 canais. Os trabalhos normais do Vangelis eram mixados no próprio estúdio para um gravador analógico de master de 4 pistas / 2 canais, sendo que para a entrega da trilha ao diretor Ridley Scott - que estava em Londres fazendo a edição do filme - Vangelis alugou um gravador de 4 pistas / 4 canais, cujas fitas continham os quatro canais de áudio utilizados em cinema - os precursores do 'surround'.

Destaque para as faixas *Main Titles*, e *Tales of the Future* - muito boas, mas o resto do disco também é climático e sensacional.

Pode ser encontrado em: CD / Serviços de streaming selecionados / Vinil. É um disco que foi muito bem gravado, e a transferência e masterização para o lançamento oficial 12 anos depois da gravação, foram extremamente bem feitos - em todos os formatos digitais. Sou louco para ouvir o vinil de 180g recente que foi lançado em 2013!



OUÇA UM TRECHO DA FAIXA "MAIN TITLES" NO YOUTUBE: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=EV95YU6GZSY](https://www.youtube.com/watch?v=EV95YU6GZSY)



Patricia Barber - Modern Cool (Premonition Records, 1998)

Fui conhecer o trabalho da pianista e cantora de jazz americana Patricia Barber, somente na década seguinte ao lançamento deste disco - quando rolou uma certa fúria pelos audiófilos na busca de cantoras de jazz. Por um tempo, parecia até que era só isso que a comunidade audiófila ouvia. Algumas cantoras de jazz realmente boas, com obras realmente boas, sobreviveram a isso nas prateleiras e no mercado - e esse é um disco realmente bom!

Nosso editor, Fernando "Caro Leitor" Andrette costuma dizer que *Modern Cool*, da Patricia Barber, é um dos poucos CDs que tem corpo harmônico realmente bom. E é efetivamente um dos meus CDs de jazz preferidos - sim, sim, eu sei que muitos acreditam que eu preciso dizer que as boas obras de jazz são discos como *Kind of Blue*, *Time Out* e *A Love Supreme*, entre outros. E são - claro! - grandes obras eternas e imortais, mas eu sou 'do contra', e gosto de achar que o mundo continua girando, que boa música continua sendo feita, e por isso valorizo (e sugiro!) obras de todas as eras, principalmente as que são evolução de cada gênero.

Enfim, os discos da Patricia Barber têm uma elaboração e requinte musical, com uma identidade só dela nos arranjos, versões e interpretações, com um instrumental bem complexo e mais moderno - e isso tanto nas faixas de sua autoria, como nos poucos covers que toca, como *Light My Fire* (do The Doors) e *She's a Lady* (do Paul Anka, mas imortalizada por Tom Jones). Patricia Barber, com sua voz escura e ligeiramente rouca, e seus arranjos bem feitos e diferenciados, soa inconfundivelmente como: Patricia Barber!

Para os amantes das catalogações e etiquetas, a música de Patricia é referida em vários lugares como: jazz, blues, piano blues, cool jazz, jazz contemporâneo, straight-ahead jazz, post-bop, cabaret song, e avant-garde. Uau!

DISCOS DO MÊS



Patricia Barber

Para quem é esse disco? Para todos que gostem de jazz bem feito, bem tocado e bem gravado e que continue a evoluir. Para todos que gostem de cantoras com voz encorpada e cheia de personalidade. Como disse um crítico: esse disco não é para o gosto de todos.

Modern Cool foi gravado no Studio 5 da Chicago Recording Company, em 1998, com Jim Anderson como engenheiro de gravação e mixagem - um 'rapaz' que tem uma longa carreira, 10 prêmios Grammy, e uma lista de créditos técnicos em mais de 600 discos, lista a qual eu vou digerir devagarinho. Patricia Barber é acompanhada por seus músicos mais frequentes: o trompetista Dave Douglas, o guitarrista John McLean, o baixista Michael Arnpol, e o baterista e percussionista Mark Walker. O disco ainda traz, como convidados, Jeff Stitely tocando udu, e o côro Choral Thunder Vocal Choir, de Chicago, em *Let it Rain*.

Com uma discografia de mais de 13 discos, em uma carreira que já está ultrapassando 30 anos, Patricia Barber nasceu em Chicago, nos EUA, em 1955, filha do saxofonista Floyd Barber, que chegou a tocar com nomes como Glenn Miller e com o também bandleader Bud Freeman. Patricia chegou até a aprender saxofone em sua infância, além do piano, mas passou a dedicar-se apenas ao piano a partir da década de 70, quando começou a se apresentar em bares e clubes de jazz em Chicago.

À título de curiosidade, algo que eu nem ia mencionar, a não ser pelo posicionamento dela mesma: Barber é gay e isso é sabido abertamente. Mas eu gostei de seu posicionamento, que dá conta

que ela acha cansativo o interesse das pessoas em sua sexualidade e no que isso contribui para sua fama. Ou seja, o que é importante é a música, sempre!

O destaque especial vai para as faixas *Touch of Trash*, e *Love Put On Your Faces*, e *Constantinople*, e *Company*, e... quase tudo!

Pode ser encontrado em: CD / SACD / Vinil. Por algum motivo que eu não consigo nem começar a entender, esse disco é difícil de achar em streaming. Em CD e SACD tem até no Mercado Livre... Mas no Tidal, por exemplo, que tem praticamente todos os discos da Patricia Barber, não achei *Modern Cool*. Em compensação, algumas versões em vinil '180 barras de ouro', oops, 180 gramas, foram lançadas ao longo dos anos, tanto em 33 quanto em 45 RPM. Em matéria de qualidade sonora superior, é uma compra certa! ■



OUÇA UM TRECHO DE "TOUCH OF TRASH" NO YOUTUBE: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RE3AYBR-6KG](https://www.youtube.com/watch?v=RE3AYBR-6KG)

QUALIDADE DE SOM



MUSICALIDADE



SEU GUIA DE FONES DEFINITIVO



BOM GOSTO A SERVIÇO DA MÚSICA

FONE DE OUVIDO
MONTBLANC MB 01

E MAIS

NOVIDADES DE MERCADO

GRANDES NOVIDADES DAS
PRINCIPAIS MARCAS DO
MERCADO

GUIA DE REFERÊNCIA

CONFIRA TODOS OS FONES
JÁ TESTADOS PELA AV MAG

APRECIE COM MODERAÇÃO

Segundo os dados da Organização Mundial da Saúde, 1 bilhão de jovens entre 13 e 32 anos já sofrem de alguma perda auditiva! A **Áudio e Vídeo Magazine** sempre alertou aos seus leitores, que fones de ouvido devam ser usados com enorme cuidado.

A OMS estabelece que o ideal seja de 40 horas semanais, com pico máximo de volume de 80 db. E para as crianças (de 7 a 15 anos), 35 horas semanais, com 75 db de volume máximo.

A perda de audição é totalmente silenciosa.

Siga essas recomendações e desfrute do prazer de ouvir música em seu fone de ouvido.

UMA CAMPANHA INSTITUCIONAL AUDIOFONE / AVMAG.

AUDIOFONE

SEU CUIDADO COM OS FONES DE OUVIDO

WWW.CLUBEDOAUDIO.COM.BR

EDITORA
AVMAG

ÍNDICE



**FONE DE OUVIDO
MONTBLANC MB 01**

38



EDITORIAL 34

Não existem fones baratos e bons?



NOVIDADES 36

Grandes novidades das principais marcas do mercado



TESTES DE ÁUDIO

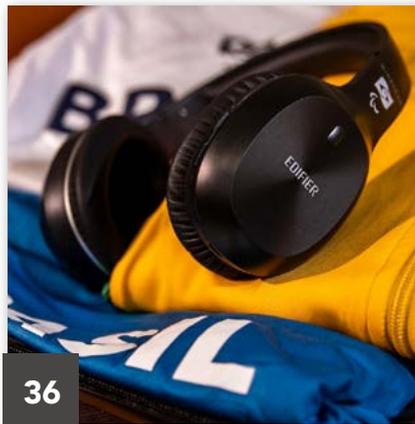
38

Fone de ouvido
Montblanc MB 01



RELAÇÃO DE FONES/DACS 44

Relacionamos todos os fones e amplificadores/DACs de fones que já foram publicados na Áudio e Vídeo Magazine



36



44



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

NÃO EXISTEM FONES BARATOS E BONS?

Interessante que essa também foi uma pergunta recorrente nos primeiros anos da revista *Áudio e Vídeo*. Pois muitos dos leitores que nos conheceram neste período, ficavam indignados com os preços dos produtos testados e nos cobravam testes com produtos mais 'compatíveis' com nossa triste realidade. À medida que o mercado foi se ampliando com novos importadores, as opções ditas de entrada também cresceram, e tínhamos grandes fabricantes com enorme histórico, como: Sony, Philips (que detinha a marca Marantz no meio dos anos 90), JVC, Sharp, Technics e Yamaha, que nos ajudaram a diminuir um pouco da indignação dos nossos novos leitores, que tinham como referência ainda a insana reserva de mercado.

Na Audiofone já conseguimos testar alguns fones bons e baratos, como o Sony modelo WH-CH510 na edição 261, o TCL modelo Elit 400NC na edição 260, e Onkyo modelo ES-FC300 na edição 268 - mas temos que concordar que é muito pouco em termos das opções que o mercado oferece. Porém, mantemos também na Audiofone a política de não testar produtos que não tenham importação oficial, e no caso específico de fones de ouvido, o que mais se encontra (bom e barato) é produto falsificado ou de contrabando, o que mostra a enorme dificuldade que é escolher o que iremos testar

mensalmente aqui. Mas sabemos que é uma questão de tempo até que os importadores 'oficiais' percebam o enorme mercado ainda a ser explorado, e se animem a trazer seus modelos mais 'condizentes' com a nossa realidade.

De nossa parte, acredite, amigo leitor, fazemos esforços diários para mostrar a todos esses parceiros comerciais as vantagens de se posicionar corretamente no mercado, oferecendo produtos de boa qualidade e performance, e que caibam no orçamento da grande maioria. No entanto, assim como fizemos por quase uma década na *Áudio e Vídeo*, vale a pena lembrar que, por se tratar de um bem durável, é o tipo de investimento que precisa ser avaliado a longo prazo - e se pegarmos um bom fone na faixa de 1000 reais, que tenha excelente equilíbrio tonal, para se ouvir em volumes seguros, confortável e bem construído, isso não justifica o investimento? Um fone de ouvido de boa qualidade é o tipo de produto para ser usado por muitos e muitos anos, e a manutenção é de muito baixo custo, com espumas ou couro sintético. Então, a todos que nos cobram testes com fones bons e baratos, só posso pedir para terem paciência, pois os fones que atendem aos nossos requisitos metodológicos e da OMS, de baixo custo, ainda são a exceção e não a regra. Infelizmente! ■



Razão e Sensibilidade

GRADO



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br



CPB ANUNCIA PARCERIA COM EDIFIER PARA FORNECER FONES DE OUVIDO À DELEGAÇÃO BRASILEIRA PARALÍMPICA QUE VAI A TÓQUIO



O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) anunciou em 17 de junho, uma parceria com a Edifier, empresa chinesa de equipamentos de áudio, para ser a empresa oficial dos fones de ouvido dos atletas e de toda a delegação brasileira que irá aos Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020, no próximo mês de agosto, no Japão.

O contrato prevê o fornecimento de 450 fones de ouvido bluetooth 5.1 Edifier W800BT Plus, e que serão distribuídos à delegação nacional juntamente com o kit dos novos uniformes.

Com esta parceria, a marca carregará a alcunha “O som oficial da delegação paralímpica brasileira”. Em comunicado, os representantes da Edifier comentaram: “Uma honra poder fazer parte e apoiar este movimento de transformação inclusiva, social e esportiva, do qual o CPB tem se destacado, com um trabalho de elevado nível profissional e de alto desempenho”.

“Esporte e música têm tudo a ver. Quantos de nós atletas e ex-atletas temos memorizados momentos marcantes da nossa carreira por músicas que levamos conosco nas viagens e competições? Os Jogos Paralímpicos de Tóquio serão inesquecíveis e muitos momentos históricos serão embalados em músicas através das quais a tecnologia a Edifier provê aos atletas brasileiros. Desejamos as

boas-vindas a mais este parceiro do Comitê Paralímpico Brasileiro”, afirmou Mizael Conrado, bicampeão paralímpico de futebol de cinco (Atenas 2004 e Pequim 2008) e presidente do CPB.

Os Jogos Paralímpicos de Tóquio serão realizados entre os dias 24 de agosto e 5 de setembro e a expectativa é que a delegação brasileira tenha a participação de 230 atletas paralímpicos.

Em seu Planejamento Estratégico, o CPB estabeleceu como meta manter-se entre as dez principais potências do planeta nos Jogos Paralímpicos. O objetivo para Tóquio 2020 é ficar no top 10 no quadro geral de medalhas.

Nos Jogos Paralímpicos Rio 2016, o Brasil conquistou 72 medalhas no total: 14 de ouro, 29 de prata e 29 de bronze. O resultado, com o maior número de láureas já conquistadas pelo país em uma edição dos Jogos, deixou a delegação brasileira na oitava colocação no quadro geral de medalhas. ■

Para mais informações:
Edifier
www.edifier.com.br

USE E ABUSE



CAVI
RECORDS

EDITORA
MAG

FAÇA O DOWNLOAD GRATUITO DESTE CD EM NOSSO WEBSITE,
E UTILIZE-O PARA AVALIAR SEU FONE E EM FUTUROS UPGRADES.



AUDIOFONE

WWW.CLUBEDOAUDIO.COM.BR/CDDTESTE4

EDITORA
MAG

TESTE

1

FONE



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=0IKG6LIXIEO](https://www.youtube.com/watch?v=0IKG6LIXIEO)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=3FGUL9AHGHO](https://www.youtube.com/watch?v=3FGUL9AHGHO)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=T-NNN4O0R60](https://www.youtube.com/watch?v=T-NNN4O0R60)



FONE DE OUVIDO MONTBLANC MB 01

 Juan Lourenço
revista@clubedoaudio.com.br

O fone de ouvido MB 01 da Montblanc é a primeira tentativa da célebre marca alemã no áudio hi-end. A marca é famosa pelos instrumentos de escrita e uma série de produtos de luxo, como relógios, bolsas de couro e muitos outros. Para não correr riscos, a Montblanc passou a tarefa para o mago dos fones de ouvido Alex Rosson, fundador da Audeze - um nome de peso e que, por vezes, surpreendeu o mercado audiófilo com verdadeiras gemas em forma de fones.

O MB 01 é um fone de ouvido Bluetooth com cancelamento de ruído ativo, possui drivers de neodímio de 40 mm com resposta de frequência de 70 Hz a 18 kHz, impedância 21 Ohms ($\pm 10\%$ a 1 kHz), sensibilidade de 104,3 dB \pm 2,5 dB (1 mW / 1 kHz), THD inferior a 1% (a 1 mW / 1 kHz) e codecs aptX Adaptive, e vários formatos de áudio como Flac e AAC inclusos. Possui Bluetooth 5.0 multiponto para até dois aparelhos, com alcance de 10m, Wireless e Wired. Conectividade com Smartwatch e Google Assistant, além do próprio

app nas lojas de aplicativos Android e Apple, para configuração de parâmetros de equalização e ajuste do cancelamento de ruído ativo. A bateria possui duração de até 20 horas de uso contínuo. O fone vem equipado com dois cabos: um USB A/C para carregamento da bateria, e outro USB C / 3.5 mm - o popular P2.

O acabamento e o design são de muito bom gosto. Parece uma enorme redundância dizer que tudo neste fone exala bom gosto e sofisticação, mas em se tratando de fones Bluetooth, o nível costuma ser baixo, com algumas poucas marcas se aventurando 'fora da caixinha' e, como era de se esperar, a Montblanc fez mais que seu dever de casa, superando as expectativas e elevando o nível de sofisticação à um novo patamar. Da embalagem, em papel cartão com ótima gramatura, para manter uma estrutura rígida contra impactos, e com textura acetinada, a harmonia entre os materiais escolhidos para o fone, o toque e a sensação que cada um provoca, tudo no MB 01 nos faz sentir especial. Do alumínio da armação, com três ►

opções de acabamento anodizado brilhante, ao copo com três acabamentos: preto, cinza e dourado com textura aveludada - mas não é qualquer aveludado, tem a maciez correta e nem de longe parece aquele emborrachado barato. O dedo desliza como se estivesse tocando em alcântara. Os botões de comando play/pause, e controle de ruído ativo (ACN), ficam na concha direita, possuem boa localização e ótima sensação tátil. Logo após os botões, temos a entrada USB-C e o LED indicativo da bateria. O couro escolhido para as almofadas das conchas e o encosto de cabeça, é de altíssimo padrão e, como era de se esperar da Montblanc, foge completamente ao que estamos acostumados em fones - até mesmo em fones top de linha de outras marcas. É tão macio, sedoso e ao mesmo tempo firme, que é difícil acreditar que seja couro natural, mas é! As almofadas possuem pouca ou quase nenhuma ondulação, isolando os ouvidos de ruídos externos com muita eficiência. A memória da espuma é muito boa, copiando a pele ao redor das orelhas sem incômodos, a pressão exercida pelas conchas está em um nível próximo da perfeição, e o peso baixo do fone garante conforto extra para ouvir música por horas e horas sem fadiga.

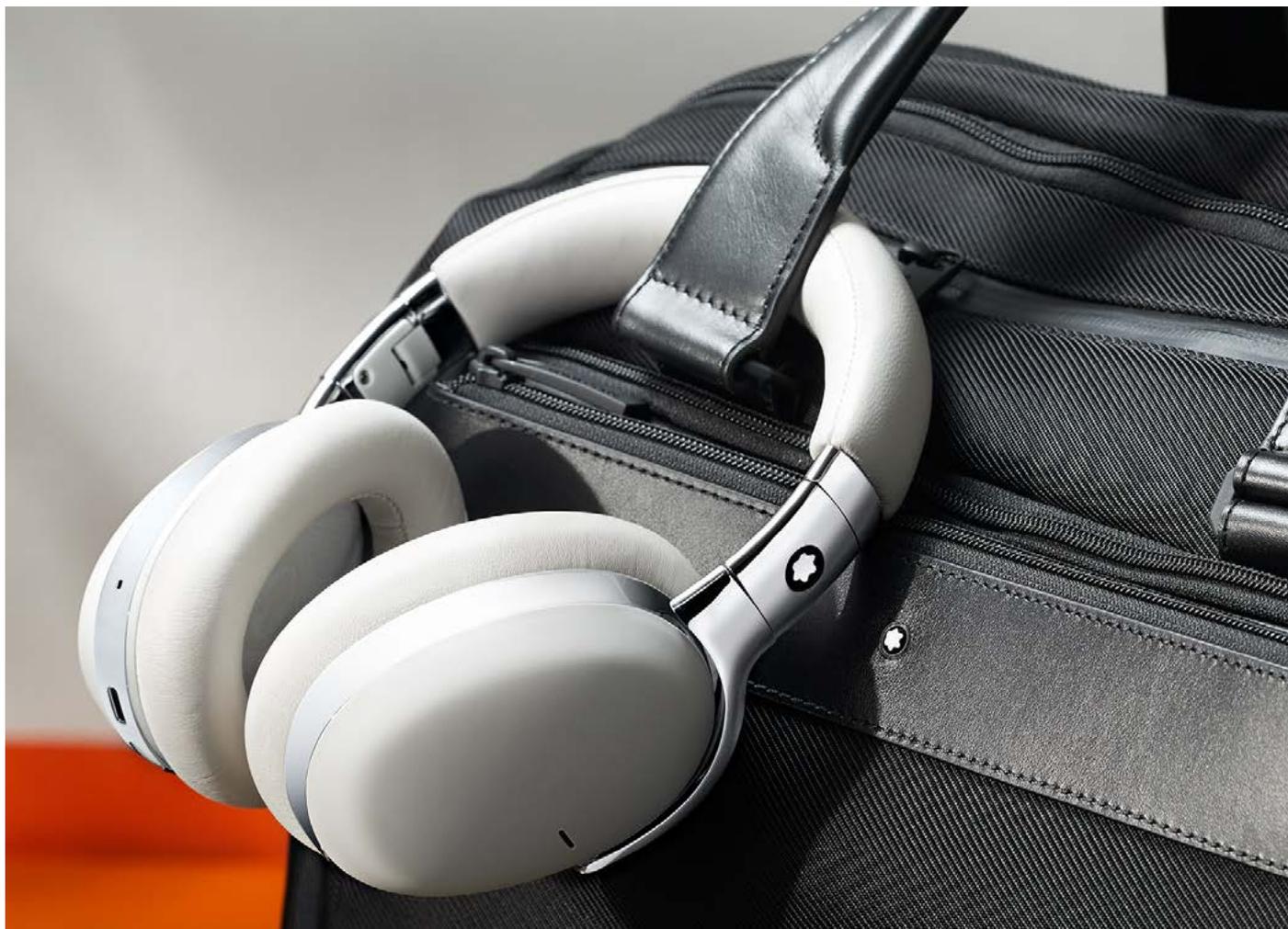
Talvez seja em nome deste conforto ímpar, que Alex Rosson limitou a bateria em 20 horas. Não existe almoço grátis, e a tecnologia ainda não fez as baterias perderem tanto peso assim. Mais horas de uso significam mais peso, sem dúvida. Carregar este peso extra para ter horas a mais, sendo que a média de uso de fones de ouvido gira em torno de 4 a 5 horas/dia, talvez não valesse a pena, e devo dizer que penso como o Mr. Rosson: eu prefiro o conforto - afinal, é um fone também para viagens.

A função Play/Stop nada mais é que um sensor que detecta quando o fone está na cabeça ou no pescoço, pausando ou iniciando a música conforme a pessoa tira ou põe o fone. Esta função vem desativada de fábrica - para ativá-la, basta manter pressionados simultaneamente os botões 'menos' e ANC.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Fontes: Astell & Kern modelo KANN, smartphone Samsung S10+, iPhone 8 Plus.

Após retirar o fone MB 01 da embalagem, deixei carregando por duas horas para estabilizar a bateria e iniciar os testes, e me atentar





para a duração da mesma, que chegou às 20 horas prometidas mesmo com cancelamento de ruído ativado. Após este período, iniciei as audições com o Astell & Kern: o som é muito bom logo nos primeiros acordes, seu equilíbrio tonal é realmente superior, não deixando dúvidas quanto ao que virá após o amaciamento.

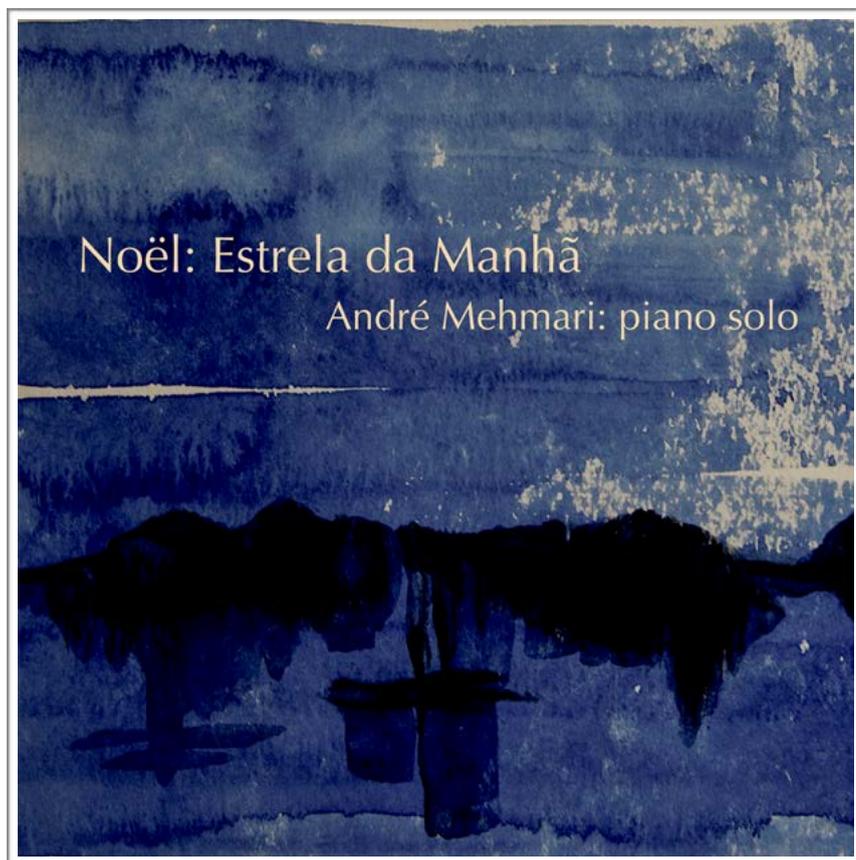
Deixei o MB 01 amaciando por cerca de 100 horas, revezando entre cabo e Bluetooth. Após as 100 horas, o fone ganhou extensão nos extremos das frequências altas e baixas, ganhou uma profundidade e largura de palco, e com isto uma naturalidade estonteante! A separação dos instrumentos e o ar entre eles chegam a nos pegar de surpresa, pois não é comum ouvir este tipo de detalhamento em fones Bluetooth - era coisa de fone aberto, e o mais legal é que este comportamento não se altera quando utilizamos o ANC.

Iniciei os testes com o jazz da Dianne Reeves, disco *Bridge*, e *Tribute to Ellington* com Daniel Barenboim & Guests. O MB 01 soa completamente descongestionado, com a região média recuada e extremamente clara, sem jamais soar fria ou dura. As texturas do piano, do contrabaixo acústico e do violão são excelentes, muito acima do que esperava, e o palco amplo e com ótimo foco e recorte

permite um nível de relaxamento que, novamente, só nos fones com fio. Parece fone aberto mesmo, de tão natural que é. É possível perceber rebatimentos dos locais de gravação, e o tamanho dos instrumentos e vozes elevam o nível de realismo que a música pode alcançar.

Cada coisa está em seu devido lugar, com seu tamanho próximo do ideal, as frequências baixas não sobram, como acontece em muitos fones concorrentes deste. Devo dizer que, quem está acostumado com Sony e JBL, realmente sentirá falta dos excessos, pois como o MB 01 é um fone pensado para o amante da fidelidade - vide os projetos para a Audeze - não há em sua configuração padrão nada que sobre. Mas se gostar de uma pitada a mais de grave, não tem problema, é possível ajustar os parâmetros de equalização no aplicativo. É melhor ter como adicionar do que não ter como tirar, como acontece muitas vezes.

É muito fácil trocar as bolas e achar que o MB 01 tem menos extremos, mas não é este o caso. Ouvido hip-hop, reggae e samba na configuração padrão, o fone desce bem nos graves e as altas estão no ponto certo para não espirrar e fazer do fone um picador de gelo ▶



Novo album piano solo
Dedicado à obra de
Noel Rosa

Já disponível nas
plataformas digitais.

Arquivos originais em
24/96 disponíveis
para venda exclusiva
através do site.

Lançamento
Janeiro 2020

“Foi na noite do dia 19 de outubro de 2019 que este álbum foi integralmente gravado, num só fôlego. Minha vontade foi mesmo criar um som intimista, noturno, aconchegante e lento. Abri o songbook Noel Rosa e comecei a gravar algumas canções, na ordem (alfabética) em que se apresentam. O repertório parecia já saber o que me pedir como pianista. Assim, neste álbum, apresento as músicas na ordem em que as gravei. O que ouvimos aqui é o lume daquela irrepetível noite que me antecipava uma aurora de sonhos e galáxias que dançam ao som de Noel Rosa.”

André Mehmani

Música Brasileira de excelência produzida hoje.

Conheça os lançamentos do selo Estúdio Monteverdi

<http://www.andremehmani.com.br/loja-shop>



Estúdio Monteverdi

RELAÇÃO DE FONES/DACS PUBLICADOS



FONE DE OUVIDO BEYERDYNAMIC DT880 PRO

Edição: 167

Nota: Primeiras Impressões

Importador/Distribuidor: Playtech



OURO REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SENNHEISER HD800

Edição: 175

Nota: 85

Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO YAMAHA PRO500

Edição: 190

Nota: Primeiras Impressões

Importador/Distribuidor: Yamaha



OURO REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO JVC FX200

Edição: 192

Nota: Espaço Aberto

Importador/Distribuidor: JVC



FONE DE OUVIDO AKG QUINCY JONES Q701S

Edição: 193

Nota: 82

Importador/Distribuidor: Harman Kardon



DIAMANTE REFERÊNCIA



AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO LUXMAN P-200

Edição: 194

Nota: Primeiras Impressões

Importador/Distribuidor: Alpha Áudio e Vídeo



ESTADO DA ARTE



DAC USB E PRÉ DE FONES DE OUVIDO LUXMAN DA-100

Edição: 200

Nota: 82

Importador/Distribuidor: Alpha Áudio e Vídeo



DIAMANTE REFERÊNCIA



DAC USB E PRÉ DE FONES DE OUVIDO DACMAGIC XS

Edição: 201

Nota: 70,5

Importador/Distribuidor: Mediagear



OURO REFERÊNCIA



MICROMEGA MYSIC AUDIOPHILE HEADPHONE AMPLIFIER

Edição: 202

Nota: 78

Importador/Distribuidor: Logiplan



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO AUDEZE LCD3

Edição: 204

Nota: 83

Importador/Distribuidor: Ferrari Technologies



ESTADO DA ARTE



DAC E PRÉ DE FONES DE OUVIDO KORG DS-DAC-100 - REPRODUZINDO DSD

Edição: 205

Nota: 80

Importador/Distribuidor: Pride Music



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO PHONON SMB-02 DS-DAC EDITION

Edição: 206

Nota: 80

Importador/Distribuidor: Pride Music



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO GRADO PS500E

Edição: 210

Nota: 81,25

Importador/Distribuidor: Audiomagia



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SENNHEISER HE 1

Edição: 240

Nota: 95

Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE



AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO SENNHEISER HDV 820

Edição: 244

Nota: 86

Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE



PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC - COMO AMPLIFICADOR FONE DE OUVIDO

Edição: 247

Nota: 85

Importador/Distribuidor: German Audio



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO GRADO SR325E

Edição: 258

Nota: 72

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



DIAMANTE RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO SONY WH-XB900N

Edição: 258

Nota: 62 / 63

Importador/Distribuidor: Sony



OURO RECOMENDADO



HEADPHONE JBL EVEREST ELITE 150NC

Edição: 260

Nota: 58

Importador/Distribuidor: JBL



PRATA REFERÊNCIA



AMPLIFICADOR DE FONE DE OUVIDO QUAD PA-ONE+

Edição: 260

Nota: 83

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



ESTADO DA ARTE

RELAÇÃO DE FONES/DACS PUBLICADOS



FONE DE OUVIDO WIRELESS TCL ELIT400NC (VIA CABO P2)

Edição: 260

Nota: 61

Importador/Distribuidor: TCL



PRATA REFERÊNCIA



HEADPHONE SONY WH-CH510

Edição: 261

Nota: 58,5

Importador/Distribuidor: Sony



PRATA REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SONY WI-C200

Edição: 262

Nota: 57

Importador/Distribuidor: Sony



PRATA REFERÊNCIA



SAMSUNG GALAXY BUDS+

Edição: 261

Nota: 44

Importador/Distribuidor: Samsung



BRONZE REFERÊNCIA



SONY WALKMAN NW-A45

Edição: 262

Nota: 62,5

Importador/Distribuidor: Sony



OURO RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO PHILIPS FIDELIO X2HR

Edição: 263

Nota: 78

Importador/Distribuidor: Philips



DIAMANTE REFERÊNCIA



HEADPHONE BLUETOOTH COM CANCELAMENTO DE RUÍDO B&W PX7

Edição: 264

Nota: 75,5

Importador/Distribuidor: Som Maior



DIAMANTE RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO BLUETOOTH SONY WH-1000 XM3

Edição: 265

Nota: 76

Importador/Distribuidor: Sony



DIAMANTE RECOMENDADO



GRADO LABS SR125e PRESTIGE

Edição: 266

Nota: 62,5

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



OURO RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO QUAD ERA-1

Edição: 267

Nota: 83,0

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO JBL LIVE 300TWS

Edição: 267

Nota: 56,0

Importador/Distribuidor: Harman



PRATA REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO MEZE 99 CLASSICS

Edição: 268

Nota: 84,0

Importador/Distribuidor: German Audio



ESTADO DA ARTE



FONES DE OUVIDO ONKYO ES-FC300

Edição: 268

Nota: 76,0

Importador/Distribuidor: Onkyo



DIAMANTE RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO MEZE EMPYREAN

Edição: 269

Nota: 98,0

Importador/Distribuidor: German Audio



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO GRADO STATEMENT GS3000E

Edição: 271

Nota: 95,0

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO RELOOP RHP-30

Edição: 272

Nota: 58,5

Importador/Distribuidor: Alpha Áudio e Vídeo



PRATA REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SENNHEISER HD 660S

Edição: 273

Nota: 71,0

Importador/Distribuidor: Sennheiser



OURO REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO BLUETOOTH JBL CLUB PRO+ TWS

Edição: 274

Nota: 58,0

Importador/Distribuidor: JBL



PRATA REFERÊNCIA



RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Nagra Classic INT - 99 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.260
Hegel H590 - 97,5 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.256
Hegel H390 - 97 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.269
Sunrise Lab V8 SS - 96 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.259
Hegel H360 - 95 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.235

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

Nagra HD Preamp - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.257
Nagra Classic Preamp (com a fonte PSU) - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.261
CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.239
Nagra Classic Preamp - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.261
D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.198

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.238
Nagra Classic Amp Mono - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.258
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Logical Design - Ed.200
CH Precision A1.5 - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.263
Audio Research 160M - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.251

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Nagra Classic Phono (com a fonte PSU) - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
CH Precision P1 - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.266
Nagra Classic Phono - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
Luxman EQ-500 - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Alpha Áudio e Vídeo
Boulder 508 - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.253

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

Nagra DAC X - 111 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.264
MSB Select DAC - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.252
Nagra Tube DAC - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.262
dCS Rossini - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.250
dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.183

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Origin Live Sovereign MK4 - 112 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Timeless Audio - Ed.273
Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.196
Acoustic Signature Storm MkII - 103,5 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.257
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Logical Design - Ed.186
Timeless Audio Ceres - 99 pontos (Estado da Arte) - Timeless Audio - Ed.269

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

Soundsmith Hyperion MKII ES - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.256
Hana Umami Red - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Alpha Audio & Vídeo - Ed.196
MC Murasakino Sumile - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - KW Hi-Fi - Ed. 245

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.200
Wilson Audio Sasha DAW - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.256
Rockport Avior II - 101 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.258
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Logical Design - Ed.176
Kharma Exquisite Midi - 99 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Dynamiq Audio Apex - 112 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.267
Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sunrise Lab - Ed.240
Feel Different FDIII - Série 3 - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Feel Different - Ed.265

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Dynamiq Audio Apex - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.258
Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.214
Sax Soul Ágata II - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sax Soul - Ed.251
Dynamiq Audio Zenith 2 XLR - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.263
Sunrise Lab Quintessence - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sunrise Lab - Ed.244



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer “pequeno” quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de “estar lá”. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não ampliada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.

TESTE
1
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=2QKS_SB2SZI](https://www.youtube.com/watch?v=2QKS_SB2SZI)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=QRL4DKK6HQM](https://www.youtube.com/watch?v=QRL4DKK6HQM)



CAIXAS ACÚSTICAS KII AUDIO THREE



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Vi, nos últimos anos, diversos vídeos das caixas Kii, com e sem o módulo de grave, e não saberia dizer se era por escolha ou para realçar ainda mais suas qualidades, e sempre com música eletrônica. Este detalhe do repertório me chamou a atenção, e despertou minha curiosidade em conhecer o produto.

Principalmente depois que soube que quem estava por de trás do projeto era o Bruno Putzeys, um engenheiro que está há muitos anos se dedicando ao desenvolvimento dos amplificadores classe D. Bruno, já nos anos 90, estava debruçado nos primeiros projetos desta topologia na Philips, e lá desenvolveu o circuito UCD, tecnologia que a Hypex abraçou pelo seu potencial.

Contratado, na sequência, pela Hypex, lá Bruno desenvolveu os famosos módulos NCore Classe D, amplamente utilizados por diversos fabricantes de áudio profissional e hi-end, como Bel Canto e Jeff Rowland. Cansado de trabalhar para os outros, montou sua

própria empresa, a Mola Mola e, ainda por um tempo, foi consultor e colaborador da Grimm Audio (caixa que já testamos na revista).

Atualmente, Bruno paralelamente mantém uma parceria com o engenheiro de áudio Bart van der Laan, e criaram a caixa Kii THREE, tanto para o áudio profissional como para o áudio doméstico. O projeto nasceu de uma calorosa discussão referente à acústica das salas, seja de ambiente tratado na área profissional, quanto das salas domésticas. Dessa discussão nasceu o interesse de construir uma caixa que conseguisse ‘driblar’ os problemas de ressonância dos graves e médio-graves, invertendo o sinal para os drives traseiros e laterais da caixa que estavam desenvolvendo, com um atraso que pudesse atenuar o problema.

Para conseguir isso, os seis drives da caixa THREE são controlados por um crossover DSP que usa antifase nos drivers traseiros para impedir que os graves sejam ‘ampliados’ no contato com a



parede atrás das caixas. Algo já tentado por outros fabricantes de caixas, e cada um com um resultado, no mínimo, 'discutível'.

O software desenvolvido pela Kii promete resolver os problemas de tempo e alinhamento de cada um dos seis falantes e 'burlar' os problemas existentes em qualquer sala em que for colocada!

A Kii THREE, como já escrevi, utiliza seis falantes, cada um com seu próprio DSP, conversão D/A e amplificação individual. Cada amplificador é um NCore classe D que tem 250 Watts, combinados para produzir 1.500 Watts por canal, o que é deveras suficiente até mesmo para monitores de estúdio.

Os quatro falantes de graves têm 165 mm (6.5 polegadas), o de médio 127 mm (5 polegadas) e o tweeter de 25 mm com guia de ondas, o fabricante não dá nenhuma pista de que material são os cones dos falantes ou do tweeter.

Pensando em usuários tão distintos (pró áudio e consumer), o fabricante pensou em todas as possibilidades: conexão analógica direta via XLR de um pré amplificador, digital direta com um cabo USB para a AES/EBU de um laptop com Audirvana, ou um software compatível, ou pelo seu controlador Kii (que veio junto com as caixas).

Este controlador Kii é bastante prático e eu o indico como a melhor solução, pois este se conecta a uma das caixas via cabo Ethernet RJ45, e o sinal então é passado para a segunda caixa via um cabo semelhante. Tudo conectado você pode usar este controlador como um pré amplificador para sinais digitais, pois possui entradas óticas, coaxiais e USB, além de ter um botão para o controle do volume, um receptor IR e um display onde vários dos recursos e parâmetros para o ajuste das caixas podem ser escolhidos. Estes ajustes possuem 12 configurações para a definição do melhor resultado para as paredes laterais e por de trás das caixas. ▶

Outra possibilidade é o ajuste das reflexões da sala, além de você poder ajustar a latência, polaridade, programar os presets no controlador e ajustar o equalizador ideal para cada falante individual, o que será necessário se uma caixa estiver em um canto entre duas paredes e a outra em um corredor (algo tão comum na sala de milhares de consumidores mundo afora). O Controlador tem indicadores coloridos para mostrar o status de cada ajuste feito.

A Kii também oferece pedestais dedicados que colocam as caixas na posição ideal em relação ao ouvinte.

Para o teste que ocorreu por longos 90 dias, utilizamos os Innuos Statement (leia teste na edição 274) e o Mini Zen (leia teste na edição de setembro próximo), e no final deste teste o streamer do DAC Gold Note DS-10 (leia teste em outubro próximo). Os cabos USB utilizados foram: Dynamique Zenith 2, Sunrise Lab Quintessence Aniversário, e Oyaide Continental 5S V2.

E depois de 60 dias ouvindo as THREE de todas as maneiras e em dois ambientes completamente distintos (nossa Sala de Referência e nossa sala de home-theater), ouvimos nosso setup analógico através dos prés de phono Nagra Classic Phono (leia teste na edição 273) e o Gold Note PH-1000 (leia teste na edição de setembro próximo).

É admirável que alguém se dedique com tanto esmero e conhecimento na busca de novas soluções e topologias, que faça com que

o áudio em suas diversas formas e possibilidades sempre avance. Sabemos que inúmeras ideias no áudio possuem vida curta, por diferentes razões, mas as que vingam ainda assim precisam frequentemente de ajustes e correções de rota durante toda sua existência. Foi assim com o CD-Player, que levou décadas até se 'aprumar', e é assim que está sendo com os amplificadores classe D, caixas ativas com seus módulos DSP, e também com o streamer. Então tenho muito cuidado e zelo ao testar tecnologias que ainda estão em desenvolvimento, pois sei da responsabilidade que uma conclusão pode ter em um determinado estágio evolutivo.

Então, antes de iniciar este teste, algumas questões necessitam ficar muito claras, para que não haja interpretações equivocadas.

Avaliei a Kii THREE exclusivamente dentro do nicho de caixas ativas que buscam soluções eficientes para o mais complicado problema para qualquer caixa em um ambiente não tratado acusticamente. E pressuponho que os projetistas tenham levado em conta que este seja um enorme filão a ser trabalhado. Pois a esmagadora maioria dos consumidores, não tem o menor desejo de tratar suas salas.

Se foi este o propósito, ponto para a Kii, pois seu produto realmente tem o 'poder' de 'driblar' ambientes hostis com enorme reflexão, como de janelas, pisos frios ou salas irregulares em que uma caixa fica entre duas paredes e a outra largada como em uma ilha do pacífico, rodeada de espaços abertos.



O problema, no meu modo de avaliar o mercado como um todo, é em relação ao custo de se conseguir este feito, pois infelizmente pelo seu preço, a Kii é para muito poucos, audiófilos e melômanos. Me parecendo muito mais um produto de nicho, como faz por exemplo a B&O, que buscou no design fisgar seus potenciais clientes.

Ao começar a estudar todas as diversas possibilidades de ajuste, senti que o fabricante tentou oferecer o maior número possível de opções, e isso tanto pode ser um alento, para os que são pacientes, ou um tormento para os que querem tudo em um passe de mágica! E confesso que aí reside o maior problema, pois foram semanas escutando a caixa em diversas posições, mais perto das paredes laterais, e mais próximas da parede traseira, e cada nova posição demandava repassar todos os ajustes mais de uma vez.

E para cada estilo musical, o ajuste era diferente. Quando consegui chegar a um consenso de posição e ajuste, ficou claro que para extrair da caixa todo o seu enorme potencial, era preciso guardar os ajustes para cada estilo, para não se embaralhar.

Aí certamente o leitor mais curioso já deve estar se perguntando o que ocorre no ajuste errado? Muda o equilíbrio tonal, muda o corpo, mudam as texturas e muda até a relação das variações dinâmicas. Então será preciso paciência, determinação e, depois de definida a posição, não mudar mais e anotar os presets ideais para cada estilo musical.

Feito isso, você estará tirando o melhor da caixa. E seus atributos são muitos.

Por exemplo, inteligibilidade. Poucas vezes escutamos caixas monitores com tanta precisão e detalhe, nos fazendo perceber de onde

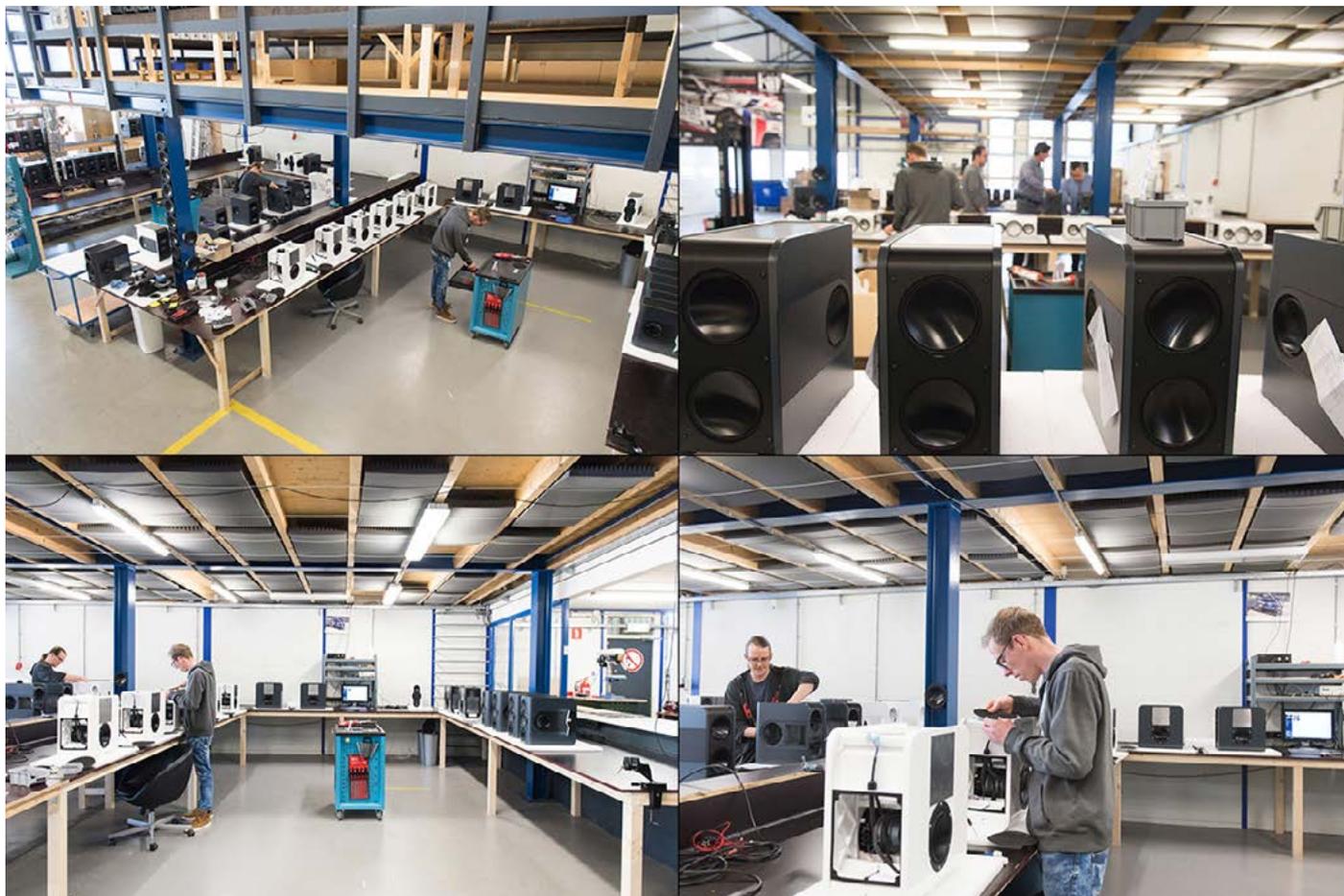
foi gerado o ruído que ficou na gravação de uma partitura tendo a página virada. Ou de movimentos bruscos do solista, ou até mesmo dos movimentos de pés 'nervosos' no chão da sala de gravação!

Outra virtude é o silêncio de fundo do acontecimento musical - essa qualidade ficou muito mais perceptível quando passamos a ouvir LPs. Os 'clicks e plocs' são muito menos presentes (será a exigência do sinal ao entrar ser transformado em digital antes de ser novamente entregue?). Fiquei até 'cabreiro' nos primeiros discos, pois achei que o ajuste que tinha feito estava cortando as frequências dos ruídos.

E a maior virtude, na minha opinião, é a resposta de transientes: simplesmente espetacular! Pois não é só o tempo e andamento que se mostram com maior precisão, mas a música que possui variação rítmica intensa parece que se torna mais vigorosa e intensa. Ouvi inúmeros discos com instrumentos eletrônicos, que não costumo ouvir, como os do Dead Can Dance, e realmente é de impressionar como os transientes em gravações assim soam tão bem na Kii THREE (foi aí que comecei a entender a ênfase deste tipo de música nos em suas demonstrações em hi-end shows).

Li, enquanto ajustava, diversos fóruns e reviews desta caixa, e me chamaram a atenção os depoimentos que falam do estranhamento, em um primeiro momento de audição, e que depois as fichas vão caindo para cada ouvinte. Sou muito cuidadoso com essas conclusões, justamente por saber que cada um fez o ajuste pessoal de seu gosto para 'extrair' o melhor em sua sala. Tanto isso é verdade, que quando as coloquei em nossa sala de home-theater, sem nenhum tratamento (estou esperando o Guilherme da Hi-Fi Experience ter





um tempo para refazermos o tratamento da sala), as THREE puderam mostrar todo o seu arsenal de possibilidades e ajustes. Pois qualquer outra caixa neste ambiente é inaudível!

Totalmente ajustadas, conseguimos ouvir com prazer diversos discos de vários estilos. No melhor ajuste, senti apenas os graves terem menor extensão e corpo. Mas tudo era muito inteligível e equilibrado!

Quando voltamos para a nossa Sala de Referência, o último teste foi ligar as caixas ao nosso setup analógico. Imediatamente, ao ouvir um LP da Billie Holiday, minha memória auditiva foi transportada para o teste do último amplificador Devialet que publicamos, em que achei o som menos realista e natural que estou acostumado a escutar. Lembro que chamei os representantes da Devialet na sala e mostrei este, e mais discos, passando pelo pré de phono da Devialet e no nosso pré de phono de referência.

As diferenças eram bem audíveis. Ainda que na THREE este 'efeito' tenha sido menor, ele ainda estava lá. Eu não tenho a menor dúvida que este 'resultado' seja da passagem do sinal para digital, para depois voltar novamente para o analógico. Tanto que os ruídos

de fundo também são atenuados. Essa é a descrição correta: tudo parece atenuado!

CONCLUSÃO

Só estou tranquilo em concluir este teste, por ser pública e notória a minha opinião a respeito tanto dos amplificadores classe D, como dos streamers, e que essas duas topologias ainda não chegaram lá!

Vão chegar? Evidente que sim, pois os avanços são significativos e 'audíveis'.

O mesmo ocorreu com as caixas ativas que, a cada ano, se mostram mais corretas e que caíram no gosto do consumidor de tal maneira, que todos os fabricantes de caixas hi-end embarcaram nesta solução. E, correndo por fora, tem engenheiros como o Bruno aplicando todos seus anos de expertise em produtos que têm a pretensão de revolucionar o mercado com soluções que atendam aos mais diversos tipos de problemas acústicos possíveis.

Podemos afirmar que este já seja um produto definitivo? Claro que não. Mas posso afirmar que o estágio em que o produto se encontra, certamente é o que está mais próximo de encontrar o ponto de equilíbrio entre recursos e performance.



IS-1000

Toda beleza e encanto da música em uma única peça.
Design e performance inigualáveis.



GOLD NOTE

HIGH-END AUDIO MADE IN ITALY

Gold Note, design italiano à serviço da música e da beleza. Elegância, tecnologia inovadora e materiais selecionados são a inspiração para levar o melhor da música aos nossos clientes.



Assista ao tour pela fábrica da Gold Note

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br

german
Audio
www.germanaudio.com.br



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MF7VRMW4_BK](https://www.youtube.com/watch?v=MF7VRMW4_BK)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=0UAVQTNXVEM](https://www.youtube.com/watch?v=0UAVQTNXVEM)

AMPLIFICADOR INTEGRADO CAMBRIDGE AUDIO CXA81

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Já testei inúmeros produtos da Cambridge Audio nos 25 anos da revista - com certeza mais de uma dezena. O que me dá o 'direito' de dizer que acompanhei de perto todas as mudanças e tendências que este renomado fabricante inglês utilizou em cada nova série lançada neste um quarto de século.

O que faz desta marca uma das mais engajadas em oferecer produtos considerados 'de entrada' para o universo hi-end, mas que buscam atender seus clientes da melhor maneira possível em termos de custo/performance.

E o CXA81 não é uma exceção à regra da Cambridge - pelo contrário, pois debaixo de seu capô se esconde um rico arsenal de possibilidades, para aqueles que buscam um integrado que possa ser uma central de entretenimento musical. Então, se você olhou para ele como apenas mais um integrado, volte novamente e o veja em detalhes.

Ele possui um DAC que converte até 32-bits de arquivos e streamer, converte DSD256 que é entregue via DoP, possui entrada USB assíncrona e Bluetooth para o uso de dispositivos portáteis, e um bom amplificador de fone de ouvido.

O gabinete é bem construído em alumínio, e seu peso é considerável (12 kg). Seu painel frontal segue a tendência atual de limpeza, com poucos botões. À esquerda temos o de liga/desliga, o visor ao centro, de acrílico com LEDs para indicar a entrada (são 4), uma luz de indicador de proteção (para curto-circuito, superaquecimento e sobretensão). Além de um botão para indicar as saídas A ou B dos falantes, um de mute, e indicadores das três entradas digitais (D1, D2 e D3). Ao lado deste painel, um pequeno botão para acionamento da entrada USB, e o maior botão o de volume. E tudo pode ser comandado pelo controle remoto - ainda que, com a minha idade, eu quase precise de uma lupa, para ler os diminutos comandos. ▶



No painel traseiro temos a tomada IEC, os terminais de caixas A e B, logo acima o conector RS323C, e a entrada IR. Seguidos das entradas digitais na parte superior do painel, uma antena Bluetooth, uma entrada USB, três entradas S/PDIF (uma RCA e uma TosLink), e abaixo uma saída de subwoofer (RCA), seguida de um par de conectores pré, saída RCA, e as quatro entradas analógicas (RCA) e uma entrada (XLR).

A potência especificada pelo fabricante é de 80 Watts por canal em 8 ohms, e 120 Watts em 4 ohms. Funcionando em classe AB, sem, no entanto, especificar quando passa de classe A para B.

Ainda segundo o fabricante, os canais são separados simetricamente, e além deste diferencial em relação ao modelo anterior, o CXA80, o caminho do sinal analógico ficou mais curto e a seção de pré amplificação agora utiliza amplificadores operacionais JRC. E a fonte de alimentação, e toda a cadeia de sinal, utilizam agora capacitores Wima, Rubycon e Nippon Chemicon, que audivelmente são superiores aos utilizados no modelo anterior.

Juro que tentei achar um CXA80 para um teste 'aXb', para poder 'ouvir' as diferenças, mas não consegui.

Para o teste utilizamos o Innuos Zen Mini e os cabos USB: Dynamique Zenith 2, Oyaide Continental 5S V2, e o Sunrise Lab Quintessence Aniversário. No transporte da Nagra utilizamos o coaxial Sunrise Lab Quintessence, e um velho (e sempre à mão) Chord. Este aparato todo foi para avaliarmos seu DAC interno.

Para a avaliação de seu amplificador, utilizamos o transporte Nagra ligado via cabo AES/EBU (Crystal Cable Absolute Dream, e

Transparent Audio Reference) ligado ao DAC Gold Note DS-10, e ligado ao integrado da Cambridge através dos cabos Sunrise Lab Quintessence (RCA e XLR).

As caixas foram: Elac Debut Reference bookshelf (leia teste na edição 272), Elac Debut Reference DFR-52BK (leia teste na edição 274), e a desconcertante Elipson Legacy 3210 (leia teste na próxima edição). Os cabos de caixa foram: o Trançado da Virtual Reality (leia teste na edição 271).

O Cambridge veio lacrado (ainda com a fita do próprio fabricante na embalagem, o que significa que não foi aberto para averiguação na alfândega). Assim que chegou fiz a audição de primeiras impressões, ainda com a book da Elac que já estava em finalização do teste, e o deixei em queima por 100 horas.

Comecei por ouvir seu DAC interno, para ter uma ideia de que ponto sairíamos e qual estratégia de avaliação seguiríamos (de avaliar em conjunto amplificador e Dac ou separados). Depois de totalmente amaciado (240 horas), vimos que seria prudente dar a pontuação separadamente, pois o amplificador está ligeiramente à frente do DAC interno. É comum isso ocorrer, até com os integrados mais caros e mais sofisticados - nunca ouvi o DAC interno estar no mesmo nível do amplificador.

Talvez nos integrados bem mais 'caros' haja este padrão, mas no mercado de maior concorrência algumas concessões são necessárias, pois senão seu concorrente o atropela sem piedade. E a Cambridge sabe muito bem o que precisa fazer para manter sua fatia de mercado - e basta ver os inúmeros prêmios EISA recebidos nos últimos anos, para confirmar essa tese.

Começarei o teste avaliando o integrado e seu amplificador de fone, e por último passarei para o DAC interno, ok?

A assinatura sônica dos integrados da Cambridge, ainda que sofram 'lapidações' nas novas séries, mantém o legado de serem amplificadores para quem deseja uma sonoridade limpa, detalhada e mais relaxada. Se sua praia é uma sonoridade com a 'faca nos dentes' o tempo todo, que chega a beirar o visceral, esqueça-o! Aqui estamos falando de uma sonoridade que não será 'letárgica' quando as variações dinâmicas ocorrerem, mas sem nenhum vestígio de 'fogos de artifício' ou coices no peito no retumbar dos tímpanos. Como diria uma amiga minha pianista, ele está mais para uma paisagem de pôr do sol.

Agora, se você aprecia uma perspectiva mais 'intimista', e seu interesse é apenas sentar e ouvir sua música sem elucubrações metafóricas musicais (rs...), você irá apreciar o CXA81. Pois ele é detalhado e equilibrado tonalmente para apresentar a música de forma prazerosa. Seu ponto de equilíbrio entre detalhamento e precisão nunca atravessa a fronteira para o lado do analítico, mantendo sempre o ouvinte atento ao todo.

Ouvindo os mesmos exemplos de quartetos de cordas, ficou evidente que agora podemos 'degustar' com maior prazer as intencionalidades presentes em cada gravação, tanto em termos de técnica instrumental, como da qualidade do instrumento ou da escolha do engenheiro de gravação no microfone utilizado. Algo que para sua faixa de preço é uma novidade!

Ouvindo, por exemplo, o disco do pianista Italiano Giovanni Guidi - Avec Le Temps, lançado pelo selo ECM em 2008, na faixa título tem um trabalho feito nos pratos que costuma ser pouco sutil em equipamentos pobres em textura. E também no solo do baixista, que é feito quase todo em pianíssimo - o que dificulta entender o grau de precisão de cada nota deste solo. É a versão não cantada de Avec

le Temps mais sublime que já escutei! Pois bem, o Cambridge foi bastante competente nesta apresentação, pois ainda que não tenha o silêncio de fundo, como de outros amplificadores mais caros, conseguiu resolver de maneira 'honestas' este desafio.

Em termos de equilíbrio tonal, o CXA81 melhorou consideravelmente em relação ao antecessor, pois ganhou mais ar em cima, melhor decaimento e mais corpo. E os graves ganharam maior 'fundação' na primeira oitava, o que permite maior conforto em obras com muita variação dinâmica e informação nas duas primeiras oitavas nos graves. A região média continua sendo um dos pontos altos de todo Cambridge (isso desde sempre) - soa sempre muito correta e natural, e com o maior equilíbrio nas pontas, deixou de aparecer mais frontalizada como em alguns modelos anteriores.

Com isso o ouvinte pode até desejar, em boas gravações, testar o limite do volume da gravação sem comprometer a audição.

O soundstage ainda é mais 'tímido' que alguns de seus concorrentes diretos, mas nada que impeça, em gravações que tenham boas profundidade, largura e planos, acompanhar com prazer o acontecimento musical. Fará falta mais em música clássica do que em outros gêneros.

As texturas foram o maior avanço deste novo modelo, e este resultado é devido à melhora significativa no equilíbrio tonal, pois como sempre apresento nos Cursos de Percepção Auditiva, um está ligado ao outro como se fossem complementação direta.

Como escrevi algumas linhas acima, agora o prazer de acompanhar a 'intencionalidade' inerente em cada apresentação se tornou possível. E a segunda grande melhora foi a reprodução de transientes, que com maior precisão deixam as audições mais 'intensas'. Tanto em termos de precisão de tempo e andamento como de autoridade, foram aprimoradas.





Foi fácil observar essa melhora significativa, tanto no disco *I Ching* do Uakti, como no *Canto das Águas* do André Geraissati.

A dinâmica ainda continua sendo melhor na micro, do que na macro, porém como também já escrevi acima, a melhora na fundação do grave, ajudou a macro a ficar um pouco mais precisa e com as escalas de forte para o fortíssimo mais bem definidas. O problema continua sendo nos fortísimos, onde falta aquela 'impetuosidade' para a sustentação. Mas querer este feito de um amplificador nesta faixa de preço, ainda não escutei.

O corpo harmônico continua semelhante ao do modelo anterior, não sendo ruim e nem tampouco homogêneo (o que é fatal para as pretensões de enganarmos nosso cérebro que aquilo não é reprodução eletrônica). Mas as diferenças de tamanho entre um cello e um contrabaixo, ou um pícolo e uma flauta transversal se fazem audíveis.

A tão famosa materialização do acontecimento musical à nossa frente (organicidade), dependerá e muito da qualidade da gravação. Aqui o mais próximo desta 'materialização' consegui apenas com o José Cura - Anhele.

Depois de ouvir todos os discos usados para fechar a nota dos quesitos de nossa Metodologia, repassei novamente todos, agora ouvindo pelo DAC interno do Cambridge. Achei-o, em termos de assinatura sônica, muito parecido ao DAC interno do Streamer CXV2 (leia teste na edição 265). Mais refinado em termos de equilíbrio tonal, porém com menos profundidade, menos textura e um equilíbrio tonal que voltou algumas casas.

Diria que esta opção só deve ser usada se o consumidor não tiver um DAC externo de melhor qualidade. Ou esteja passando por um momento de transição em que precise simplificar o sistema. Neste caso, sugiro que seja criterioso na escolha do cabo digital, para não 'salientar' as limitações.

É audível? Claro que sim, mas imaginemos as próprias limitações do streamer ou do transporte, se o usuário ainda utilizar mídia física. O que já limita ainda mais a performance no todo. Agora, se o DAC

estiver sendo usado muito mais para música ambiente, o resultado será mais do que satisfatório.

CONCLUSÃO

É notório o esforço que os fabricantes que atuam na linha de entrada do áudio doméstico estão fazendo para dar um salto em termos de qualidade final.

As melhorias a cada nova série são perceptíveis. O grande entrave, na minha opinião, é que esses produtos precisam ser um 'pacote' cada vez mais completo, e com preços cada vez mais competitivos. E aí que mora o perigo, pois se manter vivo requer estar sempre mais atento à concorrência do que ao consumidor. É como querer dirigir olhando para o próprio umbigo.

O que algumas dessas empresas estão fazendo? Procurando criar alguns produtos que fujam a essas margens tão estreitas, e sinalizem ao consumidor que aquele valor um pouco acima traz vantagens.

Acho que o CXA 81 é um pouco isso, pois a própria Cambridge tem modelos abaixo, para brigar com a concorrência.

O fabricante que conseguir emplacar essa estratégia, e convencer o consumidor que vale a pena este investimento adicional, se dará bem. Se tivesse que apostar, diria que a Cambridge é um candidato, tanto pela sua história como pelo seu conhecimento deste segmento.

O tempo nos dirá.

Antes de encerrar minha conclusão: gostei muito do amplificador de fone embutido - este é um outro importante diferencial deste produto. Muito correto tonalmente, com um bom fone também com essa qualidade, o prazer nas audições será garantido.

Se o orçamento é curto, amigo leitor, e seu desejo é um upgrade em sua amplificação que seja uma solução de um pacote integral, ouça o Cambridge CXA81. Se o que deseja é uma assinatura sônica refinada e sem arroubos pirotécnicos, ele pode ser o seu 'oásis sonoro'. ■



TESTE
3
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JLVODAEIVEA](https://www.youtube.com/watch?v=JLVODAEIVEA)

CAIXAS ACÚSTICAS ELAC DEBUT 2.0 B6.2

XX Juan Lourenço
revista@clubedoaudio.com.br

A Elac é uma daquelas fabricantes de caixas acústicas hi-end que fez e faz parte do imaginário e da memória do audiófilo brasileiro. Seja pela saudade que deixou em seus sistemas ou pela vontade de ter uma, pois na época de ouro do Hi-End por estas bandas, nos idos de 2000 a 2016, fez parte da sala de muita gente, e nos Hi-End Shows sempre fez belas apresentações que marcaram na memória.

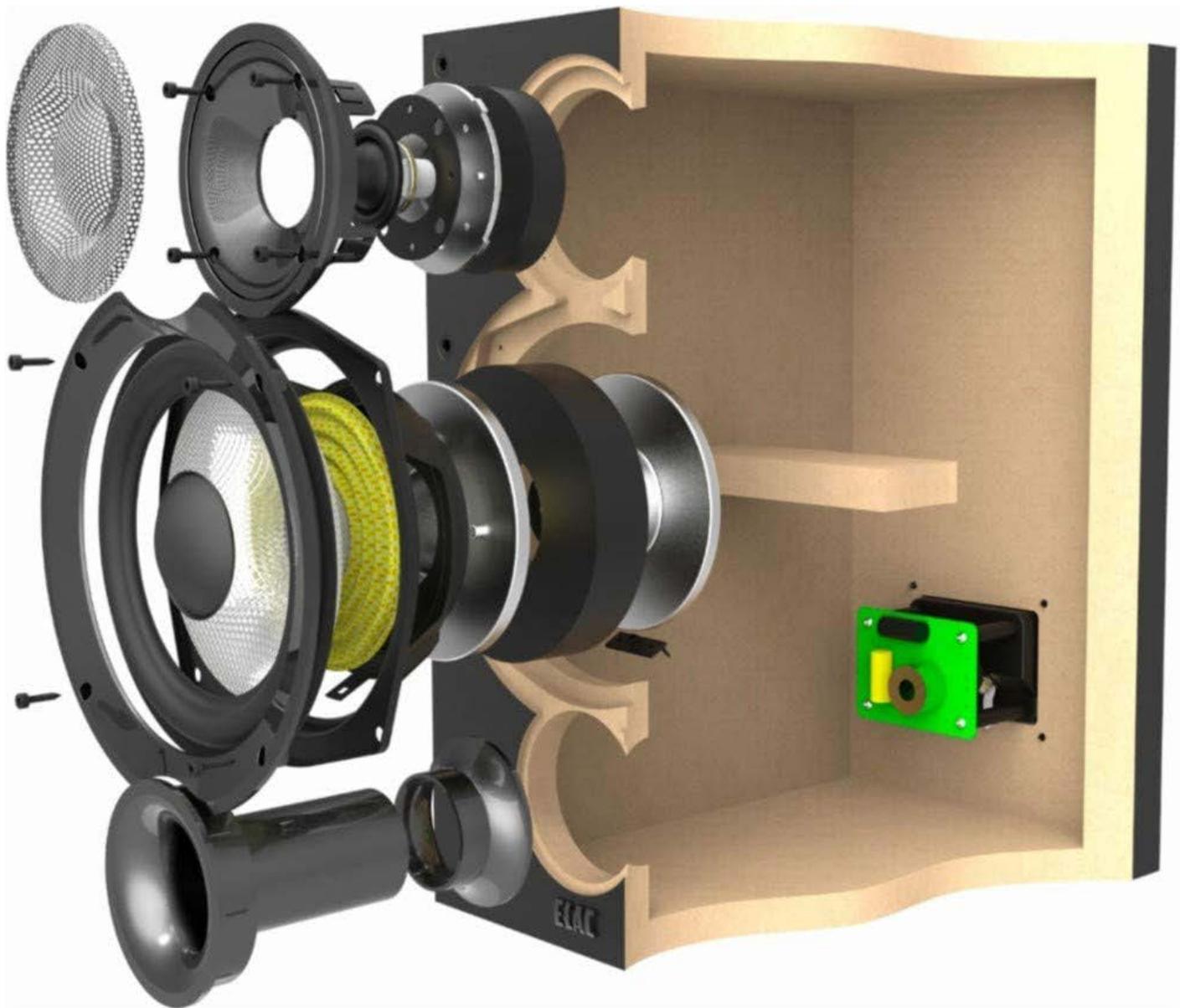
A nova safra da Elac, sob a batuta do renomado Andrew Jones, mais uma vez excede as nossas expectativas, com a Debut 2.0 B6.2, uma bookshelf com pegada de gente grande. A Mediagear colocou um concorrente de peso em nosso mercado nacional.

Andrew Jones é um gênio, e como tal possui a mania de fazer projetos complexos parecerem extremamente simples. Chega a ser ridículo e genial ao mesmo tempo, pois fazer o óbvio – que é tocar direito – costuma ser deixado de lado em caixas de entrada, dando lugar à estética. Nesta levada, a Debut 2.0 B6.2 mostra todas as

sacadas do bruxo sem perder a essência da marca alemã, simples e atemporal, uma caixa acústica feita à moda antiga.

Neste novo modelo, a Elac mudou bastante coisa. Embora se pareça muito com os modelos anteriores da marca, quase tudo sofreu mudanças, seguindo a receita alemã, tudo de um jeito bastante sutil. A única coisa que se manteve inalterada foi a folha de madeira preta e a tela de proteção/difusão do tweeter. A caixa acústica é do tipo bass-reflex, responde de 44 Hz a 35 kHz, utilizando woofer de cone de aramida, com tweeter que é o mesmo presente nas versões anteriores, mantendo inclusive o mesmo rebaixo e tela que ajuda na dispersão das frequências - só que desta vez foi melhorado pelo bruxo, então é de se esperar que a coisa tenha ficado muito boa.

O gabinete em MDF recebeu reforços para uma melhor rigidez, e conter as vibrações e ressonâncias espúrias a fim de manter um ótimo equilíbrio tonal, ponto forte desta caixa, e junto com esta



atualização o duto de ar do bass-reflex veio para frente. Há um mito de que saídas dianteiras permitem posicionar caixas acústicas mais próximas da parede de fundo, e que com isto é possível deixar as caixas em estantes e coladas na parede - mas a meu ver não ajuda em nada neste quesito. Toda caixa acústica precisa de distanciamento da parede de trás, para formar palco e render corretamente. Se estiver em pedestais com a altura correta, alinhadas com os ouvidos, melhor ainda! A lenda de que dutos dianteiros permitem posicionar as caixas mais próximas da parede cai por terra quando sabe-se que caixas seladas pioram, e muito, sua apresentação musical quando grudadas na parede. Não há cristão que agüente ouvir uma caixa acústica nestas condições. Quem manda de verdade nisto são as características acústicas da sala, seja ela 'pelada' ou

cheia de móveis, e até tratada acusticamente. A curva de medição da caixa acústica indica os picos e vales de frequências presentes na sala e, aí sim, a caixa pode ir mais para frente ou para trás da parede de fundo.

Voltando à Debut B6.2, o visual segue a regra do pretinho básico com cantos vivos e woofer adornado por um anel com textura fosca, que além de trazer mais requinte ao projeto, ajuda a posicionar melhor o falante para que o alinhamento de fase entre tweeter e o woofer seja o mais coerente possível.

A única parte da caixa acústica que não me agradou totalmente, foi a posição dos bornes - que a Elac e quase todas as marcas insistem em manter nas medidas do padrão comercial. Os bornes ►

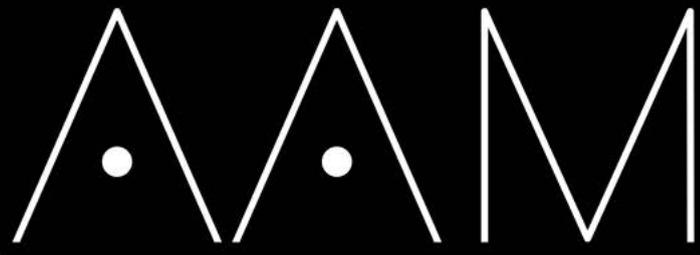


são lindos, possuem um acabamento excelente, mas estão muito próximos fisicamente um do outro. É chato de apertar, pois não há espaço para posicionar os dedos e conseguir um bom grip. Isto não é um problema apenas da Elac, pois quase todos os fabricantes cometem este erro em caixas acústicas de entrada. Parece que rejeitam a ideia de que seus potenciais clientes utilizem, em uma caixa de entrada, cabos com plug spade - apenas que utilizarão banana. Neste ponto o bruxo me decepcionou.

Mas vamos ao que interessa, que é como toca. Para este teste utilizamos os seguintes equipamentos. Fontes: toca-discos de vinil

Pro-Ject RPM 6.1 SB com cápsula Ortofon 2M Bronze, pré de phono The Phonostage da Sunrise Lab, streamer Innuos Zen Mini com fonte externa e DAC Aqua Formula. Amplificação: Sunrise Lab V8 Mk 4 Signature Special. Cabos de força: Transparent MM2, Sunrise Lab Reference II Magic Scope, Sunrise Lab Premium. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Reference Magic Scope, Sax Soul Cables Zafira III XLR. Cabos de caixa: Sunrise Lab Reference II Magic Scope, e Sunrise Lab Premium Magic Scope.

O amaciamento da Debut B6.2 é bastante tranquilo. Ela impressiona logo nos primeiros acordes, sofrendo menos com o



AUDIO CONSULTING

Para quem deseja extrair o melhor do seu sistema analógico.

A AAM presta consultorias em áudio e é especializada em instalação e ajustes de equipamentos analógicos - toca-discos e gravadores open reel.

andremaltese@yahoo.com.br - (11) 99611.2257



amaciamento, pois tem uma boa folga desde o começo. Isso aumenta o leque de gravações a serem ouvidas no início do amaciamento. Aproveitando essa folga, já comecei as audições com Madeleine Peyroux - Dreamland, faixa 5, e Holly Cole Trio - Don't Smoke in Bed, faixa 11. Devo dizer que me surpreendi bastante com o relaxamento que a B6.2 mostrou nestas músicas, em seus primeiros minutos de vida. O arejamento e a ambiência desta caixa realmente chamam a atenção. A folga com que ela lida com os arranjos e as conversações entre os instrumentos impressionam bastante. As texturas do violino e do acordeon na música da Madeleine, e na gaita e no piano da Holly Cole, nos fazem duvidar do valor desta caixa! Até parece que a caixa saiu da fábrica pré-amaciada de tão bom que fica.

O amaciamento durou 300 horas. As caixas ficaram a um metro da parede de fundo, 60 cm das paredes laterais, e com mais ou menos 2,7 metros entre elas. Decidi sair do jazz e dei uma virada no gênero musical, fui para Hotel California, do Eagles - Hell Freezes Over, e aí a musicalidade, o balanço e a expressividade, juntamente com a suavidade, inundaram a sala de audição. Daquele jeito que te faz esquecer o sistema, fechar os olhos e curtir a música, sentindo muita inveja de quem estava lá no show. Jazz e blues quase todas as caixas tocam razoavelmente bem, o destaque fica mesmo por conta das gravações mais comprimidas de rock progressivo, reggae e eletrônico. Depeche Mode - Black Celebration, faixa 2, e Kraftwerk - Computer World, faixa 6, ficaram espetaculares! O palco amplo, a velocidade dos transientes e o foco desse tweeter deram aos sintetizadores mais inteligibilidade e, com isso, cada intervenção eletrônica ganhava um sentido próprio que se complementava como atos na música. Isto é bastante interessante para uma caixa acústica deste porte.

Os timbres são muito bons e a precisão no palco sonoro é algo fora de série, lembra bastante os tweeters tipo Air Motion Transformer, mesmo sabendo que passa longe de ser. O palco é alto, amplo, e recheado de boas surpresas quanto aos planos. O grave é vincado, tem boa articulação e não sobra nem falta de peso. Claro que desce menos que uma torre, mas as frequências baixas estão tão bem-resolvidas que só sentimos falta mesmo - mesmo(!) - em música clássica. Aí o caldo engrossa um pouco, e sentimos falta da maior litragem e do falante a mais. Neste gênero, ela toca muito bem conjuntos menores, como sextetos e quartetos, mas orquestras completas ela apenas cumpre o combinado.



CONCLUSÃO

A Elac coloca uma excelente bookshelf para brigar em um segmento que, até então, era capitaneado pela Dynaudio Evoke 10. A Elac Debut 2.0 B6.2 se mostra uma excelente alternativa para o audiófilo que tem pouco espaço e sofre com palco pequeno e baixo, e de brinde ganha uma sonoridade limpa, imponente e que não escolhe gêneros musicais.



ESPECIFICAÇÕES

Tipo	2 vias Bass-Reflex
Resposta de frequência	44 Hz - 35.000 Hz
Impedância nominal	6 Ohms
Sensibilidade	87 dB @2.83v/1m
Frequência de corte	2.200 Hz
Potência máxima admissível	120 Watts
Tweeter	1" domo de tecido
Woofer	6-1/2" cone de fibra de aramida
Gabinete	MDF CARB2
Dimensões (L x A x P)	20 x 38 x 27 cm
Peso	7,4 kg

PONTOS POSITIVOS

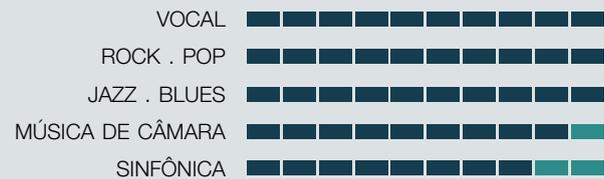
Ótimo equilíbrio tonal. Palco amplo e alto. Muito boa para salas pequenas.

PONTOS NEGATIVOS

Bornes de caixa poderiam ser mais afastados.

CAIXAS ACÚSTICAS ELAC DEBUT 2.0 B6.2

Equilíbrio Tonal	10,5
Soundstage	10,5
Textura	10,0
Transientes	10,5
Dinâmica	10,0
Corpo Harmônico	10,0
Organicidade	10,5
Musicalidade	10,0
Total	82,0



Mediagear
contato@mediagear.com.br
(16) 3621.7699
R\$ 4.341

**ESTADO
DA ARTE**



TESTE
4
AUDIO





BRAÇO ORIGIN LIVE ENTERPRISE C MK4

 **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

Se tivéssemos a chance de testar todo produto com a maior variedade de equipamentos, estaríamos vivendo a situação ideal para qualquer revisor crítico de áudio. E às vezes isso ocorre! Não com a frequência que desejaríamos, mas ocorre!

E este foi justamente o caso do braço Enterprise C MK4, que teve a possibilidade de ser escutado no toca-discos Timeless Ceres, e no seu próprio par de direito: o toca-discos Origin Live Sovereign (leia teste na edição de aniversário 273) - além de um belo arsenal de cápsulas e prês de phono.

Vejam a lista dos prês: Boulder 508, PS Audio Stellar, Luxman EQ-500, Nagra Phono Classic, e Gold Note PH-1000 (teste na edição de outubro). E a lista das cápsulas: SoundSmith Hyperion 2, Hana Umami Red, ZYX Bloom 3, e Grado Statement Series 2.

E outra grande vantagem foi que tivemos 6 meses do braço em testes, antes de fechar nossas conclusões finais (quisera ser sempre

assim) - o que permitiu que este fosse de longe o teste mais consistente de um braço.

Se tem uma área específica que meus críticos podem me acusar de 'conservador', são nos meus setups de braço. Pois reconheço que neste caso específico eu só realizo um upgrade quando todos os parâmetros por mim essenciais foram seguramente superiores. E neste caso, não estou falando apenas de performance, mas também de compatibilidade com cápsulas e com toca-discos. E neste sentido, o SME Series V me atendeu por uma década de forma magistral.

Porém chegou o momento também de realizar um upgrade neste componente que julgava atender-me incondicionalmente. E o fiz de forma tão segura e consistente, pois ao final o Enterprise C MK4 se mostrou superior em todos os quesitos da Metodologia, assim como também no de compatibilidade com cápsulas e com toca-discos. ►



Mas confesso que desta vez 'extrapolei' no upgrade, pois em vez de pegar uma unidade de 9,5 polegadas, que seria o mais óbvio, optei pela versão de 12 polegadas. Algo que já vinha sendo pensado desde que testei o toca-discos da Mark Levinson, modelo 515 (leia teste na edição 266), e fiquei com várias pulgas atrás da orelha com o braço de 12 polegadas da VPI instalado nele. Pois em um comparativo com vários discos de referência, algumas características no desempenho geral me chamaram muito a atenção.

A mais evidente foi o conforto, precisão e detalhamento do braço de 12, em relação ao meu SME V. E, segundo, algo também muito evidente no analógico: o corpo dos instrumentos, que eram ótimos no SME V, se tornaram muito mais 'realistas' no VPI de 12 polegadas.

Aí, terminado o teste, consegui com um amigo um Jelco de 12 polegadas e novamente algumas das características se repetiram (no caso do Jelco, a maior foi o realismo do corpo harmônico e a folga e inteligibilidade em passagens muito complexas).

Como já havia escutado o efeito 'braço Origin Live' no teste do toca-discos Timeless Ceres (leia teste na edição 269), e se tratava de um braço inferior à linha Enterprise, arrisquei sem ouvir e comprei a versão de 12 polegadas.

Meu amigo, foi o maior tiro certo que dei em minha vida! Pois tudo que havia observado nos dois braços de 12, se repetiram e de forma ainda mais veemente e rica!

Não sei se é fato ou pura lenda, mas dizem que este foi o braço em que mais tempo o projetista Mark Baker (projetista e fundador da

Origin Live) se debruçou em achar soluções que o transformassem em uma referência absoluta em termos de braço de 12 polegadas.

Se você entrar no site da Origin Live, lerá que com o Enterprise C MK4 é possível atingir um nível de desempenho de braços exorbitantemente mais caros (leia as resenhas de vários articulistas descrevendo suas impressões), o que se traduz em uma velocidade muito mais precisa, um realismo que nunca foi tão próximo da música ao vivo, e um grau de inteligibilidade que retira o máximo de toda cápsula que nele for instalada.

Parece mero discurso de marketing, como tantos que todos nós já lemos ou ouvimos. Mas este 'discurso' cessa assim que você ouvir este braço em um setup compatível e devidamente ajustado. Pois o que você irá escutar é exatamente o que foi descrito no site. Sem tirar nem pôr uma vírgula. Felizmente não sou o primeiro revisor deste incrível braço, então tenho dezenas de testemunhos de publicações conceituadas e de inúmeros audiófilos em vários fóruns internacionais.

Mas mesmo que fosse o primeiro a testar essa última versão, não me sentiria intimidado em descrever o que segue.

Mas, antes, vamos a descrição do braço, segundo a própria Origin Live:







“O tubo do braço é composto de seis materiais para uma melhor qualidade na dissipação de energia e maior rigidez no braço. Com isso se conseguiu: maior transparência, dinâmica e desempenho. O rolamento de pivô duplo de ultra baixa fricção proporciona maior clareza e agudos ultra estendidos, naturais e precisos. Os rolamentos verticais flutuantes desacoplam o tubo do braço e evitam que o braço acrescente coloração ao som captado pela cápsula. O desacoplamento de pivô duplo sofisticado do Enterprise, incorporou várias camadas adicionais de isolamento nos rolamentos verticais, o que produz níveis mais baixos de coloração, permitindo muito maior inteligibilidade na micro dinâmica. O shell é feito de um composto de metais proprietário da Origin Live. O cabo interno do braço Linear Flow 2, fabricado pela Origin Live, para perda mínima de sinal, resultando em maior fidelidade recebida na cápsula e entregue ao pré de phono. Este cabo é totalmente balanceado e 95% blindado. Os plugues phono são WBT nextgen RCA de cobre puro. É notória a preocupação dada no projeto do rolamento de pivô duplo de baixo atrito totalmente estável, para movimento vertical - para isso ele utiliza duas pontas simples de carboneto de tungstênio em copos endurecidos com uma resina especial, amplamente espaçados para imitar a estabilidade do rolamento cardan, mas sem o atrito deste. Os rolamentos para o movimento horizontal são especificados para o mínimo de atrito.”

Ainda que visualmente ele pareça um braço simples de ser manuseado, pode esquecer se você não tiver a experiência de um ‘relojeiro’, pois não saberá realizar os ajustes necessários para se extrair toda a beleza deste braço.

Como em minhas mãos (principalmente depois da colocação de um parafuso no pulso direito, que diminuiu ainda mais os movimentos) e o problema de visão, para extrair o máximo deste produto, contei mais uma vez com a ajuda inestimável do colaborador André Maltese. Desta vez eu tive realmente pena dele, pois foram mais de 4 horas até tudo estar pronto para as primeiras audições.

E instalar no Ceres foi apenas a primeira das tantas viagens, pois depois o braço foi instalado no toca-discos da Origin para o teste na Edição de Aniversário (outras 4 horas dele e do Giovanni da Timeless),

e todas as vezes que troquei a cápsula para os testes. Tenho que agradecer reiteradamente sua boa vontade e aquele brilho no olhar de um adolescente que ele ainda mantém, cada vez que vai ouvir algo novo. É uma baita companhia ouvir as primeiras impressões ao seu lado. Gosto de suas observações comparativas com outros braços e cápsulas que ele conhece, teve ou instalou. É uma enciclopédia aquela mente analógica, rs!

O que esperamos de um upgrade? Que seja o melhor possível em termos de performance - imagino que seja isso que o mova a colocar a mão no bolso. Mas e um revisor crítico, o que ele espera? O mesmo que você, e mais alguns itens importantes, como: sinergia com a maior variedade de toca-discos (no caso de um braço), cápsulas e prés de phono.

Interessante que nestes três quesitos, não posso imaginar braço mais ‘camaleão’ que o SME V, pois ele nunca me deixou na mão, avaliando inúmeros toca-discos, cápsulas e prés de phono. Então quero deixar bem claro, que neste caso específico, o SME Series V só foi trocado pelo quesito performance! E foi indubitavelmente batido pelo Enterprise C MK4, sem nenhum resquício de dúvida!

Não me lembro que revisor crítico, ao ouvir o Enterprise C (acho que a versão MK3) ao comparar com o seu braço de referência, o SME V, escreveu: “em comparação direta, meu SME V soou monocromático em relação ao requinte tonal maravilhoso do Enterprise C”. Minha conclusão foi semelhante em termos de analogia, mas o que mais me chamou atenção foram as diferenças na maneira de apresentar o discurso musical no todo. O SME V sempre deu destaque (independente da cápsula e do toca-discos) aos elementos protagonistas como: solistas, vocais, naipes, fazendo-nos sempre prestar mais atenção ao acontecimento central.

O Enterprise C MK4 não enfatiza nada em absoluto, pois se prende ao todo, é como quando nos distanciamos um pouco mais, para avistarmos as laterais que fogem de nosso campo de visão. E, ao ampliarmos este campo de visão, podemos apreciar a paisagem de forma mais plena e entender a composição que se forma à nossa frente. ▶



Se você ainda não entendeu minha explicação do todo, recorrerei a outra analogia, a de subirmos no monte para olhar com maior precisão a paisagem ao redor do pico.

Parece apenas uma questão de perspectiva, mas engloba muito mais que ouvir de outra maneira, pois nos dá a percepção de que cada elemento não está ali por acaso. Que aquele sutil triângulo quase inaudível, foi gravado para soar daquela maneira naquele compasso. Ou a voz trêmula e quase sussurrada da Elis Regina no disco Elis & Tom, em dois momentos, tem a mesma importância das frases cantadas em alto e bom som. Ou o torpor dos grunhidos de Keith Jarrett (tão familiares a todos que conhecem seus discos), possuem detalhes que acompanham a tensão dos seus acordes, nos crescendo ou não.

O que estou tentando lhe dizer, caríssimo leitor, é que ao ouvir duas ou três músicas neste braço, imediatamente você entenderá o quanto os detalhes são essenciais para uma profunda comunhão com o todo.

E aí cheguei ao ponto culminante da filosofia deste fabricante: reproduzir a 'origem do ao vivo'. Que pode parecer mera pretensão ou marketing, mas que está presente em todos os três produtos deles que tive a oportunidade de escutar até este momento (e espero que possa ouvir outros), e que fica evidente ao ouvirmos um Origin Live.

Quando você acabar de ler este teste, navegue na internet e leia outros reviews, e verá que a descrição e o tópico é o mesmo que estou tentando compartilhar.

E fico muito à vontade, pois o resultado observado não ocorreu apenas com um setup Origin Live, braço e toca-discos. Este mesmo resultado ocorreu no Timeless Ceres, com os dois modelos de braço Origin Live usados. Tanto que, ao colocar o Enterprise C MK4 no Ceres, seu desempenho cresceu, fazendo saltar de 99 para 100 pontos! Pode parecer um mero detalhe, mas não é. Pois todos vocês que estão com sistemas acima de 98 pontos, sabem o quanto um único ponto pode fazer a diferença na 'lapidação' final do setup.

Mas suas habilidades em termos de sinergia não terminam aí, pois todas as cápsulas utilizadas também se beneficiaram deste casamento, tanto que a Soundsmith Hyperion 2, se tivesse sido testada também com este braço, se beneficiaria de 1,5 ponto, fazendo-a se distanciar ainda mais da segunda e terceira cápsula do Top Five.

E até mesmo a Grado Statement Reference 2, já fora de linha, se beneficiaria se fosse testada em relação à quando eu a escutei no SME Series V.

Todas as gravações parecem soar muito melhor com o Enterprise C MK4, mesmo gravações tecnicamente ruins. Independente da cápsula utilizada ou do pré de phono. Discos de prensagem nacional, que sabemos o quão lamentável eram, ganham melhor equilíbrio tonal, e graves sempre escuros ou com pouco peso, ganham recorte, definição. E os agudos brilhantes e sujos, com a melhora nos graves, recuperam um pouco de equilíbrio. Agora consigo ouvir diversos discos do selo Som da Gente, que gravou tantos músicos importantes, e que eram inaudíveis tamanha a falta de critério técnico e qualidade de prensagem. O mesmo acontece com os discos do selo Kuarup.

Se meu pai estivesse vivo, apostaria que sua observação ao ouvir este braço seria: "Trocaram o analítico pela musicalidade!". Exatamente o que fizeram. E conseguiram ir além, pois você ainda extrai tudo que está no sulco, mas não enfatiza as partes.

Uma prova desta argumentação é ouvir qualquer um dos discos do grupo Weather Report, com suas incríveis paredes de sintetizadores (tanto nas camas harmônicas como nos solos) e escutar uma a uma, sem perder a noção do todo, e com aquele conforto auditivo tão desejado por todos os amantes deste grupo como eu, que passaram a vida achando que os engenheiros tinham sido infelizes nas mixagens de vários de seus discos. Não, meu amigo, está tudo lá, mas você precisa do braço certo para descobrir essas maravilhas 'submersas'.

Por quantos anos passamos focando nos upgrades de cápsulas, para conseguir recuperar alguns discos que amamos tanto, e que foram encostados por sempre soarem indecentes em nossos setups analógicos.

E se olhássemos mais atentamente, que talvez em vez de um upgrade em cápsulas, poderíamos pensar em um braço mais moderno ▶

www.vc.rdesign.com



**O melhor integrado
produzido no Brasil**

*A Sunrise Lab tem o prazer de
apresentar o V8 SS, o amplifi-
cador nacional com a melhor
relação custo/performance já
avaliado pela AVMAG.*

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica

TESTE

1

VIDEO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MG4G4KBLVTE](https://www.youtube.com/watch?v=MG4G4KBLVTE)

TV SAMSUNG NEO QLED 55QN90A

 Jean Rothman
revista@clubedoaudio.com.br

A TV Samsung QN90A Neo QLED é uma das melhores TVs que você pode comprar atualmente. É incrivelmente brilhante, incrivelmente fina e repleta de recursos.

Com um painel mini-LED denominado Neo QLED, a QN90A promete um desempenho superior. Os minúsculos LEDs e o novo processador Neo Quantum 4K, com inteligência artificial, contribuem para que a QN90A ofereça tons mais brilhantes, e pretos mais profundos.

A nova linha está disponível nos tamanhos 55 e 65 polegadas.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

A TV 55QN90A segue a linha 8K, e possui uma moldura mínima que praticamente desaparece ao assistir a um filme ou jogar. O estilo moderno das laterais desta TV faz com que tenha uma ótima aparência em uma ampla variedade de ambientes domésticos.

O painel possui apenas 1,4cm de espessura nas bordas, e 2,7cm em sua parte central, e falantes embutidos. O pedestal é do tipo

central, e possui um design curvo muito bonito. Dependendo do ângulo que se olha, a TV parece flutuar no ar. Ela também pode ser fixada em paredes, utilizando o suporte slim - acessório vendido à parte. O design do pedestal deixa espaço livre suficiente para acomodar uma soundbar sob a TV.

O painel é um QLED que utiliza pontos quânticos, e na linha 2021 as fitas de LED internas que iluminam o painel foram substituídas por 40 mini LEDs, que oferecem um preto mais preciso e com menor vazamento de luz.

O controle remoto é fácil de usar, tem o tamanho certo, e não utiliza pilhas, pois carrega por energia solar e luz interna doméstica, ou por USB-C. Também possui teclas específicas para acesso direto a Netflix, Amazon Prime e Globoplay. Consegue controlar praticamente todos os equipamentos conectados à TV, como decoder de TV a cabo, Blu-ray e Apple TV. Também possui acionamento através de comandos de voz - através do Bixby, assistente de voz da Samsung - além de ser compatível com Google Assistant e Alexa (Amazon). ▶



As conexões disponíveis em sua parte traseira são: 4 entradas HDMI, sendo uma com suporte eARC (*Audio Return Channel*), 2 portas USB, porta Ethernet RJ45, 1 saída de áudio óptica digital, 1 entrada RF para antena, 1 entrada para áudio e vídeo composto. A conexão com Internet também pode ser feita por wi-fi 2.4 GHz ou 5 GHz. Também possui conexão bluetooth para fones de ouvido, teclados etc.

RECURSOS

A Samsung QN90A continua com a plataforma Tizen, que oferece excelente interface, rápido acesso às fontes conectadas nas entradas HDMI, e também aos aplicativos instalados. Você pode personalizar facilmente a ordem de execução da barra de rolagem dos aplicativos ao longo da borda inferior, para que seus favoritos apareçam primeiro.

Entre os aplicativos disponíveis, destacamos Netflix, YouTube, Amazon Prime Video, Disney Plus, Apple TV, Globoplay, Tune In, Spotify e Deezer, além da mais recente plataforma HBO Max. A função Airplay permite enviar vídeos diretamente de um iPhone ou espelhar o conteúdo da tela diretamente para a TV.

Uma novidade é o aplicativo Samsung TV Plus, que disponibiliza 32 canais com conteúdos diversos gratuitamente. Ótima opção para quem não assina TVs a cabo.

A QN00A oferece suporte a conteúdo HDR10+, com mapeamento dinâmico, que ajusta brilhos e contraste para melhor visualização de áreas muito claras e muito escuras da imagem. O processador de imagens é o Neo Quantum 4K, com recursos de Inteligência Artificial. A proteção anti-reflexo é muito boa, assim como o ângulo de visão, muito melhor do que as TVs convencionais LCD/LED. ▶

A QN90A possui o modo ambiente 4.0. Ao desligar a TV, ao invés de uma tela preta, você pode ativar o modo ambiente fazendo a TV combinar com o seu espaço através de imagens e texturas pré-definidas, ou tirando uma foto da parede de sua sala e a TV irá se adequar à sua decoração.

A integração com smartphones e dispositivos móveis é muito simples. Basta instalar o aplicativo SmartThings, e você poderá configurar e controlar a TV a partir de seu celular.

Além disso, o app SmartThings permite controlar diversos dispositivos da casa, como luzes, lavadoras, ar-condicionado e fechaduras compatíveis com o sistema. Também permite o recurso de Tap View, compatível com alguns celulares da Samsung, que permite encostar o Smartphone na TV e ver o conteúdo do celular automaticamente espelhado na tela para compartilhamento de fotos, vídeos e apresentações.

Para gamers, a QN90A possui taxa de atualização de 120Hz nativo, e simula uma tela Ultra-Wide, permitindo a exibição nos formatos 21:9 e 32:9 para melhor visualização das partidas sem cortes na imagem. Também possui um menu de jogo para consultar input lag, FPS, HDR e fazer ajustes. Além dos recursos Motion Xcelerator Turbo+ e FreeSync Premium Pro, que melhora o tempo de resposta e minimiza o aspecto de imagens quebradas.

Outra novidade bem interessante é a Multi Tela, que passa a dividir a tela em 2 partes, podendo exibir diferentes conteúdos simultaneamente.

ÁUDIO

A Samsung QN90A apresenta a tecnologia de Som em Movimento, com 60W RMS de potência e 4.2.2 canais de áudio, que acompanham o som dos objetos em cena. Além disso, utilizando-se a nova Soundbar Samsung, ao invés dos falantes internos ficarem desligados, eles passam a fazer parte do conjunto com a função Sincronia Sonora. O som da Soundbar é somado aos alto-falantes da TV, e todos trabalham em conjunto para uma melhor experiência sonora.

QUALIDADE DE IMAGEM

A imagem da QN90A é alimentada por um conjunto de células de luz minúsculas, usando luzes mini-LED, prometendo melhorias dramáticas no contraste e controle de luz de fundo. Os mini-LEDs funcionam com o processador Neo Quantum 4K para fornecer uma imagem otimizada para 4K.

Os recursos HDR do QN90A são excelentes, mas destacam uma peculiaridade das TVs Samsung. Embora o desempenho de alta faixa dinâmica seja ótimo, infelizmente a Samsung não suporta o formato Dolby Vision, usando seu formato HDR10+.

A reserva de brilho da QN90A é imensa. Mesmo em uma sala inundada de luz, a imagem se manteve muito nítida, graças ao excelente tratamento anti-reflexo da tela.

Seu painel com Mini LEDs permite um controle mais preciso da iluminação e das áreas escuras da tela. Isso significa menos vazamento de luz (blooming) quando a imagem exibe áreas claras adjacentes a áreas escuras. Apesar da melhora, ainda notamos um pouco de blooming em algumas cenas mais críticas, como céu escuro com estrelas ou durante exibições de créditos com fundo preto, mas não chega a incomodar na maioria das cenas usuais dos filmes.

Os pretos são bem profundos, aproximando-se dos níveis das TVs OLED, e a QN90A impressiona pelos níveis de brilho, especialmente em HDR, o que a torna excelente opção para ambientes iluminados. Também possui HDR 32X, que oferece um desempenho de alta faixa dinâmica, além das cores vivas que impressionam e agradam bastante.





A QN90A vai agradar muito os gamers, que certamente vão adorar o desempenho dos jogos quando combinada com o PS5 e o Xbox Series X. O baixo input lag, 120 quadros por segundo e taxa de atualização variável, unem-se para fazer esta TV se destacar para games. O Menu de Jogo permite que você veja os detalhes do status do jogo e ajuste a relação de aspecto e a posição na tela. O ângulo de visão é bom, bem como o revestimento anti-reflexo.

A Samsung QN90A, com todos os seus recursos, situa-se entre as melhores do mercado. Vale a pena conhecer! ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- HDR10 Test Pattern Suite
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013

- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4K HDR
- Netflix 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries

EQUIPAMENTOS

- UHD Blu-Ray player Samsung
- Blu-Ray player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital

ANÁLISE GERAL

Descrição	Pontos
Design	10
Acabamento	10
Características de Instalação	10
Controle Remoto	11
Recursos	12
Automação e Conectividade	11
Qualidade de Imagem em SD	11
Qualidade de Imagem em HD e UHD	13
Qualidade de Áudio	07
Consumo e Aquecimento	10
Total	105

Samsung
www.samsung.com.br

Preços sugeridos:
QLED QN90A 55": R\$ 12.999
QLED QN90A 65": R\$ 14.999

**ESTADO
DA ARTE**
SUPERLATIVO



SUA CASA CONECTADA

UP GRADE

AUTOMAÇÃO
REDE
SEGURANÇA
ACÚSTICA

HOME THEATER
ÁUDIO HI-END
VIDEOCONFERÊNCIA
ENERGIA FOTOVOLTAICA

FAÇA UPGRADE NO
SEU SISTEMA COM A
HIFICLUB



ARQUITETURA: PAULO ROBERTO NASCIMENTO

  hificlubautomacao

(31) 2555 1223 

comercial@hificlub.com.br 

www.hificlub.com.br 

R. Padre José de Menezes 11 
Luxemburgo - Belo Horizonte - MG

Empresa do
Grupo Foco BH



TESTE OBJETIVO DE CALIBRAÇÃO DE IMAGEM

Jean Rothman

A TV Samsung QN90A possui 5 padrões de imagem pré-definidos: Dinâmico, Padrão, Natural, Filme e Filmmaker Mode.

O modo “Dinâmico” tem um brilho excessivo e tonalidade extremamente azulada. É um padrão utilizado nas lojas para demonstração de TVs e não deve ser utilizado em ambiente doméstico, pois causa enorme fadiga visual e suprime os detalhes das altas luzes. Tonalidade semelhante foi obtida nos modos “Padrão” e “Natural”.

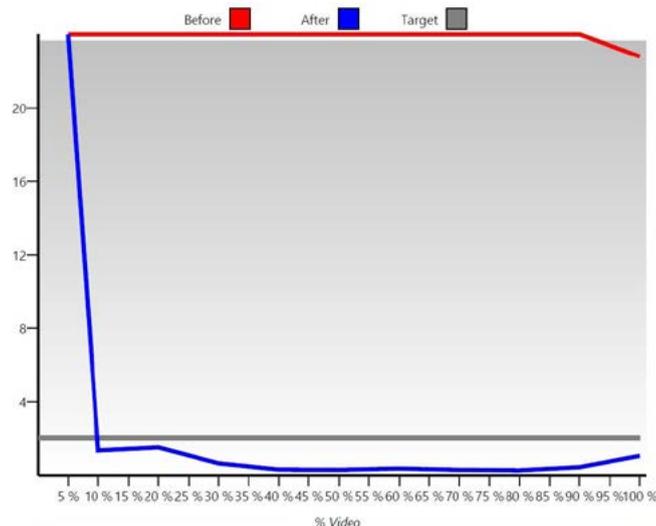
O modo “Filme” esteve bem próximo de D65 (6.500 Kelvin), temperatura de cor adotada como padrão em reprodução de vídeo. Foi o modo adotado em nossas medições fazendo a calibração para 6.500K.

O controle “backlight” foi ajustado para uma luminosidade de 35fL (Foot Lambert, unidade de luminância) em ambiente escuro e 50fL para ambientes claros, Durante o dia o backlight pode ser aumentado conforme a luminosidade do ambiente.

Nas medições pré-calibração, o dE médio foi 31,0 e o maior dE individual de 58,8 (Delta E é uma expressão que indica quão próximo do branco ideal D65 o resultado se encontra. Abaixo de 3 é conside-

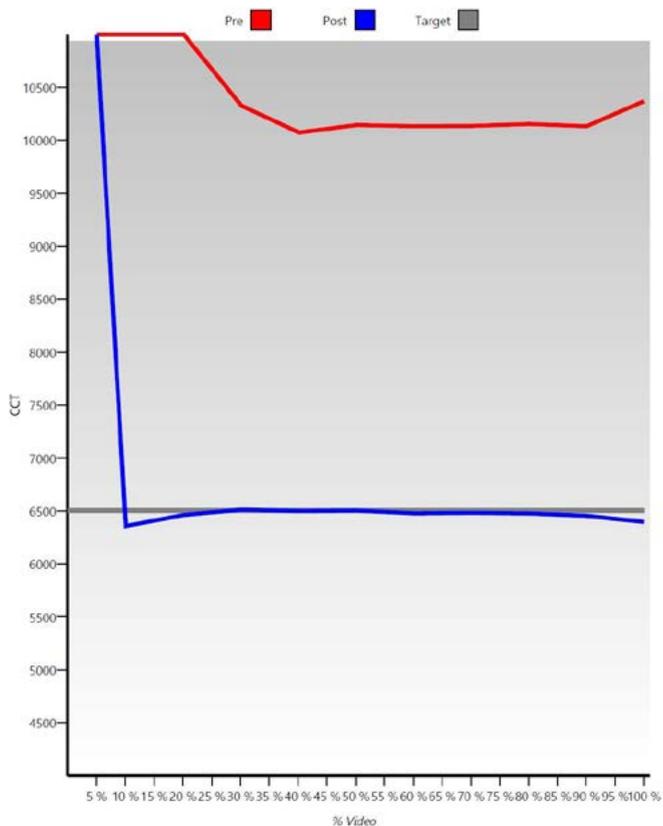
rado visualmente indistinguível do resultado ideal). Após a calibração obtivemos um dE médio de 0,8, resultado demonstrando excelente linearidade na escala de tons de cinza.

Grayscale



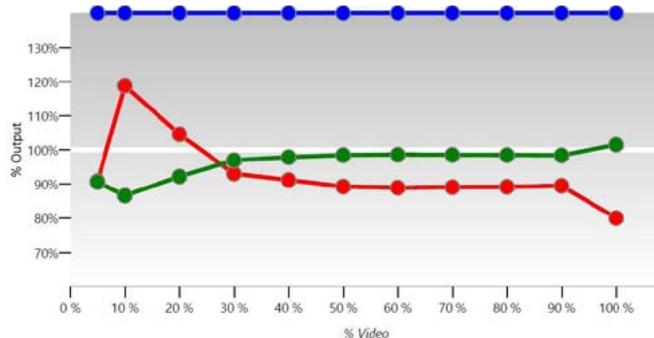
As cores apresentaram extrema saturação de azul (B) e baixa saturação de vermelho (R). Essa diferença foi corrigida na calibração utilizando os controles avançados de cores da TV. O dE médio inicial foi de 9,2 e após a calibração obtivemos dE 0,5, excelente resultado cromático.

Temperatura de Cor

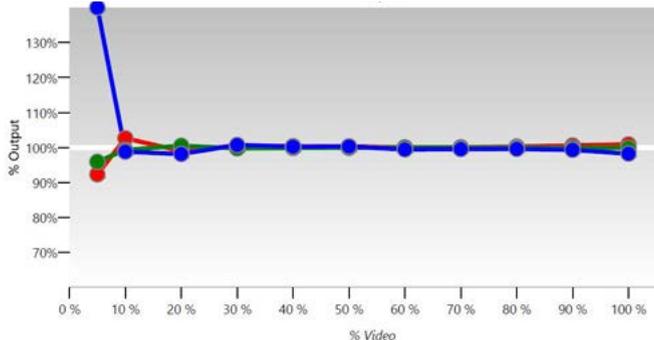


RGB Chart

Antes

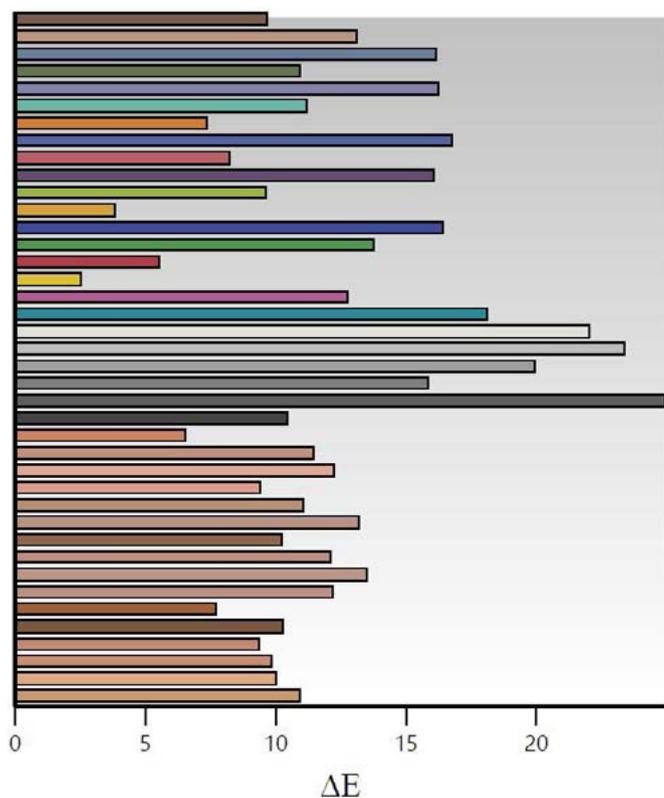


Depois

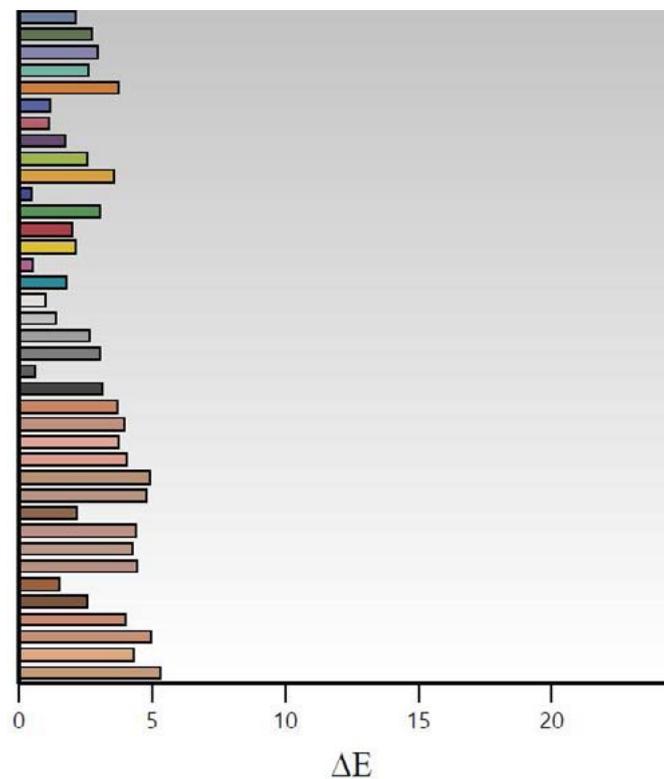


ColorChecker ΔE Performance

Antes



Depois



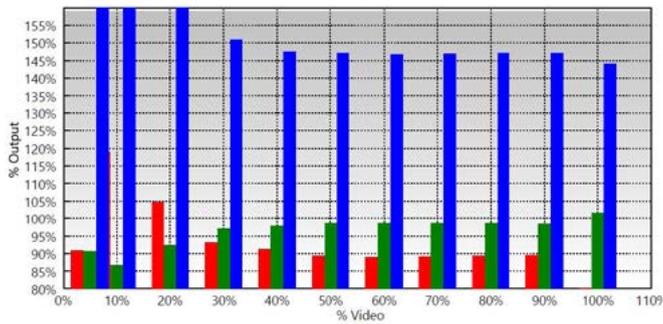
ΔE (Erro)

Cor	Antes	Depois
Dark skin	9.7	3.1
Light skin	13.1	4.6
Blue sky	16.2	2.2
Foliage	11.0	2.8
Blue flower	16.3	3.0
Bluish green	11.2	2.7
Orange	7.4	3.8
Purplish blue	16.8	1.2
Moderate red	8.3	1.2
Purple	16.1	1.8
Yellow green	9.6	2.6
Orange yellow	3.9	3.6
Blue*	16.4	0.5
Green*	13.8	3.1
Red*	5.6	2.0
Yellow*	2.6	2.2
Magenta*	12.8	0.6
Cyan*	18.2	1.8
White*	22.0	1.1
Neutral 8	23.4	1.4
Neutral 6.5	20.0	2.7
Neutral 5	15.9	3.1
Neutral 3.5	26.9	0.7
Black	10.5	3.2
D7	6.6	3.8
D8	11.5	4.0
E7	12.3	3.8
E8	9.5	4.1
F7	11.1	5.0
F8	13.2	4.8
G7	10.3	2.2
G8	12.1	4.4
H7	13.5	4.3
H8	12.2	4.5
I7	7.8	1.6
I8	10.3	2.6
J7	9.4	4.1
J8	9.9	5.0
CP-Light	10.1	4.4
CP-Dark	11.0	5.3

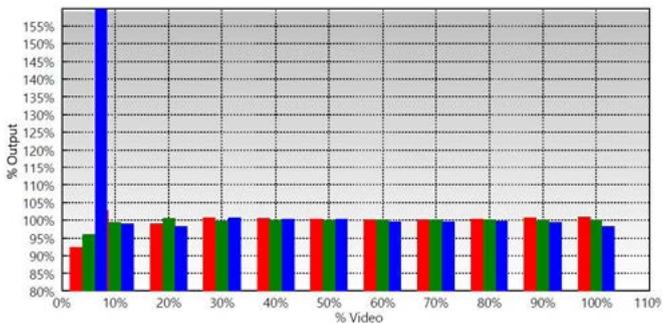
Média 12.5 3.0

Saturação de Cores

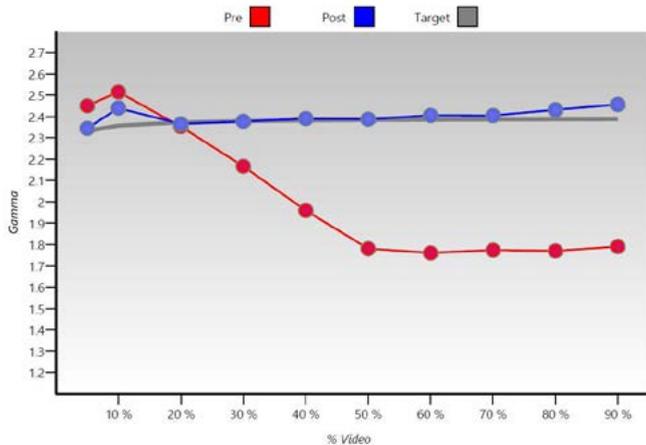
Equilíbrio RGB (antes)



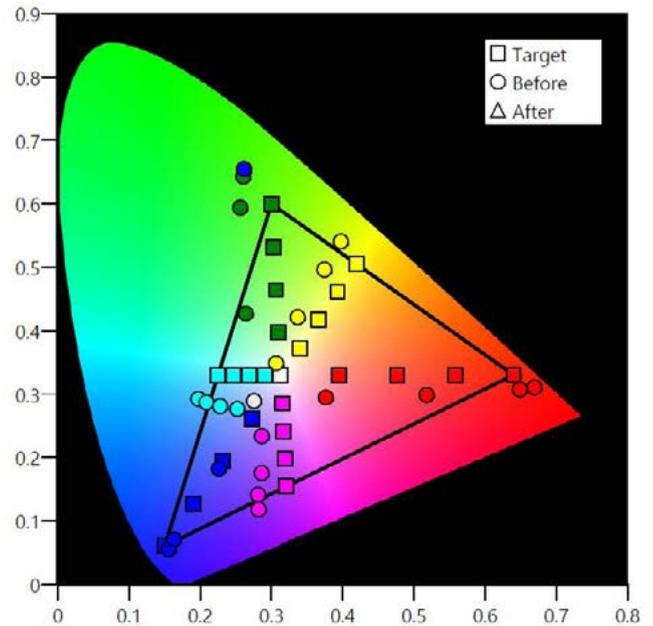
Equilíbrio RGB (depois)



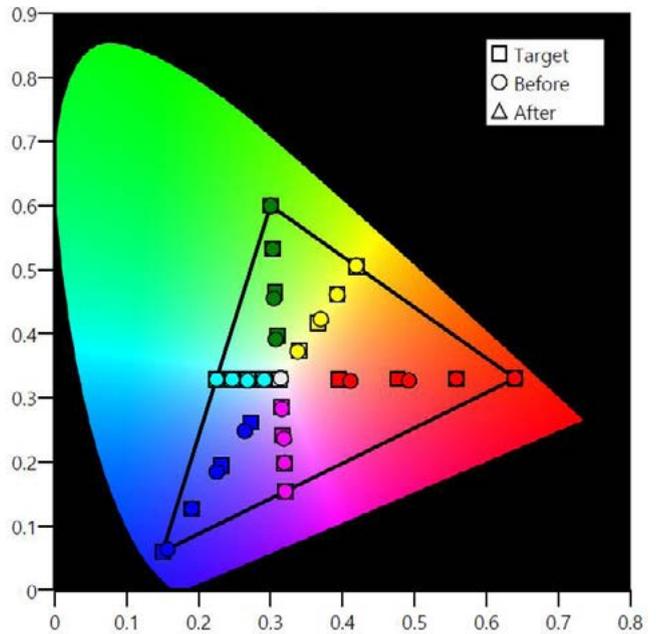
A curva de Gamma inicial estava muito ruim, apesar do bom valor médio de 2,25. Fizemos ajustes utilizando o menu com ajuste em 20 etapas buscando seguir o padrão 2,03. As medições pós-calibração apresentaram Gamma médio de 2,40 com valores muito bons em todos os níveis de estímulo (10% a 90%) e boa linearidade.



Antes



Depois



A taxa de contraste medida foi de 13.156:1, excelente resultado para aparelhos LCD LED.

O resultado cromático pós-calibração foi excelente, apresentando boa linearidade das cores primárias e secundárias, mostrando que a eletrônica da Samsung vem evoluindo consistentemente e atingiu um alto nível de precisão.

A Samsung QN90A surpreende em ambientes iluminados e também com conteúdo HDR.

DYNAUDIO



EVOKE

Evoke é para ser ouvida na sala de estar. Nas salas de cinema em sua casa. Nas salas de audição. É o Hi-Fi de qualidade para todos os ambientes.

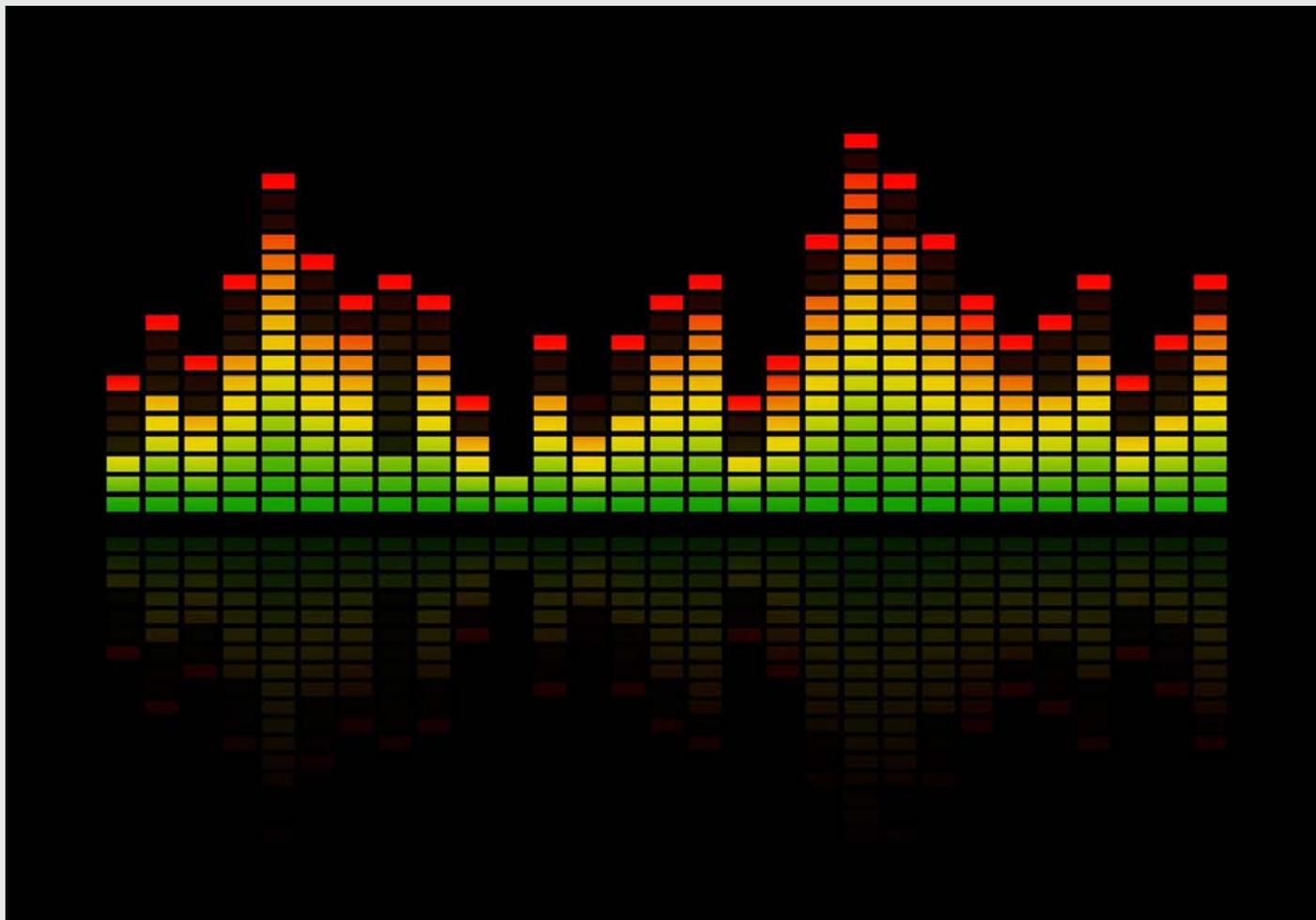
Esta nova gama de falantes utiliza tecnologia avançada diretamente dos nossos produtos topo de linha, incluindo acabamentos, tecnologia de condução e design. Isso significa que cada um dos cinco modelos Evoke pode vibrar com você, crescer com você e ficar com você de qualquer forma que você escute.



(11) 3582-3994
contato@impel.com.br

impel.
com.br

DISTRIBUIDORA OFICIAL DYNAUDIO NO BRASIL



UM EQUALIZADOR LEVADO À SÉRIO!

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

Na minha infância e adolescência - décadas de 70 e 80 - a audição de música como entretenimento nos lares era algo muito mais difundido do que hoje. Hoje tem internet, WhatsApp, memes, YouTube, Instagram, Netflix e afins - hoje é todo mundo ultra 'multimídia'!

Aparelhos de som, a compra mensal de discos - e a audição profunda e séria dos mesmos - assim como a compra de livros, o eventual cinema, e um ou dois filmes por semana na TV, eram toda a diversão que havia. E adorávamos! E interagíamos mais uns com os outros!

A minha família incluía duas pianistas, uma violonista em estado embrionário, e dois fãs e entendidos de música clássica - e isso incluía, obviamente, dois audiófilos: meu avô, com seus valores

audiófilos das décadas de 50 e 60 e seus valvulados, e meu pai, cujo sonho do equipamento de alta performance se concretizou na virada da década de 70 para 80.

Muitos dos valores audiófilos (e melômanos) que me foram passados pelo meu pai nesse período, eu carrego até hoje. Posicionamento de caixas, imutável depois de atingido, e marcado no chão. Uso de melhores cabos para melhor resultado sonoro. Sentar-se no 'sweetspot' para percepção do palco e da localização dos instrumentos. Aí que eu aprendi que os equipamentos de som não vinham com duas caixas por capricho, ou para custar mais caro - eles eram (e são!) estéreo, e a palavra 'stereo' significa 'sólido' em grego! Ou seja, é preciso de duas caixas para formação de uma 'imagem sólida' do acontecimento musical à frente do ouvinte! ▶

Aprendi em casa, e carrego até hoje esses valores e conceitos e ideias - e alguns deles só fui ver e ouvir de novo em outros lugares, décadas depois!

Recentemente, conversei com o Fernando Andrette sobre as ideias errôneas do uso do equalizador - principalmente a de que o equalizador irá corrigir aspectos qualitativos, como a acústica da sala, ou achar que a adequação da curva de resposta de frequência de um setup ou de um fone de ouvido para o 'gosto pessoal' é algo válido (a famosa visão moderna de mundo onde o 'mundo tem que se adequar' à pessoa).

Nesse papo eu lembrei do equalizador que meu pai tinha, no sistema dele, em 1980. 'Ó sacrilégio dos sacrilégios! Um equalizador?!? Queimem ele em praça pública!'... rs... O fato é que esse equalizador, um Micrologic (melhor marca nacional para esse tipo de aparelho, à época), nunca foi usado com uma curva tipo 'sorriso' - ele nunca foi usado 'em vão'!

Explico: meu pai sempre foi um audiófilo muito consciencioso - e, como eu, sempre voltado a resultado e não a fazer pose. Cada componente do sistema foi escolhido à dedo, na época. Então, por que um equalizador?

Bom, para começar, eu nunca tinha visto um equalizador, então nem sabia o que ele fazia - e eu mesmo nunca tive um equalizador em meu sistema, e até hoje não tenho.

Meu pai, pacientemente, explicou como funcionava, e o porquê tê-lo: ele iria regular o mesmo milimetricamente, para tirar o melhor resultado do sistema para ouvir música clássica. Ele queria o resultado que mais se parecesse com a música clássica sendo ouvida em um teatro ou auditório, ou seja, ao vivo, em matéria do que hoje chamamos 'equilíbrio tonal'. Ou seja, fazer pequenas correções, de dois ou três decibéis no máximo, em todas as frequências que aquele equalizador oferecia.

O ajuste do tal equalizador demorou algumas semanas - meu pai era dos que ouvia uma ou duas horas de música todos os dias, depois do jantar, e outras tantas nos fins de semana.

A curva resultante dava uma mínima ênfase em algumas frequências do médio-grave, uma acentuação maior em quase toda a área média e um pouco na média-aguda. As primeiras frequências do grave ficaram em flat (nossas caixas tinham mais de um metro de altura e dois woofers de 10 polegadas em cada caixa, então não precisavam de reforço nos graves), e não havia quase nenhuma ênfase nas frequências mais agudas, já que o sistema respondia bem, e os tweeters das caixas eram tipo ribbon, com uma resposta mais limpa e cristalina.

Trocando em miúdos: uma curva quase flat, com alguma ênfase nos médios. Um levíssimo 'sorriso de cabeça para baixo'. E assim ficou, imutável, durante pouco mais de 10 anos. Meu pai anotou cada posição do equalizador, e amaldiçoou com as Sete Pragas do Egito Antigo quem quer que mexesse naquilo. Aquilo era o ajuste fino, a adequação daquele sistema e daquelas caixas à sala, feitas por um conhecedor, colecionador e especialista em música clássica, com décadas de concertos ao vivo registrados na memória e na experiência.

Seu uso de um equalizador é o mais criterioso que eu já tive notícia até hoje!

Critério & Conhecimento - baseados em estudo e experiência.

Eu usaria um equalizador hoje, mesmo usando essas ideias? Não. Simplesmente porque hoje existem uma série de outros recursos menos invasivos, e porque os equipamentos - inclusive as caixas - tem muito mais folga e equilíbrio que os de 40 anos atrás.

Mas a lição foi sábia. E aprendida. ■

DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

COLABORADORES

André Maltese

Antônio Condurú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

Tarso Calixto

RCEA * REVISOR CRÍTICO

DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Pruks

Fernando Andrette

Juan Lourenço

Rodrigo Moraes

Victor Mirol

CONSULTOR TÉCNICO

Víctor Mirol

TRADUÇÃO

Eronides Ferreira

AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

www.instagram.com/wcjrdesign/

Áudio Vídeo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA AVMAG ME. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA AVMAG ME. Cx. Postal: 76.301 - CEP: 02330-970 - (11) 5041.1415 www.clubedoaudiovideo.com.br

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

EDITORA
AVMAG



VENDO

- Pré de phono Tom Evans modelo Groove +. Em excelente estado. R\$ 25.000.
- CH Precision M1.1. US\$ 60.000.
- CH Precision L1. US\$ 36.000.
- Pré amplificador Luxman, modelo CL 38u SE. Impecável. Embalagem original, apenas 11 meses de uso. Motivo: upgrade no sistema. R\$ 38.000.
- Streamer CXNV2 Cambridge Audio. Impecável. R\$ 9.000.

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br





VENDO

- Upsai ACI 3100 - Power Insulated - equipamento bem conservado e que possibilita criar um aterramento virtual, melhorando significativamente o som. Ideal para quem não tem como criar um aterramento adequado para sistemas hi-fi e hi-end. Este equipamento ainda trabalha como transformação 110v e 220v, além de ter uma robusto banco de filtragem contra ruídos de rede. Ele ainda possui sistema de proteção contra surtos elétricos. Equipamento não possui embalagem original. R\$ 1.000.

- Amplificador multicanais Lexicon DD-8 - Impecável e com menos de 40 horas de uso. O amplificador mais utilizado para aplicações de sonorizações multiroom. Pode também ser utilizado como amplificador multicanais para home theater. Possui 100 W RMS por canal e suporta baixas impedâncias. Acompanha manual de instruções e acessórios. Infelizmente, a embalagem original foi danificada. Comprado oficialmente na AV Group, distribuidor da marca no Brasil. R\$ 10.000.

Silvio Volpe Junior
 svolpejr@gmail.com
 (11) 97419.4105



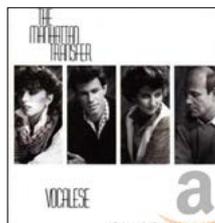
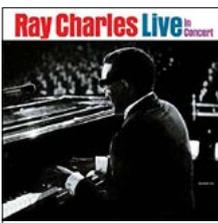
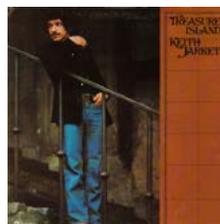
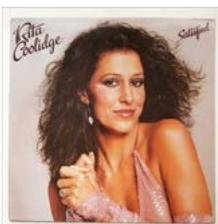
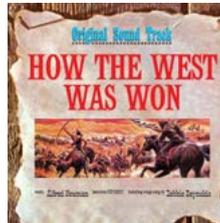
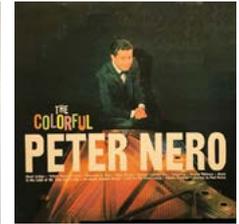
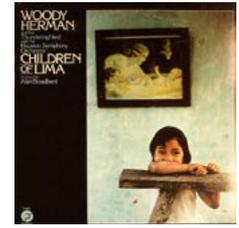
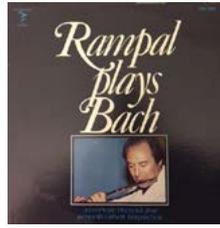
VENDAS E TROCAS

VENDO

Lotes de 10 elepês que comprei nos USA nas décadas de 60 e 70. Sou o primeiro dono. Todos em excelente estado de conservação. Em sua maioria, reproduzidos poucas vezes. Nenhum disco jamais foi tocado com os dedos ou com as mãos. Cada elepê segue com seu envelope interno original mais um envelope especial MOFI - Mobile Fidelity, considerado o melhor do mundo. Este é feito com papel de palha de arroz, antiestático. Todas as capas estão conservadas e são protegidas por duas jaquetas tipo cristal, também MOFI. A primeira (12 1/2 x 12 3/4" x 3 mil) é a proteção mecânica para a parte externa e a coloco no mesmo sentido que a abertura da capa para retirada do elepê. A segunda (12 3/4 x 12 3/4" x 4 mil) é utilizada para evitar o acesso de particulados ao disco. Feita de polipropileno de alta densidade, é inserida de cima para baixo na capa já protegida. Como todos os demais elepês da minha coleção, esses discos são armazenados verticalmente, com leve compressão lateral, em ambiente com temperatura e umidade controlados. Oferta de ocasião: R\$ 2.000,00 cada lote. Outros lotes disponíveis. (FRETE NÃO INCLUSO).

Luiz Fernando Cysne

Whatsapp: (11) 99990.9155



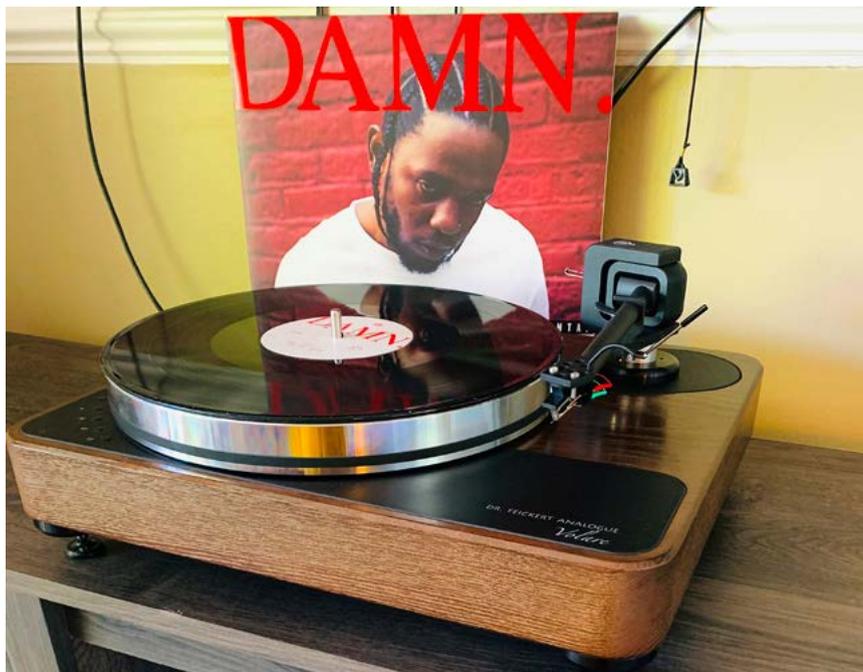
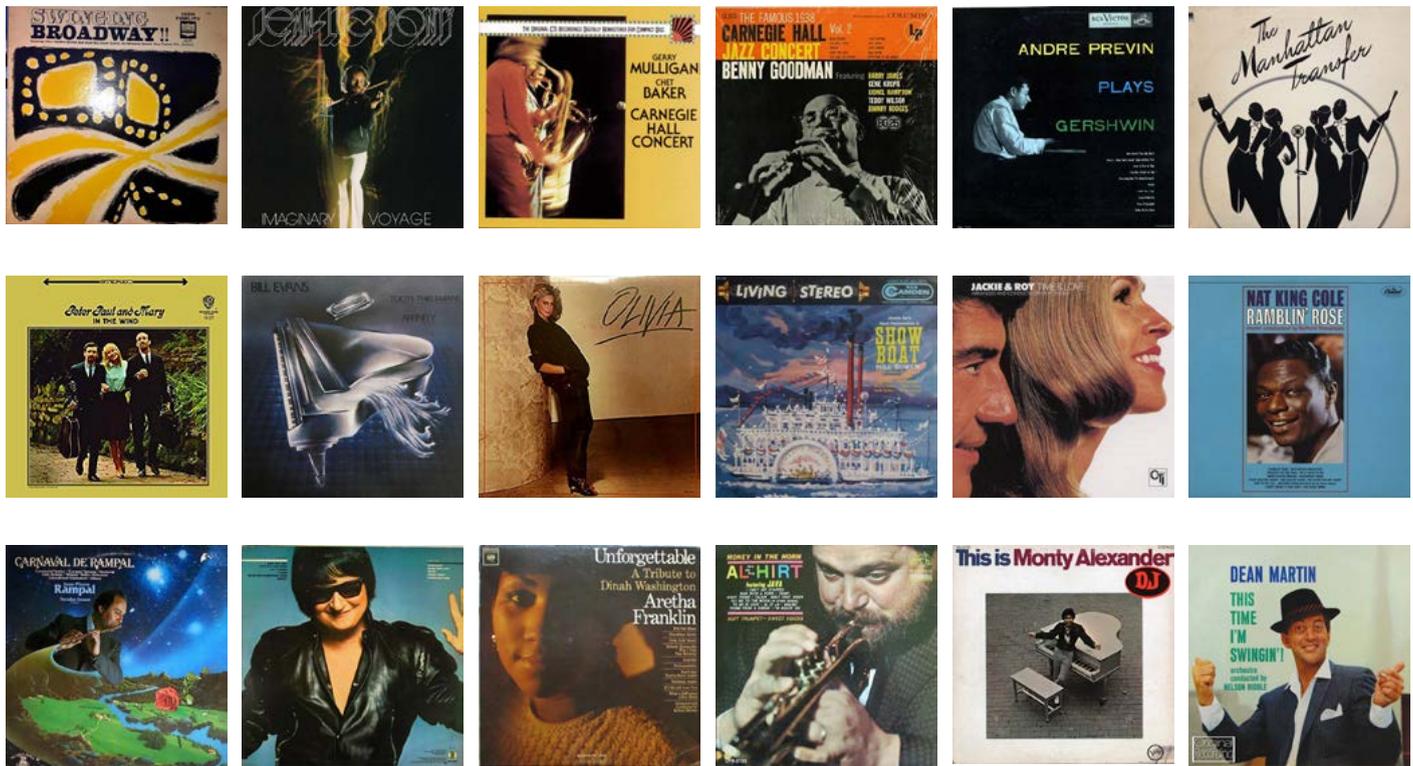


Imagem meramente ilustrativa

VENDO / TROCO

- Braço Kuzma Stogi de 9 polegadas.
 Em estado de novo. Na caixa com todos os manuais e acessórios. Com cabeamento original CARDAS terminado em ponteiros XLR (facilmente trocável para RCA caso queira). Posso aceitar troca conforme material.
 R\$ 9.800.

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257

VENDAS E TROCAS

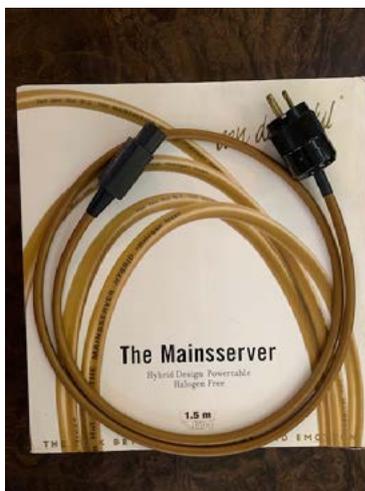
VENDO

- Cabo de rede Ethernet Cable Sotm Dcbl-Cat7 - 1,5 m. R\$ 2.300.
- Cabo de força Van Den Hul The Mainsserver 1,5 m. R\$ 1.000.
- Cabo USB Furutech GT2 Pro - 1,2 m. R\$ 950.
- CD SACD Player Platinum Power Base MSB Technology. R\$ 47.000.
- Condicionador AC Organizer LC311 SE. R\$ 6.800.
- Cabo de caixa Sax Soul Ágata 2 - 2,5 m. R\$ 14.000.
- 2 Cabos Interconnect RCA Sax Soul Ágata 2 - 1,1 m. R\$ 7.500 (cada).
- Cabo de força Sunrise Lab Quintessence MS - 1,2 m. R\$ 6.500.
- Cabo Digital RCA Sunrise Lab Quintessence MS - 1 m. R\$ 5.000.
- Cabo Digital RCA Furutech Digiflux - 1,2 m. R\$ 4.290.
- Cabo de força Logical Cables Eternity 3 - 1 m. R\$ 1.800.

Valdeci Silva

(44) 99957.6906

valdeci.vgds@gmail.com





O MAIOR ACERVO DE MÚSICA
A SUA DISPOSIÇÃO

DISCOS de
SELOS AUDIÓFILOS
IMPERDÍVEIS!



**FAÇA PARTE DO
NOSSO GRUPO
DE WHATSAPP!**

Receba diariamente ofertas
de CDs e Vinis (audiófilos e
standards), com condição
de remessa via sedex.

11 99341.5851

VENDAS E TROCAS



VENDO

- Amplificador Integrado Accuphase E- 470. Primeiro dono, 2 anos de uso, comprado em outubro 2018, importação oficial da Impel pela Cia. Virtual Mix. Estado impecável sem arranhões ou marcas de uso. Com embalagem original, cabo de força original , controle remoto e manual.

R\$ 45.000.

- DAC LUXMAN DA-06

Primeiro dono, 2 anos de uso, comprado em novembro 2018 no importador oficial do Brasil, Alpha Audio e Vídeo. Estado impecável, sem arranhões e marcas de uso. Embalagens originais, manual, folhetos de instalação, CD original Luxman com USB driver para Mac/Win e cabo de força original.

R\$ 20.000.

Mauricio Losada

mlosada@uol.com.br

11 99622 0699



VENDO

- Pré-amplificador MBL 6010D - topo de linha da MBL. Considerado um dos melhores do mundo. Estado de novo, pouquíssimo uso.

• 7 inputs (6 RCA e 1 XLR).

• 12 outputs (8 RCA e 4 XLR).

Posso aceitar equipamento como forma de pagamento.

R\$ 120.000 (aceito propostas).

Sérgio Kwitko

sergiokwitko@gmail.com

51 99973.9109

VENDO

- Pré de phono Thorens MM-008.

R\$ 2.100.

- Cabo de caixa By Knirsch Top Wonder

Plus - 2m - R\$ 1.100.

- Cabo de força Audience AU24 Sei low

power - 2m - R\$ 4.500.

Fusível HiFi-Tuning 500mA 5x20 novo
na caixa. R\$ 400.

Logical Cables

Cabo de Força:

• Eternity G4 1m. R\$ 2.200.

• Energy 1,5m. R\$ 5.200.

XLR:

• Cabo Audience AU24 SEi (0,5m)

R\$ 4.500.

Fernando Borges

19 99111-6080

fernandopborges@uol.com.br



UPSAI, um bom motivo para ficar em casa com proteção, qualidade e diversão



Condicionador de energia ACF 2500S

Melhore a performance de sistemas de áudio e vídeo com a Linha de Condicionadores UPSAI.

Design moderno, tomada USB, circuitos com alta tecnologia de proteção controlados por processadores de última geração, garantem energia na medida certa para o perfeito funcionamento dos aparelhos a ele conectados.

Imagens Ilustrativas

criação: msymarketing.com@gmail.com

 @upsai.oficial
www.upsai.com.br

vendas@upsai.com.br | 11 - 2606.4100



UPSAI
sistemas de energia